

REVISTA DA SEMANA



BIBLIOTHECA
KID
CONT.

Cr\$
1,50
EM TODOS
OS BRASIL

9-6-45
Nº 23

TONELAGEM AEREA



CLIPPER EXPRESS

SERVICO RAPIDO DE ENCOMENDAS
AEREAS PELOS "CLIPPERS" DA PAA

Amanhã, o "Clipper Express" lhe oferecerá um serviço ainda mais rápido e conveniente, para qualquer carga — desde alfinetes até casas desmontáveis.

Sim, o serviço de carga aérea é, para alguns, um plano para amanhã — para quando forem eliminadas as limitações de equipamento e pessoal, a paz colocar ao alcance de todos o transporte aéreo ainda mais rápido, mais frequente e econômico... graças ao "Clipper Express" da Pan American World Airways. Mas há já muito tempo que o

"Clipper Express" da Pan American une centenas de lugares nas três Américas. Porém, se os seus despachos não consistem de material bélico ou de mercadorias vitais à saúde e ao bem-estar da coletividade, não compreendemos durante estes dias de tráfego congestionado e restrições materiais. Lembramos, se as exigências de guerra têm prioridade absoluta sobre todo o equipamento e o pessoal da Pan American.



OLH. AGUADELAS DO BRASIL — Todas as encomendas até 20 kg. até 20 kg. no Brasil e no exterior, em geral, podem ser despachadas até 20 kg. no Brasil e no exterior. Exceção: encomendas de material bélico e de material vital à saúde e ao bem-estar da coletividade, que podem ser despachadas em quantidades maiores. O serviço de carga aérea da Pan American é o mais rápido e conveniente do Brasil, oferecido pela Pan American World Airways.

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers

AS CELEBRIDADES DO RIO RESPONDEM
A UMA "ENQUETTE" — POUCOS SE SA-
TISFAZEM COM A GLÓRIA — OLEGARIO
MARIANO ESTÁ FARTO DE CELEBRIDA-
DE — ARNALDO DE MORAIS E A MEDI-
CINA — A PALAVRA DE UM COMER-
CIANTE VITORIOSO — COMO FALARAM
PROCOPIO E JORACY

Escreveu CELIUS AULICUS

NUMA cidade como o Rio de Janeiro, onde os turistas fotografam paisagens e aspectos característicos, nos passa sempre despercebida, no meio das multidões apressadas, a luta de cada um pelo seu pão de hoje e por sua glória de amanhã, absorvidos como nos encontramos sempre pela nossa própria luta. E dentro das ruas estreitas, no bôjo dos arranha-céus, no cosmopolitismo dos hotéis, do Alto da Boa Vista às praias do Leblon dois milhões de pessoas lutam e se degladiam, visando apenas êste fim: "vencer na vida".

Mas de todos êsses corpos entregues aos trabalhos mais exaustivos, de tôdas essas almas subjugadas pelas ambições mais fortes, quantas são realmente as que chegam à meta desejada? Quantas vidas não se gastam e se consomem inutilmente na conquista dura do pão e da glória. Quantos perecem antes mesmo de haverem conseguido abrir uma modesta conta-popular num banco, e sem ter a consolação de ver, por uma vez que seja, um retrato seu em uma coluna de jornal. E por ser justamente mais difícil e mais rara é que essa vitória se torna ainda mais almejada. E o número dos que conseguem alcançá-la contam-se pelos dedos da mão.

Acontece com a batalha individual de cada um pela sua própria subsistência e pela popularidade, o que acontece com tôdas as outras batalhas: a vitória nem sempre cabe ao que realmente a merece. Mas, por vêzes, o lutador laureado fez em verdade jús ao triunfo.

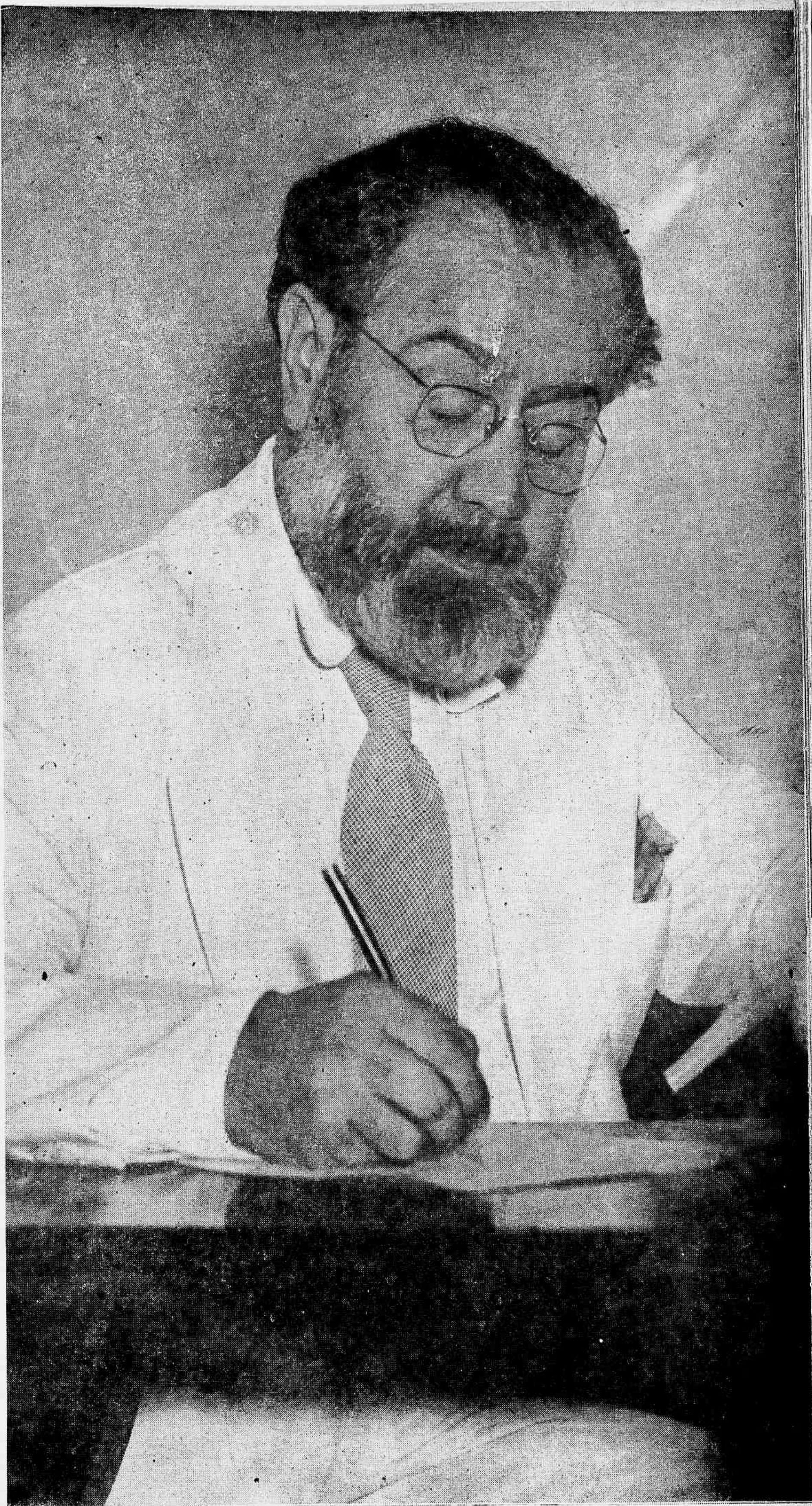
Vamos hoje, por estas colunas, dizer algo sobre as emoções fortes da vitória e da luta pela vida, através uma "enquette" feita com aqueles a quem a vitória sorriu. Falaram ao reporter muitas figuras famosas, que alcançaram a glória e a popularidade nos mais diversos setores da atividade humana. Falaram sobre a sua própria glória, falaram sobre a sua própria luta, sobre os seus sacrifícios e as suas vitórias. As suas palavras, céticas ou otimistas, vamos agora apresentá-las ao público, sem comentários, nuas e frias como nos foram ditadas. Elas ficarão aí, gravadas na linguagem singela de uma reportagem, sem o enfeite de divagações filosóficas, sem o colorido de conclusões científicas. Serão elas um exemplo aos que ainda não alcançaram a glória? Serão apenas um aviso aos lutadores? Não sabemos qual a intenção dos que falaram. As suas palavras são aqui reproduzidas, entretanto, apenas como uma curiosidade. E que os nossos leitores tirem delas as conclusões que melhores lhes parecerem e o proveito que mais lhes convier.

JORACY CAMARGO FALA DA GLÓRIA
E DA LUTA

O primeiro a ser procurado por nós foi Joracy Camargo. O autor de "Deus lhe Pague" coçou o queixo, repetiu baixinho a nossa pergunta: "Se estou satisfeito com a minha situação atual de autor?"

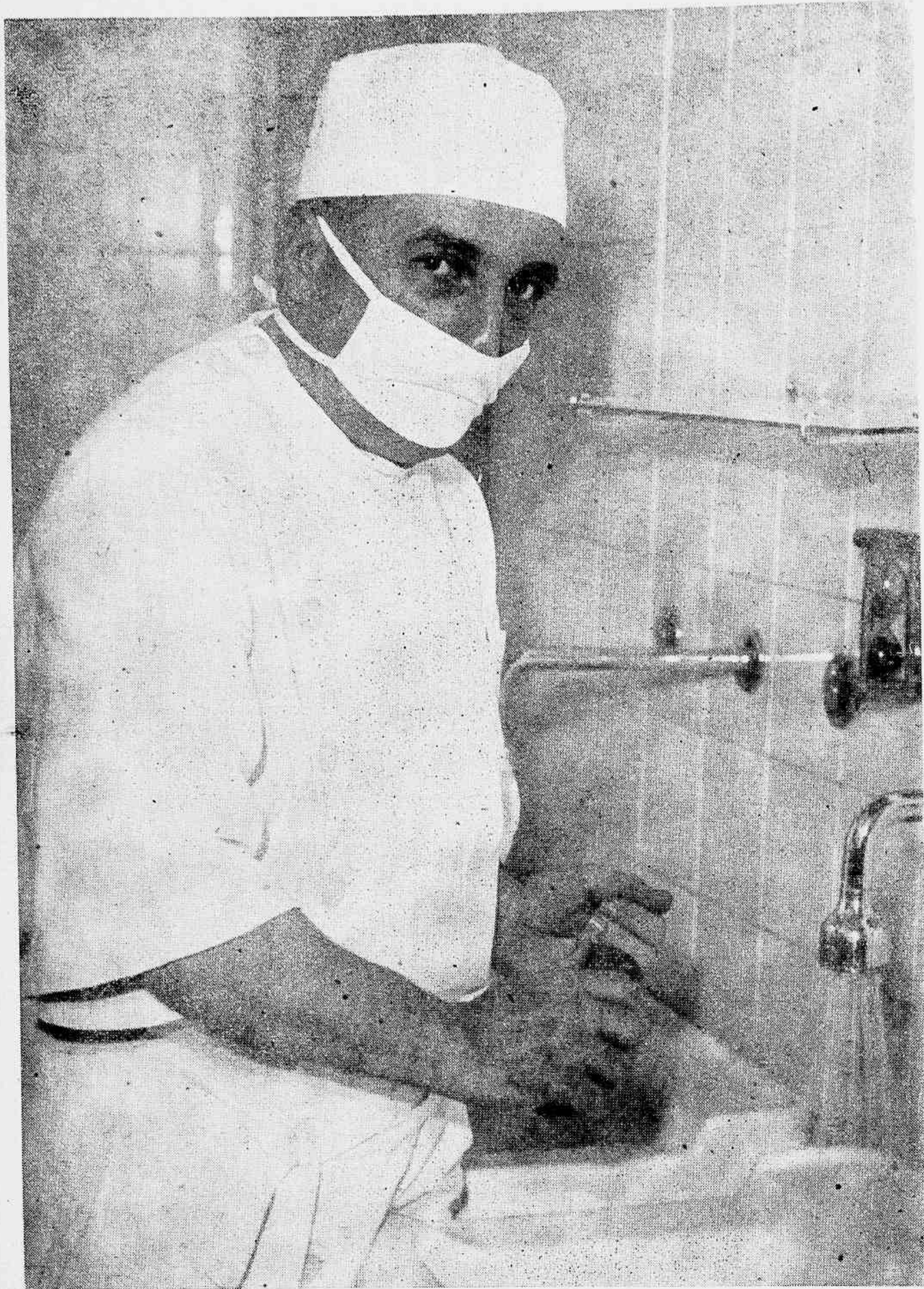
E prosseguiu:

— Só não estou plenamente satisfeito porque ainda não pude realizar tudo quanto



O HUMORISTA — Aporelli Taricio, Baré de Itararé, recebeu-nos democraticamente do alto de seu trono de imperador de tôdas as U. R. S. A. S., prontificando-se a ser modestamente fotografado pela nossa objetiva. Como porém tratava-se de um caso transcendente, que requeria tempo e merecia ser estudado pelo ilustre e querido diretor d "A Manhã" e anexos com todo o cuidado, e submetido à aprovação dos áulicos da corte de Itararé, o Brando, o insigne e sereno pensador deixou para responder depois. Procurado porém pelo reporter, o sr. Barão trancou-se na sizudez de suas barbas e, como certos vultos de influência, pensou que o silêncio era de ouro. E como o nosso sexta-ferino precisava sair à rua, com ou sem a sua brilhante resposta, aqui fica o seu silêncio. Não sabemos se êle está satisfeito com a vida. Podemos afirmar porém que não estamos satisfeitos com êle.

OS EXPONENTES FALAM DA GLÓRIA



O MÉDICO — O dr. Arnaldo de Moraes, famoso ginecologista, também respondeu à nossa "enquete". Revelou o seu amor pela profissão que viera a abraçar, discorreu sobre as vantagens da medicina. Queixou-se porém da falta de recursos hospitalares contra que lutamos, e disse dos planos que tem feito no sentido de dotar o Rio de maternidades modernas, baseadas nos moldes americanos e argentinos.

desejo no campo vastíssimo do teatro. Se, por um lado, tenho podido prover a minha subsistência e a dos meus (que não são poucos) com o produto dos direitos autorais, por outro lado não tenho encontrado as facilidades, constantemente pleiteadas, para os empreendimentos teatrais, que não me dariam dinheiro, mas alimentariam o meu idealismo. Sou autor de mais de quarenta comédias, que me rendem bom dinheiro, mas posso garantir que já organizei um número muito maior de planos, projetos, memoriais, palestras, conferências, discursos e artigos propugnando pela melhoria do nosso teatro e o seu aproveitamento na reeducação dos adultos e a consequente formação do nosso espírito público. Além dos cursos de teatro, que organizei em quase todos os Estados do Brasil, já ofereci ao governo uma série de planos e de estudos, mas sempre em pura perda. De 1936 para cá propus às autoridades responsáveis pela cultura popular e pela recreação da massa, a criação do Teatro do Povo, do Teatro da Criança, dos teatros desmontáveis, dos teatros ambulantes instalados em vagões de estradas de ferro, para levar o teatro aos operários e às populações que vivem nas margens dessas ferrovias; em suma, fiz tudo o que se poderia fazer. Fazer, não: propor. E até hoje nada mais tenho conseguido do que escrever minhas peças, contornando mil dificuldades para torná-las educativas sem prejuízo da atração que devem exercer sobre o público. Nesse particular estou satisfeito. Mas acho que apenas tenho trabalhado para mim, porque não encontro meios de trabalhar apenas para o povo. A culpa não é minha. Fiz o que estava ao meu alcance. Ah! Até livros escrevi: além de peças patrióticas, compus um livro sobre o teatro da criança e outro dando conta das experiências e

O ATOR — Procopio Ferreira foi o homem que levou ao estrangeiro o teatro nacional. As platéias se eletrizaram diante de sua expressão notável e de sua arte "sui generis". O grande sucesso de "Deus lhe Pague", representado mais de mil vezes, aqui e no estrangeiro, já são para ele uma bandeira de glória. No entanto, para o ator, não há maior motivo de orgulho e de alegria que ser pai de Bibi.





O POETA — Fomos encontrar o poeta assentado à mesa de um tabelião. Olegario Mariano respondeu às nossas perguntas com um sorriso, e respondeu com otimismo. Aí o vemos entregue ao seu trabalho no cartório que dirige. O telefone, um velho retrato, papéis, muitos papéis. O poeta trabalha à sombra de um busto em bronze que reproduz a sua efígie. O cantor das cigarras tem em seu escritório de tabelião uma coleção de quadros e objetos de arte, coisas de se estranhar num cartório. Agora, esquecido da lira, ele redige termos e certidões. Não tem novos planos para o futuro, fartou-se de celebridade.

dos resultados obtidos pelos dirigentes do teatro soviético. Todavia, continuo lutando...

Deixámos Joracy entre a redação de um plano que iria submeter à apreciação do titular da pasta da Educação. Ele continuava lutando, não pela glória, mas por uma satisfação íntima. O teatro do povo, estamos certos, lhe dará como prêmio a consciência de haver completado uma obra grandiosa. E esse laurel lhe será mais grato, com certeza, que o sucesso de bilheteria alcançado por "Anastacio".

NA BANCA DE TABELIÃO ENCONTRAMOS UM POETA

Era um escritório vulgar de cartório, com mesas baixas e altas, máquinas de escrever e de somar, livros numerados, muitos livros, imensos livros. Tudo lembrava um cartório. Mas na banca do tabelião estava sentado um poeta: Olegario Mariano. Sentado ao lado de um busto seu. Após um cumprimento rápido respondeu prontamente às nossas perguntas:

— Estou satisfeito com a glória alcançada. Satisfeito e farto.

— E esta glória compensou os sacrifícios da luta?

— Naturalmente. Todos os sacrifícios são recompensados quando há sucesso. Ora, se alcancei algum sucesso julgo-me plenamente recompensado.

(Continua na página 10)

A ATRIZ — Dulcina, a maior celebridade feminina de nosso teatro, não podia deixar de figurar nesta "enquete". Ela nos respondeu laconicamente, mas as suas palavras disseram tudo e, embora modestas, são de uma sinceridade absoluta. Disse em poucas frases o que sentia, com respeito à sua situação atual como atriz. Eis o que falou a intérprete de Joanna d'Arc e da rainha Vitória: "Estou satisfeita com o que consegui até hoje no teatro. Aliás sempre estive satisfeita. Sempre estive de bem com a vida". Interrogada se os seus sacrifícios haviam sido compensados pela vitória, respondeu Dulcina de Moraes: "Nunca fiz sacrifícios. Sempre encontrei alegria em meu trabalho".





Jockey Club Mundano

Os flagrantes que ilustram esta página foram colhidos pela nossa objetiva, durante os intervalos das corridas realizadas domingo último no Hipódromo da Gávea. Como podemos verificar por essas expressivas fotos, numeroso foi o público que ocorreu àquela praça de esportes, onde o ambiente, como sempre, esteve animadíssimo e cheio de emoções.



NESTE NUMERO

ANO XLVI --- N.º 23 --- 9-6-945

REPORTAGENS

Os Expoentes falam da Glória (Celius Aulicus) 3/5 e	10/13
Jockey Club	6
Como entender os Sakharoff	18
Figuras e Fatos	34

LITERATURA

De Camões a Elizabeth e Manuel Bandeira (R. Magalhães Jr.)	9
A caixinha de música (J. B. Priestley)	19
Novak Spayni (Escragnolle Doria)	22
A cura de desilusão (Marcel Chardonne)	24
Sachem (H. Sienkiewicz)	26/27
Livros Novos	32/33

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos	23
Vários Modelos	36/38

CURIOSIDADES

Os criminosos e seu destino	15/16
Ecos da guerra	20/21
Cambridge e Oxford	28/31

SECÇÕES

Aconteceu... ..	7
A Semana em Revista	8
Coisas do Brasil	25
A REVISTA em Hollywood (Luiz Serrano)	42/43

CARICATURAS

Dois em uma (Michel e Zé Carioca)	14
De bom humor	35

NOVELA

"Ressurreição" (Jesey Barbosa)	49/50
--------------------------------------	-------

NOSSA CAPA

Outro valor novo da cinematografia, que surge com muitas possibilidades de sucesso: Adele Jergens, "estrêla" da Columbia, um rosto lindo, mesmo fascinante, que enriquece a sobre-capta deste número. Estamos valorizando as "new-faces" de Hollywood, nesta contínua apresentação de gente que deve tornar-se, em futuro não remoto, o material de mérito maior para o cinema e para o mundo. Mas são outros os fatores de agrado da presente edição, destacando-se a reportagem feita com uma série de expoentes, de homens e mulheres vitoriosos em seus respectivos campos de atividade, a quem a REVISTA procurou conhecer seu estado de alma atual, depois de atingirem a meta culminante. E são realmente preciosas as respostas que nos dão o médico, o comerciante, o industrial, o ator, a "sportswoman", e por aí adiante.

As secções do costume, com amplo noticiário de cinema, teatro — inclusive a entrevista com os Sakharoff — e os modelos femininos completam o sumário deste número, em que ainda sobressaem vários contos e crônicas, e ainda mais um capítulo da novela de Jesey Barbosa, "Ressurreição".

Simultaneamente, continuam os preparativos para a nossa edição especial de aniversário, a sair no transcurso do mês corrente.



De quem é a culpa?

Si V. S. sofre de dôr de cabeça, tonturas, pêsso, calor e mal-estar na cabeça, empachamento, dôres e outras perturbações do estômago, certas coceiras e irritações da pele, falta de apetite, preguiça e moleza geral, língua suja, quentura na garganta, mau gosto na boca, mal-estar depois de comer, indigestão, mau hálito, arrôtos, gases, dôres, cólicas e outros desarranjos do ventre, azias, ânsias e vontade de vomitar, nervosismo e outras alterações da saúde provocadas pela prisão de ventre, a culpa é sua porque não se trata como deve.

Estas moléstias quasi sempre são causadas por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos, que invadem o sangue e prejudicam o organismo.

Para evitar e tratar êstes sofrimentos, use **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre limpa o estômago e intestinos das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosas doenças.

Use **Ventre-Livre**

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre

em casa **Ventre-Livre**

Aconteceu...

Ha 41 anos

O interesse da REVISTA DA SEMANA pelas coisas de teatro não é recente, mas tradicional. Quem se der ao agradável trabalho de percorrer as coleções desta revista, pode encontrar material inesgotável e precioso da crônica de teatro desde o alvorecer do século. Vejamos, ao acaso, um exemplar do n.º 222, de 14 de agosto de 1904, quando a secção "Theatros" (com h) era assinada com o pseudônimo de "Marciolus", que hoje não sabemos quem tenha sido. Eis como se referia "Marciolus" a uma nova representação de "A Severa", com Angela Pinto:

"A Severa", levada à cena no S. José pela Companhia Dramática Portuguesa, foi um notável acontecimento teatral. O desempenho da difícil peça de Julio Dantas foi bom e o público não regateou aplausos aos distintos artistas. A peça de Julio Dantas achámo-la perfeitamente bem escrita e dotada de um espírito de investigação que faz admirar a todos os que conhecem de perto os instintos e a moral das diversas camadas sociais. Se por um lado rebaixa a nobreza até certo ponto, criticando-lhe severamente as suas excentricidades, por outro coloca a "Severa" sob o prisma de um caráter altivo e caridoso, amando a liberdade e sendo escrava pelo coração. Há ainda na peça de Julio Dantas tiradas belíssimas como, por exemplo, a defesa de Marialva, que, quando acusado pela marquesa de ter rebaixado muito a nobreza de Portugal, pergunta-lhe com ênfase se amar, se apreciar as corridas de touros, se cultivar no peito o amor por tudo o que é livre, se ser, enfim, português, sentindo nalma as vibrações do temperamento dos velhos antepassados era descer! Esta tirada foi perfeitamente bem interpretada por Luiz Pinto, que recebeu da platéia boa messe de aplausos. Angela Pinto, no papel de Severa, tem talvez a sua melhor criação. Na interpretação deste tipo de cigana portuguesa ela é impecável e o faz com uma naturalidade que admira, guardando em todo o correr da representação a mesma linha. Além disso foi bem auxiliada por seus companheiros. Quer Luiz Pinto, no papel de Marialva; quer H. Peixoto, no de Custodia; quer Adelia Pereira, no de Chica, cooperaram para o êxito da representação, interpretando os seus papéis com a máxima correção. Foi, pois, uma noite cheia a da primeira da "Severa", que continua dando ao S. José boas casas."

O S. José, hoje, é o popular cinema da praça Tiradentes. E a "Severa" marcou, muito depois, um notável sucesso cinematográfico.

REVISTA DA SEMANA

Comunicamos aos interessados que não está mais em vigor a autorização conferida, ao Sr. **Olimpio de Lucena Montenegro** para obter matéria destinada a esta revista.

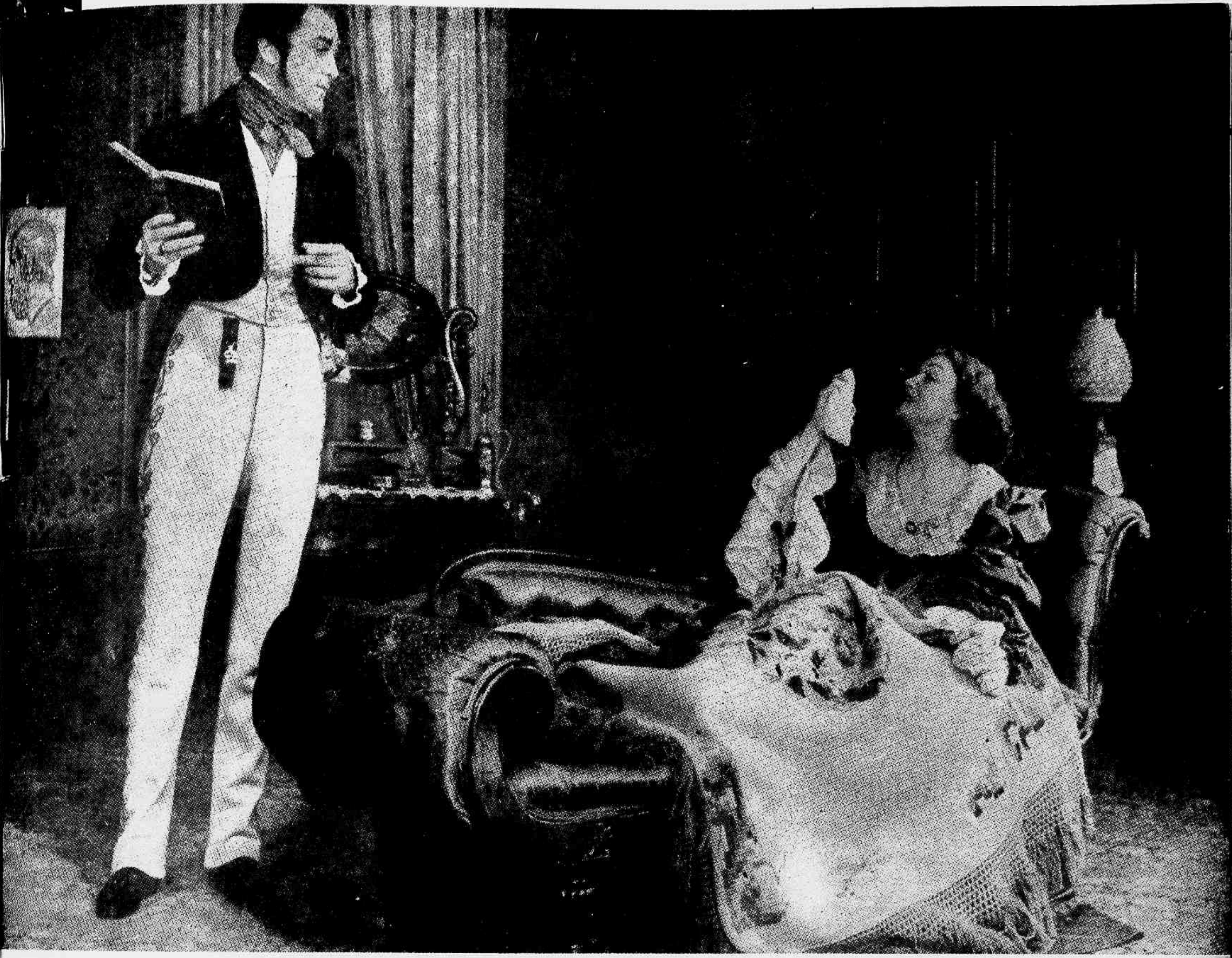
A Administração.

Rua Maranguape, 15 — Rio.

Um - calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO



Elizabeth Barrett e Robert Browning, numa cena da peça de Rudolph Besier sobre a inválida de Wimpole Street, interpretada em Nova York pela grande atriz Katharine Cornell e pelo ator Brian Aherne.

De Camões a Elizabeth Barrett e Manuel Bandeira...

LORD STRANGFORD, MINISTRO PLENIPOTENCIÁRIO DA INGLATERRA JUNTO À CÔRTE DE D. JOÃO VI NO RIO DE JANEIRO, RESPONSÁVEL REMOTO POR UM INTERESSANTE EPISÓDIO LITERÁRIO

Inválida, ou tida como inválida, Elizabeth Barrett não se sentia animada a nenhuma espécie de atividade que não fosse a de permanecer sedentariamente no seu quarto, na cama ou num divã, com um livro aberto entre as mãos e a imaginação poética percorrendo em vertiginosa corrida mundos fantásticos, por ela própria criados para seu exclusivo recreio.

O dr. Chambers não lhe proibia tais excursões, assim como não lhe vedava, também, os exercícios literários, a que se entregava com exaltação quase mística. Que mais poderia ela fazer? Pobre enferma, frágil criatura, sempre presa em casa, sob o olhar severo e, ao mesmo tempo, apaixonado de Edward Moulton-Barrett, pai que extremava a sua devoção pela filha ao ponto de levá-la quase às fronteiras do amor incestuoso, além dos livros e dos poemas só lhe restava a alacridade das irmãs exuberantemente saudáveis e a fidelidade do cãozinho "Flush", sempre pronto a ir buscar, no canto mais distante da sala, o novêlo de lã ou as bolas de papel que a dona lhe atirava.

Robert Browning, o poeta e dramaturgo famoso, aplaudido delirantemente em Londres por ocasião da estréia sensacional de "A volta dos Drusos" e de "Rei Victor e rei Charles", não tinha ainda surgido na sua vida, como um ciclone, para infundir-lhe confiança em si mesma, entusiasmo pela vida e pelo amor. Sua existência era ainda uma sucessão de dias monótonos e intoleráveis, de imobilidade forçada — só atenuados pelas suas atividades literárias, seus estudos de grego, seus sonetos e seus artigos para o "Athenaeum". Foi num desses dias enervantes que a poetisa pediu a Henrietta que vasculhasse as estantes paternas, à procura de alguma coisa nova que pudesse ler. De preferência alguma obra poética. Não. Não procurasse mais Byron nem Burns... Era inútil. Já lera tudo o que eles haviam escrito. Qualquer outra coisa, não importava o que fosse, seria benvinda.

Henrietta subiu num banquinho, para alcançar a prateleira superior da estante. Dera com a lombada de uma obra poética. O autor não era uma celebridade, para a irmã de Elizabeth Barrett, que, aliás, sabia mais de danças e de festas do que de poetas. O título era este: "Poems from the Portuguese of Camões, with remarks and notes".

A enferma recebeu o livro com certa indiferença. Mas, à medida que ia lendo, se interessava profundamente pelo texto. Continha o volume notas realmente curiosas e inteligentes, ao lado de traduções bem cuidadas de sonetos do grande poeta luso. Era um voluminho publicado no ano de 1803 por Percy Clinton Sidney Smythe, nessa época um simples secretário da Embaixada Inglesa em Lisboa. Poderia não estar destinado a conquistar fama literária como poeta — e preferia mesmo não versejar por conta própria. Mas ficaria com o nome definitivamente ligado ao período regencial no Brasil e às intrigas do Rio da Prata, ao vir para o Rio de Janeiro, com a corte portuguesa, e ao ministro plenipotenciário, após a invasão de Portugal pelos exércitos de Junot.

R. MAGALHÃES JUNIOR — Especial para a "Revista da Semana"

Homem ilustre, dotado de bom gosto literário, o pobre diplomata que D. Carlota Joaquina tão violentamente desacatou no Rio de Janeiro, quando viveu na nossa capital — já usando o título de Lord Strangford, que lhe coube por herança — foi o responsável indireto por um dos livros de Elizabeth Barrett, os "Sonnets from the Portuguese", que ela escreveu imitando Camões. Pura fraude literária da poetisa, que tentou fazer passar os seus sonetos como traduções, do mesmo modo que o francês Prosper Mérimée quis fazer o seu teatro passar como sendo de uma hipotética espanhola, a atriz Clara Gazul, afim de não comprometer o seu renome de cientista... Nunca houve soneto algum em português que Elizabeth Barrett tivesse traduzido para o inglês. Mas a sua paixão pela obra do vate português chegou a tais extremos que ela escreveu uma resposta de "Catarina a Camões", que seu marido, Robert Browning, considerava o seu melhor poema.

Hoje, sim, existem em português pelo menos três dos sonetos magistrais de Elizabeth Barrett: o VI, o XXVIII e o XLIII do seu livro. Existem em traduções primorosas de Manuel Bandeira, que conservou fielmente a idéia, a beleza e o encanto dos originais. Uma comparação mostra quão exemplarmente Manuel Bandeira traduziu o soneto número VI:

"Go from me. Yet I feel that I shall stand
Henceforward in thy shadow. Nevermore
Alone upon the threshold of my door
Of individual life, I shall command

The uses of my soul, nor lift my hand
Serenely in the sunshine as before,
Without the sense of that which I forbore...
Thy touch upon the palm. The widest land

Doom takes to part us, leaves thy heart in mine
With pulses that beat double. What I do
And what I dream include thee, as the wine
Must tastes of its own grapes. And when I sue
God for myself, He hears that name of thine,
And sees within my eyes, the tears of two."

Aí está o soneto de Elizabeth Barrett na sua forma original. Vejamos como Manuel Bandeira traduziu esta pequena obra-prima:

"Parte: não te separas! Que jamais
Sairei de tua sombra. Por distante
Que te vás, em meu peito, a cada instante,
Juntos dois corações batem iguais."

(Continua na página 48)

O COMERCIANTE — O Sr. Agostinho Pereira de Souza, presidente do C. C. Comércio, é um homem de negócios e de seu trabalho honesto conseguiu levantar em seu nome a empresa de comércio de produtos comerciais do Rio. A sua preocupação é de ser um comerciante e de fazer com que os produtos comerciais públicos sejam vendidos pelo melhor preço. Ele quer fazer o melhor e não quer deixar a mão na venda de produtos de baixa qualidade.

Os expcetes falam da Gloria

(Continuação do pág. 5)

— Já que assim é, não pensa em produzir mais, com certeza...

— Não penso em produzir, mas continuo produzindo. Por hábito, por vício...

UM JORNALISTA FALA COMO ADVOGADO

Assim falou Herbert Moses:

— Não me dou por satisfeito: todo homem que tiver ainda saúde não poderá considerar nunca a sua carreira encerrada. Deve antes estar sempre disposto a lutar por aqueles a quem pode ser útil, dentro do espírito público.

— Mas, incontestavelmente, a sua carreira atingiu o ponto alto. Considera isto um prêmio compensador?

— Muito fez e o pouco que fiz foi sempre com o máximo prazer. Se despendi esforços tive sempre uma ampla compensação no simples prazer de lutar.

— Mas considera mais completa a sua vitória como jornalista ou como advogado?

— Meu caro amigo, primeiro quero pedir que retire da conversa a palavra "vitória". Quando o inverno da vida me alcança (e os cabelos brancos o denunciam) vou lhe fazer uma pequena confidência: dado ao ecletismo de meu temperamento e apesar de ter 40 anos de advocacia e um número maior de jornalismo, não cheguei nunca a ser nem um advogado nem um jornalista na expressão da palavra. Tenho sempre na lembrança uma perfídia que a vida me fez: os advogados consideraram-me sempre um grande jornalista; e os jornalistas sempre me tiveram em conta de um grande advogado.

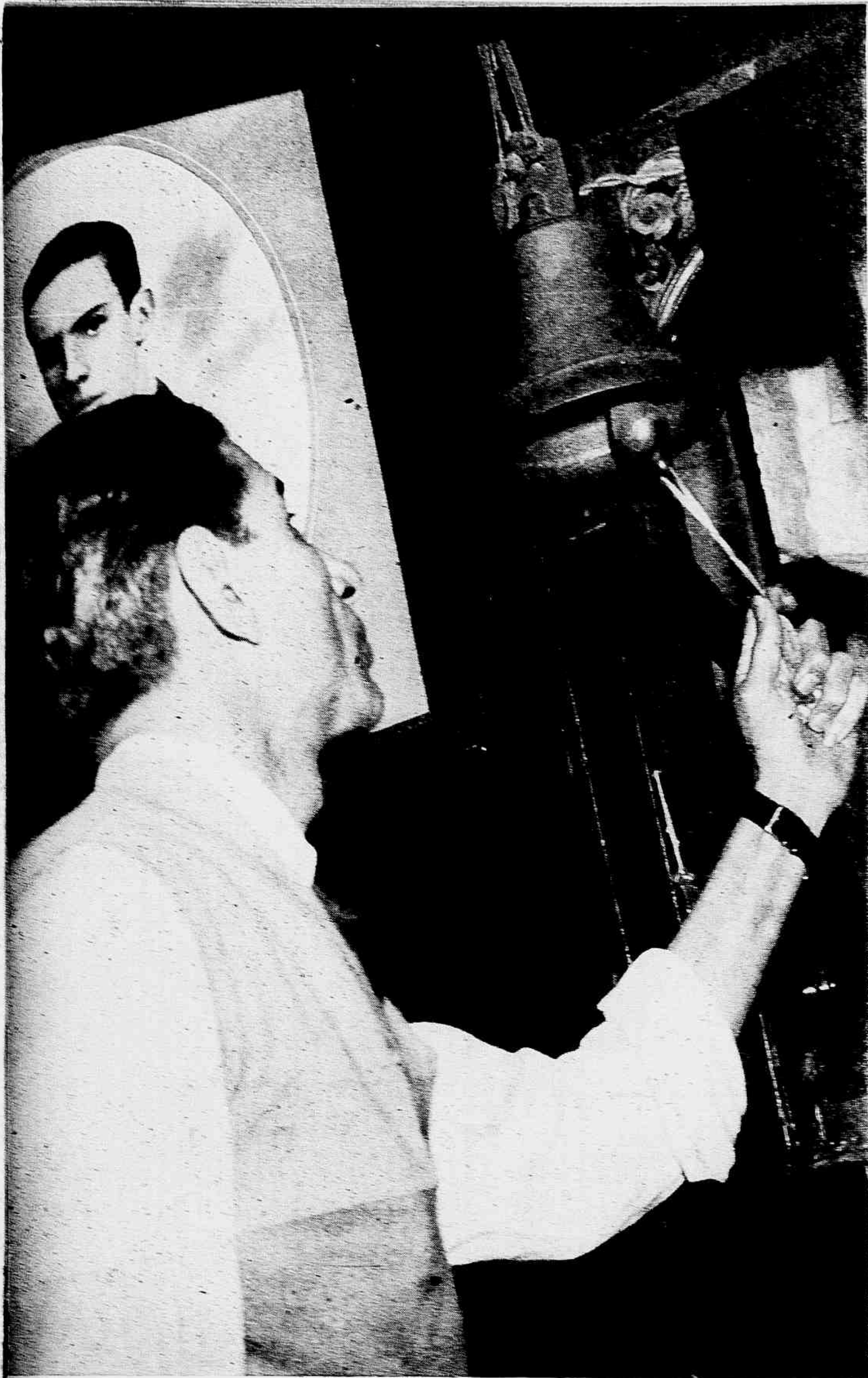
J. CARLOS, O CREADOR DE MONSTROS

— Não estou satisfeito — disse J. Carlos. — E não estou porque ainda não cheguei ao fim. Identifiquei-me de tal maneira com a caricatura, que a sua vitória seria a minha vitória. E a caricatura no Brasil nunca pôde cumprir o seu papel. Quem faz a carreira é o lutador e ela nunca poderá fazê-lo. Fiz a minha carreira, bem ou mal, mas nunca me dei por satisfeito. Continuei combatendo. Como arma de combate a caricatura não tem grande influência no Brasil. E como meio de vida não serve. A caricatura em nossa terra teve apenas um grande papel na campanha abolicionista. De então para cá ficou morta. Isto porque ela nunca foi compatível com a falta de liberdade. Pensamento marcado por bitola é turrice. E a caricatura não pode se afastar da inteligência. Fora do Brasil ela é tudo. Dentro do Brasil é nada. Foi ela uma das mais poderosas armas que concorreram para a vitória das Nações Unidas.

— Mas, se viu a caricatura por uma prisão tão pessimista, por que então a abraçou?

— Não a abraçou. Foi ela quem me abraçou. Por fatalidade, por determinismo.

O AUTOR — O Sr. Carlos não é um homem de negócios e de seu trabalho honesto conseguiu levantar em seu nome a empresa de comércio de produtos comerciais do Rio. A sua preocupação é de ser um comerciante e de fazer com que os produtos comerciais públicos sejam vendidos pelo melhor preço. Ele quer fazer o melhor e não quer deixar a mão na venda de produtos de baixa qualidade.



O CARICATURISTA — Apesar de não ser considerada no Brasil como uma arte de valor, a caricatura é, em verdade, um fator de importância na vida política, econômica e social dos povos. J. Carlos, apesar de haver iniciado a sua carreira numa época em que tudo era diferente, é hoje o caricaturista mais atual do Rio de Janeiro. Ele está entretanto pezaroso quanto à sua arte, pois que ninguém a trata como merece. Por esta foto se vê que ele não está satisfeito. Mas a sua boneca está...

Estávamos satisfeitos com esse pessimismo sadio e realista. Deixámos J. Carlos em seu gabinete, com o lapis sobre o papel, criando os seus monstros hebdomadários, que bombardeiam regimes e derrubam pedestais, em tricromias berrantes. Sobre a mesa do caricaturista sorria uma bonequinha ingênua e provocante, que ele havia rabiscado num momento de bom humor.

TEM A PALAVRA UM CONFRADE

Agora Mario de Magalhães. O diretor do "Correio da Noite" iniciou sua carreira pelo princípio, e se alcançou a celebridade e os louros da vitória foi somente por obra de seus próprios esforços. Fomos encontrá-lo em sua mesa, no meio da redação daquele vespertino, entregue à sua faina diária que, por experiência própria, poderíamos chamar, senão de ingrata, pelo menos de dura.

Assim falou o jornalista:

— Como sempre procurei ser jornalista (e não me seduziram muitas oportunidades que me distanciariam da profissão); passando sempre pelas doces vicissitudes que a minha carreira oferece, tenho hoje a satisfação de atingir o ponto máximo de minha propulsão: diretor e proprietário de um jornal. Estou satisfeito com o que alcancei. Menos pelas vantagens econômicas que a minha situação oferece, que pelo prazer moral que dão os cargos que ocupo no jornal.

"Agora o senhor me pergunta se a minha obra está completa. Não, não está. Um jornalista nunca poderá se sentir satisfeito sem a completa satisfação das finalidades complexas da profissão e para cujos êxitos valem tão somente os nossos esforços pessoais. Estas são em si, ao mesmo tempo, as vicissitudes e as compensações de nossa carreira.

O QUE RESPONDEU UM COMERCIANTE VITORIOSO

Procurámos ouvir o sr. Agostinho Pereira de Souza, chefe da firma Agostinho & Cia. proprietária de uma das grandes casas de comércio da Capital. Fomos encontrá-lo em seu escritório, entregue ao trabalho de abertura das vendas do mês de aniversário da casa, uma das mais pitorescas campanhas publicitárias que se têm organizado no Rio.

O nosso entrevistado é um exemplo típico do cidadão enriquecido no trabalho, à custa tão somente de seus esforços e das oportunidades que o regime da livre-concorrência lhe ofereceu. E ele nos responde sensato e modestamente:

— Estou contente, já que consegui recompensa aos meus trabalhos. Sinto que cumpri, em parte, a minha missão. Em verdade, posso dizer, que no decorrer de minha vida nunca aspirei tanto quanto a vida me ofereceu. Devo dar agora graças a Deus por ver os meus esforços coroados de êxito.

— Mas ainda pensa por certo na continuação de sua obra...

— Não estou trabalhando com ansiedade de ganho. Viso apenas, com o meu labor, a

O INDUSTRIAL — O comendador Alfredo Rebelo Nunes é outro homem que se fez por si mesmo. Trabalhou muito, e após quarenta anos de labor intenso vê sua obra coroada de êxito. Espírito progressista, não esqueceu-se daqueles que com ele colaboraram para o engrandecimento de sua casa comercial e de sua indústria de móveis. Segundo nos declarou, pretende agora dividir com os seus auxiliares uma boa parte de seus proventos. Mas não abandona o seu trabalho diário, no escritório da firma que cheta há muitos anos.





O ADVOGADO — Herbert Moses, o homem que fez levantar o edifício da Associação Brasileira de Imprensa, é um dos mais famosos advogados do Rio. Uma casa de relógios chegou a servir-se dele como propaganda de suas máquinas, justamente porque ele distribui o seu tempo de tal maneira, que faz num só dia o trabalho que outros dois homens fariam em semanas. Ele próprio nos declarou modestamente que como jornalista é um grande advogado, e como advogado é um grande jornalista. Mas a sua glória pertence quase que exclusivamente ao Presidente da A. B. I.

melhoria de situação daqueles cujos trabalhos dirijo. Tenho comigo 13 socios, 12 interessados em nosso negócio e muitos auxiliares. Trabalho para eles, trabalho para a nova geração.

ELA CONHECEU A GLÓRIA

Maria Lenk, famosa recordista mundial de natação, cujo nome célebre conhecem hoje todos os esportistas dos cinco continentes, responde também à nossa "enquete":

— Só não me julgo plenamente satisfeita com a minha situação de esportista porque a guerra me impediu de participar dos jogos olímpicos de 1940.

— E não pretende continuar sua brilhante carreira de "nageuse"?

— Agora estou casada e sou mãe. Não posso mais pensar em me dedicar seriamente ao esporte. E não poderia me contentar em ser uma diletante. Mas com o que consegui julgo-me recompensada de todos os esforços.

VILA LOBOS É MODESTO

Eis a resposta de Vila Lobos, maestro e professor:

— Como compositor eu sou um insatisfatório com a minha obra. Como professor ainda não tenho noção do que realmente sinto pois as circunstâncias me têm obrigado a me tornar um pedagogo de improviso. Procuro apenas educar a juventude, já que é impossível reeducar o povo para maior compreensão do belo.

— E ainda pensa continuar indefinidamente essa obra?

— A obra sincera de qualquer indivíduo deve marcar a resistência de sua vida. Por conseguinte, enquanto viver hei de produzir, sem me preocupar com o efeito de minha obra.

— Mas a sua vitória, por certo, compensou os trabalhos e vicissitudes da carreira...

— Devo frizar que a minha luta pela vida não é empreendida em busca de "vitórias". Tenho apenas um fito: ser útil à humanidade através os dons que possa possuir. Acredito que tenho tido prazeres e satisfações quando reconheço os bons resultados dos trabalhos que executei. E se esta emoção representa uma autêntica vitória, então eu sou um homem vitorioso.

UM CIENTISTA FALA DA VIDA

O doutor Arnaldo de Moraes apareceu à porta da sala. Terminara uma operação cesariana, vinha ainda de máscara e luvas. Dirigiu-se ao lavatório, enquanto respondia às nossas perguntas:

— Posso afirmar-lhe que sobre o ponto de vista material estou satisfeitíssimo com a minha carreira, pois tenho podido trabalhar quase ininterruptamente; e me alegro com isso, pois considero o trabalho o melhor passa-

O COMPOSITOR — Vila Lobos venceu. Agora ele quer assistir à vitória do orfeão como veículo da educação da juventude. Ele aqui ditando uma ordem aos alunos do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, pelo telefone. O seu raro sorriso revela que as coisas correm bem naquele instituto de ensino musical. O maestro é modesto, apesar de ser um músico de renome e regente consagrado nos Estados Unidos. Pretende levar adiante a todo custo sua obra de educação da juventude, e nela se empenha com todas as suas forças. Nos intervalos do trabalho acende o charuto e tira fortes batoforadas.





A "SPORTWOMAN" — Maria Lenk, recordista mundial de natação, está hoje afastada de suas atividades esportivas, entregue apenas aos seus trabalhos de dona de casa e aos seus misteres de mãe de família. Satisfaz-se com a sua brilhante carreira, que encerrou há pouco tempo, mas sentiu não poder participar das olimpíadas de 1940, cuja realização foi impedida pela guerra. Maria Lenk, famosa nos meios esportivos de todo o mundo, é hoje uma glória da natação nacional.

tempo que se possa encontrar. Só não sou completamente feliz em virtude do lamentável desprestígio da classe médica entre nós e a pobreza de recursos hospitalares contra que lutamos.

— Com a sua obra em si está satisfeito, ou ainda pretende levar mais longe sua carreira?

— Em parte me satisfaço com o que fiz, embora os nossos sonhos nunca se realizem *in totum*. Desejaria, por exemplo, dirigir um Instituto de Maternidade feito nos moldes dos que existem nos Estados Unidos e na Argentina. Já fiz planos nesse sentido, que contam com o apoio do prefeito da Capital.

— Julga-se então recompensado de todos os sacrifícios?

— Propriamente não há sacrifícios quando o homem ama o seu trabalho. E eu amo a medicina sob os seus aspectos material, intelectual e moral. O único sacrifício que ela nos apresenta é a injustiça daqueles que julgam que o médico tem a obrigação de fazer milagres. Mas tenho para mim que "os serviços médicos não valem pela sua natureza, mas pelas pessoas a quem eles são prestados".

A HISTÓRIA DE UM PAI FELIZ

Procopio Ferreira respondeu-nos na caixa do teatro Fenix, apressadamente, entre dois atos de uma peça. Muito longe por certo está esse Procopio vitorioso daquele principiante

que eletrizou o público em "A Jury". De então para cá ele veio subindo para a glória, de sucesso em sucesso, chegando a representar mais de mil vezes o personagem central de "Deus lhe Pague", sem dúvida a mais notável obra de nosso teatro e a que maior êxito alcançou no Brasil e no estrangeiro. Interpretando "O Avarento", de Molière, Procopio agradou de tal modo a Louis Jouvet, que este o convidou para trabalhar com ele em Paris. São deste ator vitorioso estas palavras:

— Se estou satisfeito? Plenamente. Sonhei sempre ser ator e consegui. Sonhei com vitórias e as alcancei. Nada me incomoda, fora da constante preocupação de me aperfeiçoar em minha arte. Hoje rio-me de tudo e tenho piedade daqueles que se dão ao desfrute de serem meus inimigos. Para mim a vida é bela. Mas admitindo que eu estive equivocado nesta análise, bastaria uma coisa para que eu me sentisse o homem mais feliz do planeta.

— Qual é?

— Possuir Bibi.

ASSIM FALOU UM INDUSTRIAL

Outro que revelou-se um insatisfeito

foi o comendador Alfredo Rebelo Nunes, conhecido fabricante de móveis e objetos de decoração. Eis as suas palavras:

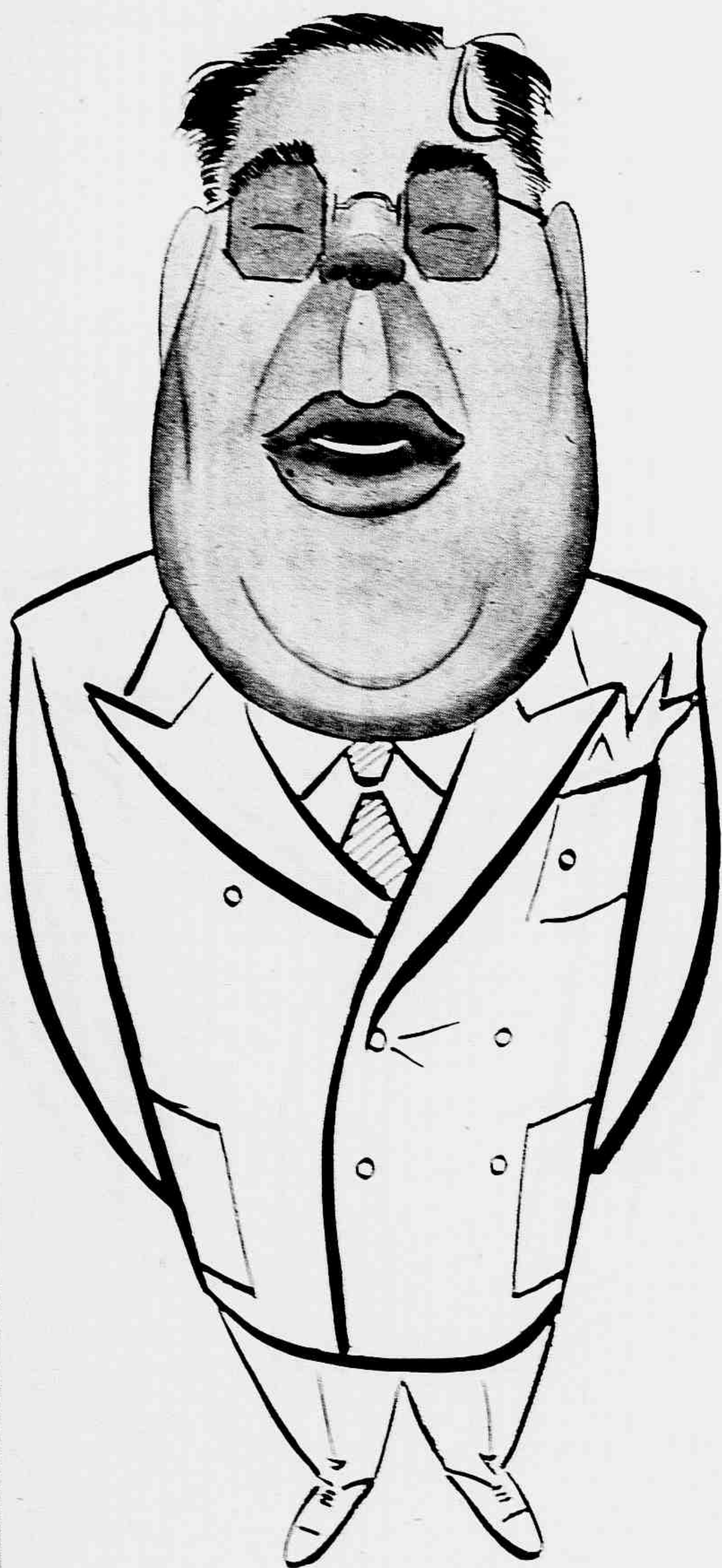
— Sim, estou satisfeitiíssimo com a minha obra. Estou satisfeito por ver coroados de êxito os meus esforços de mais de 40 anos de trabalho árduo, graças unicamente à minha maneira de proceder. Não considero entretanto completa a minha obra, pois ainda me sinto com forças para continuá-la e elevá-la ao máximo, acompanhando de perto o progresso industrial e comercial. Enquanto viver hei de trabalhar, para conseguir fazer algo que seja realmente o orgulho da indústria mobiliária do Rio de Janeiro.

— Julga-se todavia recompensado dos esforços de 40 anos de labor?

— Não poderia deixar de julgar-me recompensado, uma vez que hoje sinto que realmente consegui levantar um estabelecimento padrão no comércio de móveis. O que agora desejo é dividir o que foi dado pela luta com os meus dedicados auxiliares, que comigo vêm lutando também, no sentido de elevar cada vez mais o conceito de nossa casa. É justo pois que distribua com eles, como pretendo, uma boa parte dos meus proventos.

O JORNALISTA — Dizem que o jornal representa, para os profissionais da imprensa, o mesmo que o venenoso pó branco para os cocaínomanos. Essa é, pelo menos, a explicação para o fenômeno que se verifica em todas as redações: a teimosia dos empregados em permanecer ligados à casa, apesar dela não lhes oferecer grandes vantagens econômicas. Há entretanto jornalistas que "vencem na vida", dentro de sua profissão. Mario de Magalhães, diretor do "Correio da Noite", é um deles. Não poderíamos pois deixar de ouvi-lo nesta "enquete". Ele conversou amigavelmente conosco. E quando nos despedíamos de nosso confrade, o fotógrafo bateu a chapa.





DOS ESTADOS

"Agora, é hora do remorso ímã.
A muita gente a consciência dói.
Gregos a Deus, eu nunca fui do São!
Gregos a Deus, eu sou de Niterói!"

Caricaturas de
Michel
Legendas de
Zé Carioca

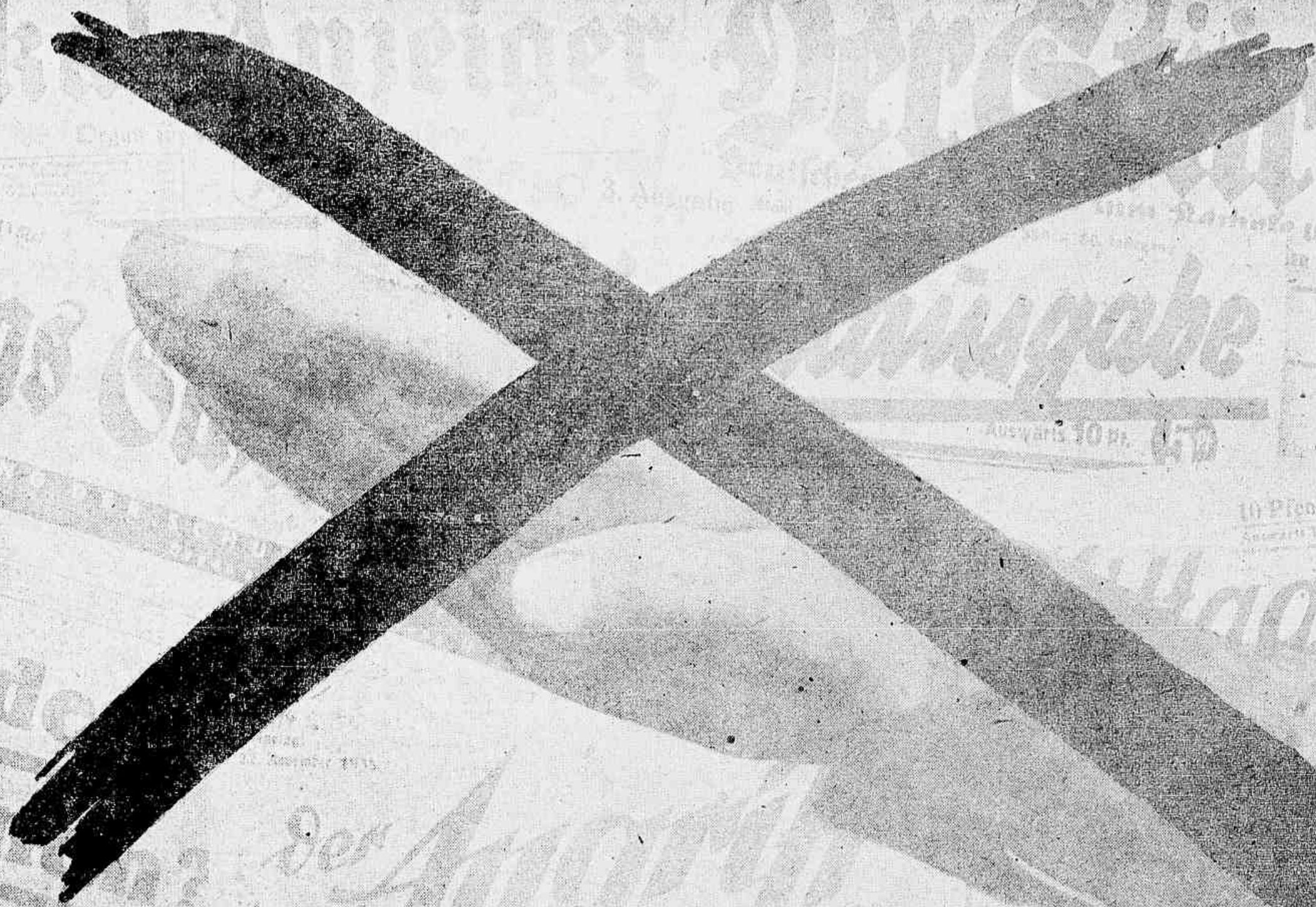
SECÇÃO ALHELA

Voltem a par. Que gregos e troianos.
Em meio às festas colossais, feéricas.
Lembrem este homem, que por mil-
[pos anos]
Foi o "cordel" de união entre as Amé-
[ricas].

DOIS

EM

UMA



OS CRIMINOSOS E O SEU DESTINO

Que é feito de todos os responsáveis pela hecatombe deflagrada naquele trágico setembro de 1939 e ainda não extinta por completo? Onde se encontram os maiores do crime, os facinorosos cuja matilha tentou ameaçar o mundo, na ânsia de conquistá-lo para escravizar a Humanidade ao seu sabor? Muitos resolveram desertar por conta própria, espontaneamente, lançando mão do suicídio, o

recurso dos covardes. Outros estão presos, aguardando a justiça daqueles a quem inutilmente tentaram esmagar, enquanto terceiros continuam desaparecidos. Vejamos Hitler, o "cabeça" da turma. Tudo faz crer que tenha realmente morrido sob os escombros da Chancelaria, onde fez quartel-general para a prática de suas criminosas atitudes contra a liberdade do mundo. Enjaulou-se e morreu

como um rato encurralado na toca. Seus partidários ainda esperam que volte, à maneira de Napoleão; mas não houve Santa Helena para ele. Quando muito, ficará sendo, para os sonhadores nazistas, um simulacro de rei Dom Sebastião, que ainda hoje continua sendo esperado pelos sebastianistas...

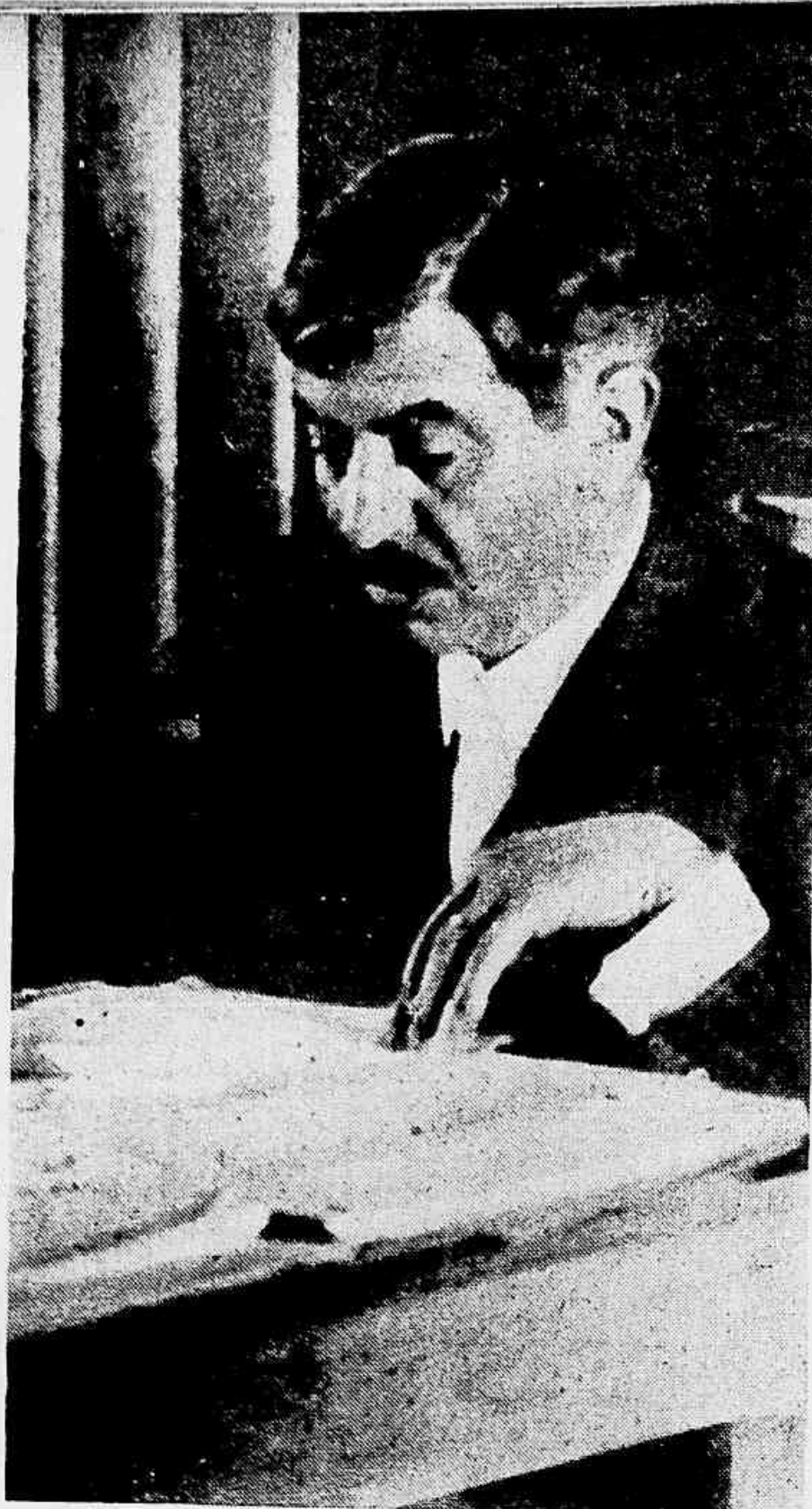
Mussolini, foi aquela miséria. O cinema incumbiu-se de mostrá-lo duro, maciço, estu-

NOS AUREOS TEMPOS — Assim eles pensavam dominar o mundo, intensificando seus desfiles aparatosos e espetaculares. O que eles eram e o que são hoje! Trágica lembrança de um passado que não deve voltar. Desses cinco, apenas um ainda vive: Goering, o homem das medalhas. Mas o futuro que o espera não será invejado nem mesmo por aqueles que se deslumbravam com as suas condecorações e o seu poder. Os outros desapareceram. São tristes exemplos para os vindouros...





MORTO — Erwin Von Rommel, então chamado a "Rapoza do Deserto", o herói façanhudo da campanha da África, ali morreu quando se verificava o término dessa luta. Era um dos generais de maior confiança de Hitler, mas também desapareceu.



REFUGIADO OU SUICIDA? — Pierre Laval tentou esconder-se na Espanha, criando complicações entre o governo de Franco e os seus compatriotas. Quando encerramos esta edição, telegramas dão como tendo se suicidado, receando a justiça do povo francês. Covarde como os outros! Suicida ou não, é um homem liquidado. Pagou o seu crime.

PRÉSO — O capitão Franz Von Papen, que também foi ministro atachê da embaixada alemã em Washington, outro colaborador dos nazistas, tipo germânico e traidor por natureza, foi préso. É um dos condenados de guerra entregues ao julgamento das Nações Aliadas.

PRÉSO — Era o doctor Ley, chefe entusiasta e animador da Sociedade Alegria e Trabalho (Freude und Arbeit). Impunha a escravidão ao povo e exigia um sorriso nos lábios... Mas está préso pelos aliados e, responsável de primeira plana, criminoso de guerra legítimo, tem seus dias contados. Outro facinoroso nazista que teve seu golpe frustrado.



pidamente pisado pelos tacões dos italianos a quem tanto fez sofrer. E Mussolini havia sido, ainda em vida, o responsável pelo assassinio de seu genro, o nefasto conde Ciano. Mas que família complicada, senhores!

Goering, o obêso e fátuo ministro da Aviação, o homem que desafiou com a sua malograda Luftwaffe pudesse Berlim ser visitada pelos aviões aliados, acabou chorando como bezerro desmamado. E' um covarde da pior estirpe, tão covarde que nem coragem teve para se suicidar... Himmler, de pernas curvas e modos afetados, mordeu um vidrinho de veneno e foi aquela água. Embarcou, sem armas nem bagagem, para o Além, onde os outros bandidos o devem ter recebido com meia dúzia de "Heil Hitler!" convenientemente estertorados... E Goebels, pequenino, mirrado e claudicante, verdadeiro deboche ao tipo ariano, resolveu levar a família inteira na longa viagem sem volta. Envenenou a mulher e os filhos. Fez bem, porque evitou fôsse perpetuada a sua raça maldita. Cãozinho leproso e peçonhento, dêle nunca mais se falará. Von Papen está préso, Goering também, e ainda o delicioso "doctor" Ley, aquele tal da Sociedade Alegria e Trabalho... Todos presos, esperando a hora do julgamento sumário e inapelável.

Pierre Laval refugiou-se na Espanha. Quis complicar a situação entre a Espanha de Franco e a França de De Gaulle, mas não o conseguiu. Quando viu que a hora de encostar no muro era chegada — dizem os telegramas dêste fim de semana — resolveu suicidar-se também. Se a notícia tiver fundamento é uma lástima. Nós todos preferíamos vê-lo à barra do tribunal, derramando também as suas lágrimas de crocodilo...

Mas os criminosos não são apenas êsses, porque a lista é grande e os países aliados estão resolvidos a não deixar em branca nuvem a responsabilidade de qualquer. Ante Pavelitch, Wilhelm Frick, Julius Streicher, Walter Gross, Vidkun Quisling, Hermann von Henneken, Otto von Stuepnagel, Konrad Henlein, Josef Buerckel, Arthur Seyss-Inquart, Joachim Von Ribbentrop... Quantos e quantos! E os outros, os criminosos de países que não participaram da luta, assistindo-a de braços em cruz, esperando a hora de tirar o melhor partido? Êsses que agora ainda tentam, num desespero supremo, provocar discórdias entre a Rússia, os Estados Unidos e a Inglaterra...

Eis a situação presente. Culpados são todos os que figuram nesta página e os que vivem no pensamento do leitor inteligente. O anti-fascismo vai seguindo o seu curso inevitável, dentro do fenômeno histórico, porque esta guerra não pode repetir-se. Nossos filhos devem poupar-se à volta do crime universal. Eles têm o direito de viver uma existência mais calma, sem novas torpezas. Hitler morreu, Goebels suicidou-se, Himmler fulminou-se com um tubo de cianureto, mas Goering e Hess estão em boas mãos. Eles são dois dos quatro Grandes Criminosos do nazismo. E nesta hora os Estados Unidos continuam a campanha, do outro lado, Pacífico além, levando de arrancada os nipônicos.

Mesmo com todo o esforço dos resíduos nazi-fascistas ainda existentes, não tenhamos ilusões: a guerra acabou na Europa, e está às portas do epílogo no Pacífico.



MORTO? — Ninguém sabe ao certo. Pode ter estourado em um dos monumentais incêndios de Berlim, como pode estar refugiado em qualquer país neutro. Seus irmãos de credo não de esperá-lo eternamente. Será um novo Dom Sebastião, mas, como Dom Sebastião, jamais voltará. Mesmo fisicamente vivo seria um morto. Irremediavelmente "falecido"...

FUZILADO — Benito Mussolini, tagarela-mor do fascismo. Gostava de falar às massas, mas suprimiu as massas e o "tagliarini" ao mísero povo italiano. Fuzilado pelos que outrora o aplaudiam e os que jamais se iludiram com suas arengas, acabou pendurado de um mastro, com o braço estendido... para baixo. Ele e sua amante. Acabou no fim...



PRÊSO — Seria bom que todos estivessem em mãos dos Aliados, como sucedeu com Herman Goering. Medalhas, crachás, estrélas era com ele. Empinava a barriga, desafiava meio mundo e perseguia os inimigos. Entregou-se aos vencedores na doce ilusão de escapar ilêso. O Kaiser acabou cortando lenha... Mas Eisenhower protestou. E agora...

ENVENENADO — A propaganda de Goebels acabou persuadindo-o de ser a Alemanha nazista a salvação do mundo. Seu sorriso era uma perpétua ameaça à Humanidade. Mas na hora dos russos entrarem em Berlim pensou muito acertadamente e envenenou-se, ele e toda a família. Não quis deixar rastros de tão amaldiçoado sangue. E fez muitíssimo bem...





COMO ENTENDER OS SAKHAROFF

ONDE ENTRA EM CENA CLOTILDE, SENTADA SOBRE UMA MALA... — SEGUIDA POR ALEXANDRE, QUE VISITA O LOUVRE — "ELES NÃO DANÇAM!" — OS QUE ENTENDEM E OS QUE FINGEM — A MORAL DE CLOTILDE SAKHAROFF "ESTES" COMPREENDERAM... — DESPEDIDA

ONDE ENTRA EM CENA CLOTILDE

Há muitos anos, um poeta encontrou uma meninazinha leura sentada sobre uma mala e ficou encantado com a pose graciosa. O encontro era simbólico, porque ela, mais tarde, haveria de ser uma grande bailarina, haveria de viajar pelo mundo inteiro e inspiraria ainda muitos versos do poeta — versos como este:

Dançar é aninhar um vazio?
É captar a essência de um grito?
É a vida de nossas vistas céleras
Captada em câmera lenta."

Ainda antes de morrer ele escreveria:
"É preciso amar os Sakharoff como eu amei a pequenina Clotilde, quando a vi sentadinha sobre uma mala."
E assinava: "Rainer Maria Rilke".

...SEGUIDA POR ALEXANDRE

Para se encontrar com a garota, vinha da Rússia um rapaz que tinha uma grande ambição: ser pintor. Em Paris juntou-se ao grupo dos artistas mais avançados e sofreu as influências daquele meio extravagante.

Certa vez, com ela, um amigo levou-me ao Louvre e me mostrou um quadro impressionista. Pensei logo: isso não é desenho! Isso é horrível! Mas alguma coisa que eu não sabia explicar estava ali, naquela mesma pintura em que eu não via nenhuma qualidade. E aquela coisa que eu sentia, me atraía. Durante três semanas vim postar-me, todos os dias, diante dela, contemplando, procurando o seu segredo. Cheguei, por fim, a compreender.

OS SAKHAROFF

Unidos, os Sakharoff viajaram pelo mundo inteiro. E em todas as cidades que estiveram, sempre, pela primeira vez, sua arte desorientou, porque era original e profunda. Mas, diz Alexandre, não acho essencial que o público, desde logo, compreenda. Compreender é um processo longo, que exige tempo. Primeiro é preciso amar. Quando chegamos pela primeira vez ao Brasil, não tive grande sucesso. E a culpa foi, em parte, nossa porque, tanto eu como Clotilde, estávamos cansados, depois de uma longa "tournee". Porém, desta vez, eu vi perfeitamente que o público sentiu. Mesmo aqueles em que notei uma atitude crítica, verifiquei que estavam perturbados. Nada mais posso desejar.

Vi um quadro de Manet protegido por um policial, para que os visitantes do museu não o destruíssem. Vi o público francês — cuja cultura é invejável — atirar as poltranas no chão em sinal de protesto durante a execução de um balado de Stravinsky, isso nada significa. O que é preciso é que o público sinta. Acho que o erro da maioria dos artistas é querer que o público, logo de início, compreenda uma arte que traz alguma coisa de novo, na forma. Basta que sinta, desde logo, aquilo que eu senti quando, pela primeira vez, contemplei aquele quadro que era o contrário de tudo aquilo que eu tinha por arte.

ELES NÃO DANÇAM...

Alexandre Sakharoff está à REVISTA no bar do Hotel (Senador, onde está hospedado com sua esposa. Sentada ao lado dela, ela segue com atenção as suas palavras, interrompendo de vez em quando um comentário esclarecedor para o leitor. Não se, perfeitamente, com a de Clotilde, com a mesma forma desses dois

Vem sempre o momento perigoso quando é impossível evitar que a verdade surja, acidentalmente...

Miss Mockbridge acendeu um cigarro e perguntou: — Como é o nome do romance que a senhora me aconselhou? Olwen Peel, que estava sentada perto da porta, respondeu: — "A Verdade Insuspeitada". — Vou comprar, assim que saia. — Não será preciso. Quando estiver pronto mandarei um exemplar para a senhora. Miss Mockbridge agradeceu: — Sempre é uma vantagem ser amiga de um editor... Olwen sorriu: — Pois é isso. Quando sair eu telefonarei para a senhora... — Ah, é mesmo, eu já tinha esquecido... Você, agora, está na matriz... — Não lhe tinha dito ainda? — Tinha, mas eu me esqueci. E depois vocês todos formam um grupinho tão íntimo que a gente confunde... — Não é assim tão difícil. Olhe: eu e Stanton, os dois solteiros, trabalhamos em Londres, na matriz. Agora Freda e Gordon, filhos do dono da firma, que já se retirou dos negócios, estão sempre aqui no campo, com Robert, marido de Freda, e Betty, mulher de Gordon. Não é simples? Freda, que tinha ouvido calada a explicação, interveio: — Não, repita isso mais uma vez, Olwen. Miss Mockbridge não poderá decorar isso assim. Com o tempo ela não sentirá mais dificuldades em identificar cada um de nós... — Creio que sim — confirmou Miss Mockbridge. Depois, olhando pela janela: — Que linda noite de luar! Betty sugeriu: — Se apagássemos a luz, poderíamos admirá-los melhor. Miss Mockbridge assentiu: — Apague!

Quando as luzes foram apagadas um raio de luar iluminou as silhuetas das quatro mulheres de pé, perto da janela. Elas pararam de conversar para poder contemplar a paisagem. As respirações foram se tornando cada vez mais regulares, uma grande tranquilidade se espalhou nas suas fisionomias. De repente, porém, um tiro soou. Betty correu para a luz. Freda gritou: — Roberto! Roberto! Mas a voz do marido veio de dentro de casa tranquilizadora: — Não se preocupe, Freda. Eu estava mostrando a Gordon meu novo revólver e disparei sem querer. Não foi nada.

— Graças a Deus! Miss Mockbridge observou: — Que pena! A lua estava tão bonita... tão calma... Pouco depois os três homens entraram na sala. Gordon, evidentemente, abusara um pouco do excelente cognac de Robert. Apesar disso não estava completamente bêbado. Afogueado, simplesmente, e muito falador. Stanton nem parecia ter bebido: era o mais sereno e imperturbável dos três. Roberto, porém, era a figura central. O presente chefe da firma, desde o afastamento de Whitehouse, pai de Freda, sua mulher. Era um homem alto, magro, sério. Talvez, mesmo, fôsse a seriedade o traço principal do seu caráter. Era incapaz de um ato maravilhosamente impulsivo, de fazer alguma coisa que não lhe fôsse aconselhada pelo bom senso, pelo raciocínio e sobretudo pelo seu estrito e complicado código de ética.

Gordon observou, logo ao entrar: — Que silêncio entre as damas! Que houve? Será que a nossa presença as importuna? — Nada disso — disse Miss Mockbridge. E Betty explicou: — Estávamos falando a respeito de Martin... Um silêncio constrangedor esfriou, de repente, os três homens. Foi Stanton quem falou a seguir: — Não vejo razão para que o nome de Martin ainda nos perturbe assim. Afinal de contas é um caso encerrado. Imediatamente, como que aproveitando a sugestão, Roberto começou animada conversa sobre os livros que tentavam publicar, um dos quais era da autoria de Miss Mockbridge. Freda foi buscar cigarros para oferecer. Estavam em cima da mesinha, numa pequena caixinha de música que tocava a marcha nupcial ao ser aberta. Quando apanhou a caixa, notou no olhar de Olwen um brilho de reconhecimento. Olwen reconheceu a caixa... reconheceu... Mas não era possível! Pois se a última vez que ela vira Martin... Era melhor guardá-la, evitar as perguntas, evitar, sobretudo, as respostas... Sem saber por que, ela se lembrou do nome do romance que iam publicar: "A Verdade Insuspeitada"... Sim, havia várias verdades insuspeitadas sobre Martin, e se ela levasse aquela caixinha de música até o grupo que se formara ali bem perto, em torno de Roberto, Olwen diria:

— Já vi essa caixinha. É alguma caixa antiga que você tinha guardada? — Não. É uma caixa que pertenceu a Martin. — Ah!... Então devo tê-la visto na casa dele. — Não é possível, Olwen. — Como, Freda? Como é que não é possível? — Porque a última vez em que você esteve na casa de Martin ele ainda não tinha essa caixa... — Como é que você pode estar certa disso? — Porque... porque ele me disse. — Quando? — Quando o vi pela última vez, naquele sábado, quando estivemos todos lá.



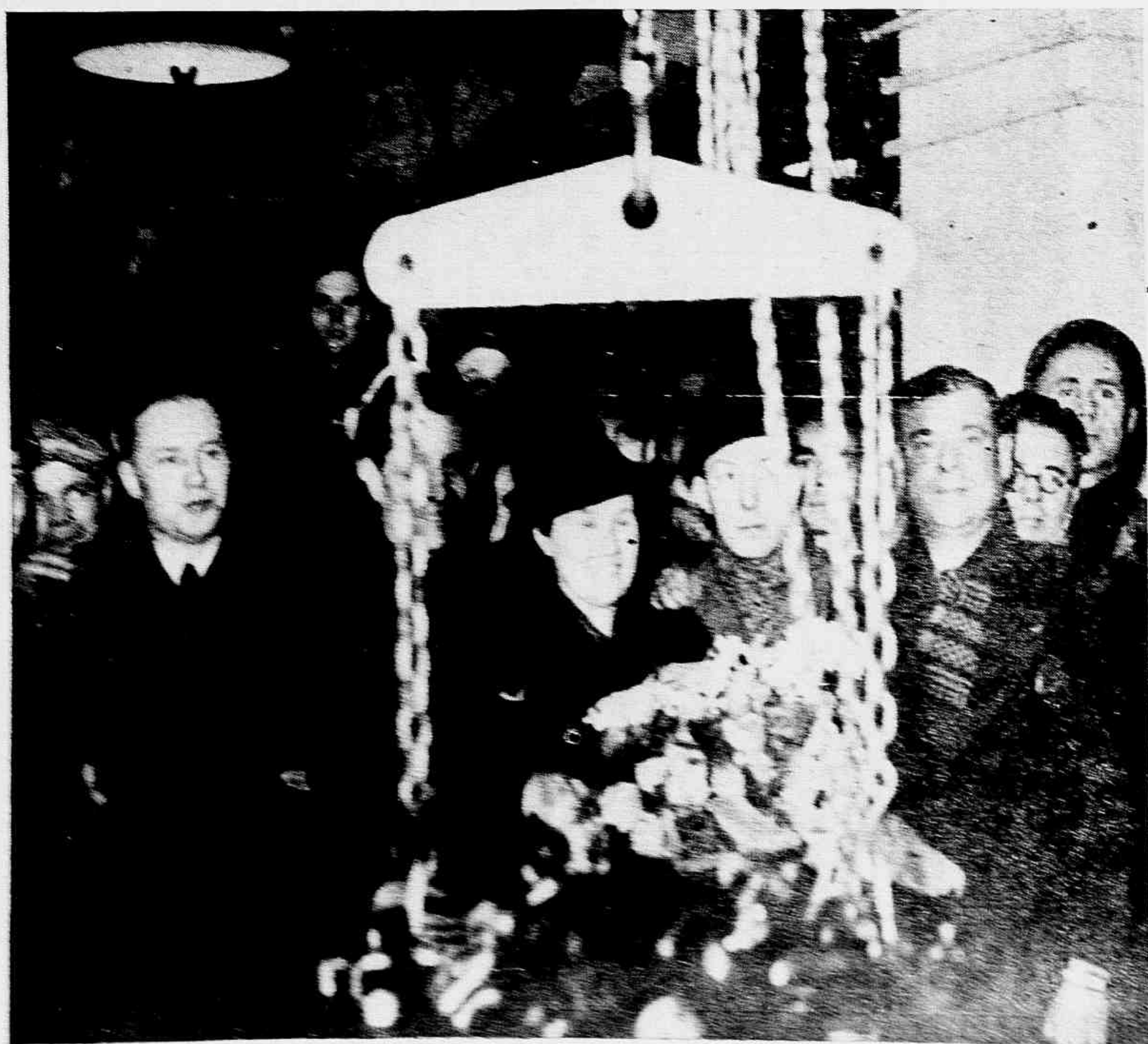
— Mas naquele sábado não é possível, Freda. Você não esteve com ele sozinha um só instante. — Mas... — Que há? Já os outros se tinham reunido em torno das duas e ouviam, curiosos... — Pois bem. Eu vou dizer a verdade. Dei aquela caixa a Martin... — Sem dizer nada a ninguém? Em segredo? — Não foi segredo... Olwen lembrou, depois, aliviada: — Ah! Agora me lembro. Estive lá no sábado seguinte para conversar com ele sobre umas provas que... — Não adianta, Olwen. Martin só recebeu esta caixa no último sábado, no dia em que se suicidou... — Mas, nesse caso, como é que você tem a certeza? Você também não disse que a última vez que viu Martin foi no sábado em que fomos todos lá? — Eu... eu fui entregá-la, pessoalmente, naquele dia... — Que dia? — O dia em que ele morreu... — Você esteve lá? — Sim... — A que horas? — De tarde. Seis horas, mais ou menos. — Mas então por que não disse nada? Por que deixou Gordon prestar declarações à polícia como sendo a última pessoa a vê-lo vivo, se você tinha estado lá de tarde e ele de manhã? — Para que sujeitar-me a um interrogatório? Martin estava morto... Não ia ajudar a ressuscitá-lo. Roberto interveio, nesse instante: — Mas por que não me disse nada disso? — E sabia que você com seu ridículo bom senso havia de protestar, de dizer que descobririam que eu estivera lá... Mas não descobriram... Você não teria razão... — E depois de tudo acabado? Por que não falou então?

— Já não valia mais a pena... Miss Mockbridge fôra abandonada num canto da sala. Os seis discutiam sem prestar atenção a ela. — Mas Olwen ainda não explicou quando esteve lá — protestou Gordon. — Se ela esteve lá quando a caixa de música estava na casa de Martin, então ela foi depois de Freda e ficou sendo na verdade a última pessoa que viu Martin vivo... Olwen confessou: — É verdade. — Por que foi lá? — Para conversar com ele sobre um assunto que me estava preocupando muito. Falei com ele e saí. Stanton falou: — Senhores, estamos sendo descorteses para com nossa convidada. Acabemos com essa discussão. Mas Miss Mockbridge, compreendendo que eles queriam continuar a conversar a sós, despediu-se. Depois de acompanhá-la até a porta Roberto voltou, fechou o gabinete onde estavam e disse, em tom solene: — Agora vamos a saber a verdade, toda a verdade. Houve uma pausa, um silêncio. — Isso está me fazendo ficar nervosa — disse Betty. — Vou-me embora também. Gordon, vamos. — Mas eu quero saber... — Gordon, por favor, não insista... — Está bem... — Vou levar essas crianças em casa e em seguida vou dormir também — disse Stanton. — Quando eles se retiraram Roberto repetiu: — Vamos, Olwen. Eu estou esperando. — Você não imagina quanto é doloroso para mim. — O que? — Ter que falar agora, ter que repetir... — Diga toda a verdade. Freda sentiu em si um impulso mau: — Ela não quer dizer a verdade a você, Roberto. Está

(Continua na pág. 40)

A Caixinha de Música

Novela de
J. B. Priestley



ECOS DA GUERRA

SEPULTADO NA PRÓPRIA CELA — Os pais do prisioneiro francês Courtault, fuzilado pelos alemães e enterrado na própria cela que ocupava em Mont Valérien, mandaram erguer esta tumba (gravura acima) em memória de seu filho, herói da resistência. Poucas vezes uma sepultura teve se revestido de tanta originalidade, como no caso de Courtault, pois a família poderia fazer agora a transladoção dos restos mortais do jovem prisioneiro. Preferiu, no entanto, deixar tudo lá santificado.

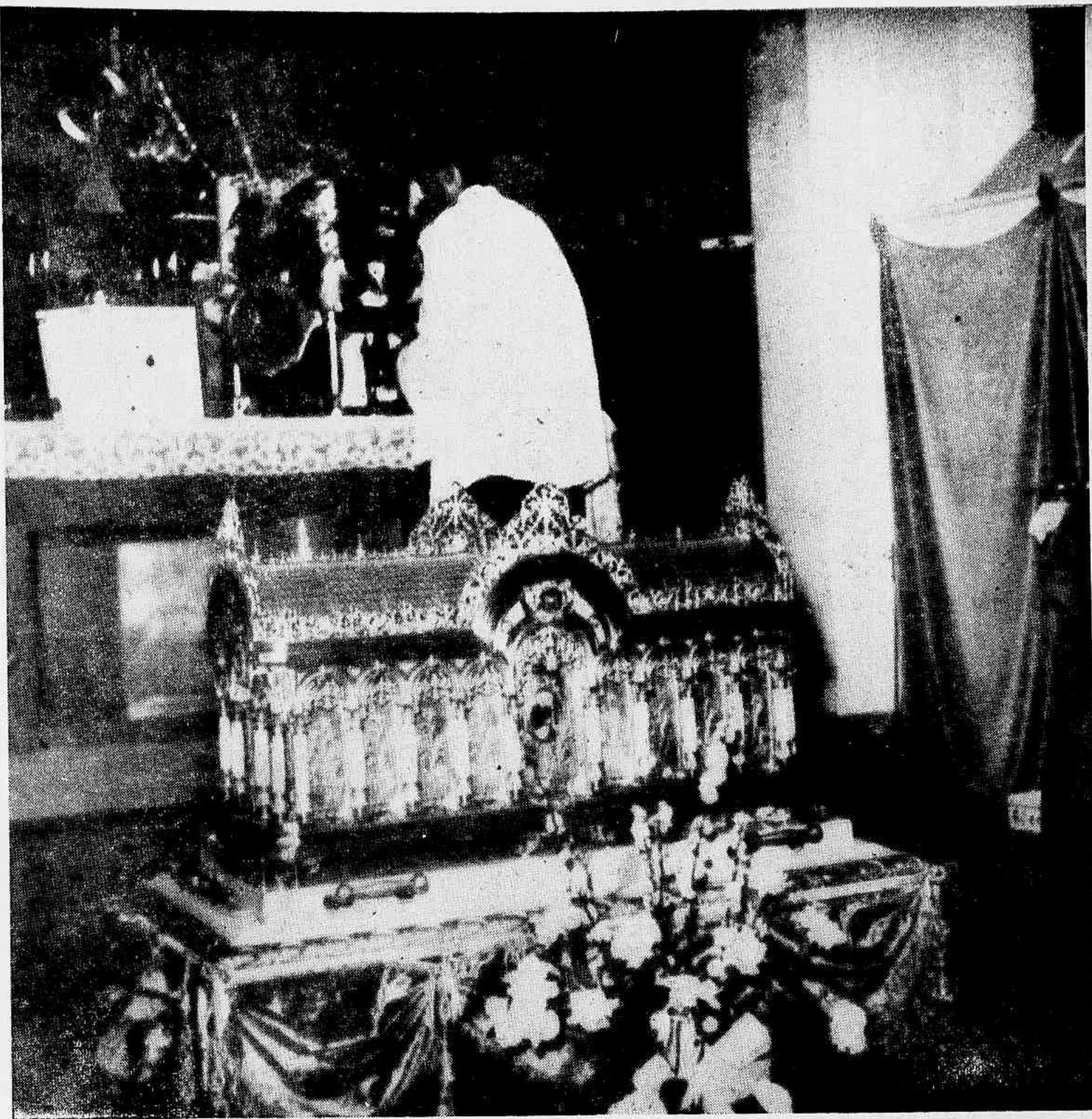
TRABALHADORES SOVIÉTICOS NA FRANÇA — Uma delegação dos trabalhadores russos visitou ultimamente as usinas de regime parisiense. A foto ao lado mostra os operários soviéticos visitando a fábrica de motores de aviação Gnome e Rhône, que foi recentemente nacionalizada. Toda sua produção foi agora destinada às forças dos Estados Unidos. É mesmo assim o destino das hostilidades: essa fábrica produzirá, consecutivamente, os seus produtos bélicos.

OFERTA DO BRASIL À FRANÇA — Este precioso relicário de prata lavrada, que aparece no "cliché ao lado, e onde são guardadas as relíquias de Santa Terezinha, foi oferecido pelo Brasil à França. Católicos do nosso país brindaram os da grande nação amiga européia com essa importante peça. E tudo quanto diz respeito a Santa Terezinha é de grande afeição para os católicos franceses.

(Fotos do Serviço Francês de Informação)

BANDEIRAS DA FRANÇA EM DESFILE

— Os patriotas franceses haviam ocultado durante a ocupação alemã, algumas bandeiras pertencentes aos regimentos de Paris. Por ocasião da devolução dessas bandeiras aos seus regimentos respectivos, levou-se a efeito em Paris uma brilhante cerimônia presidida pelo general De Gaulle. A gravura abaixo mostra as tropas desfilando pela praça da Concórdia, de Paris, após a realização do ato. Paris volta, assim, a viver novamente suas horas históricas e gloriosas, cujos aspectos não se repetiam desde 1940, quando Hitler ali havia metido o tacão. As luzes voltaram a brilhar, e a Cidade-Luz procura esquecer o drama que viveu e já passou...



NOVAK SPAYNI

ESCRAGNOLLE DORIA

ENTRE pintores estrangeiros partícipes da arte no Brasil encontra-se Augusto Cesar Agostinho Novak Spayni.

A menos deficiente fonte de informações sobre a sua visão de homem e de artista o indica nascido em Trieste sem lhe apontar data natalícia.

Novak — assim o tratavam, assim assinava quadros — quando começou a pintar tinha trinta anos. Cobriu aquarelas, depois coloriu em óleo; por fim pintou que se visse.

Copiou "A Bela Jardineira", de Rafael, e o trabalho valeu-lhe louvores na terra natal. Estimulado por primeiro êxito, Novak tentou retratar. Foi-lhe possível retratar pessoa de nota, o prefeito de Trieste, Mahoritsch.

Saindo-se bem da tentativa, Novak persistiu na especialidade do retrato, dedicando-se também à marinha, no muito de cenas que lhe oferece o oceano.

Foi Novak a Viena, onde encontrou aceitação e trabalho. Posaram para êle uns tantos personagens cujas fisionomias reproduziu fiel ou favorecidamente, de acôrdo com o desejo ou a vaidade de cada um.

Da Áustria passou Novak à Hungria, demorando-se em Agram, aí chamado a ornar a catedral de São Marcos. Nela pintou duas telas, "A Ressurreição" e a "Transfiguração", ambas mostrando glória de Cristo em cenas de correlação.

Deixaria Novak quadros seus em várias cidades, mormente em Fiume, em seguida a exhibir trabalhos na Exposição de Viena em 1882.

Pouco depois chegado ao Brasil, Novak a êle veio a tempo de apresentar-se ao Rio de Janeiro em notável Exposição Geral da Academia das Belas Artes, em 1884.

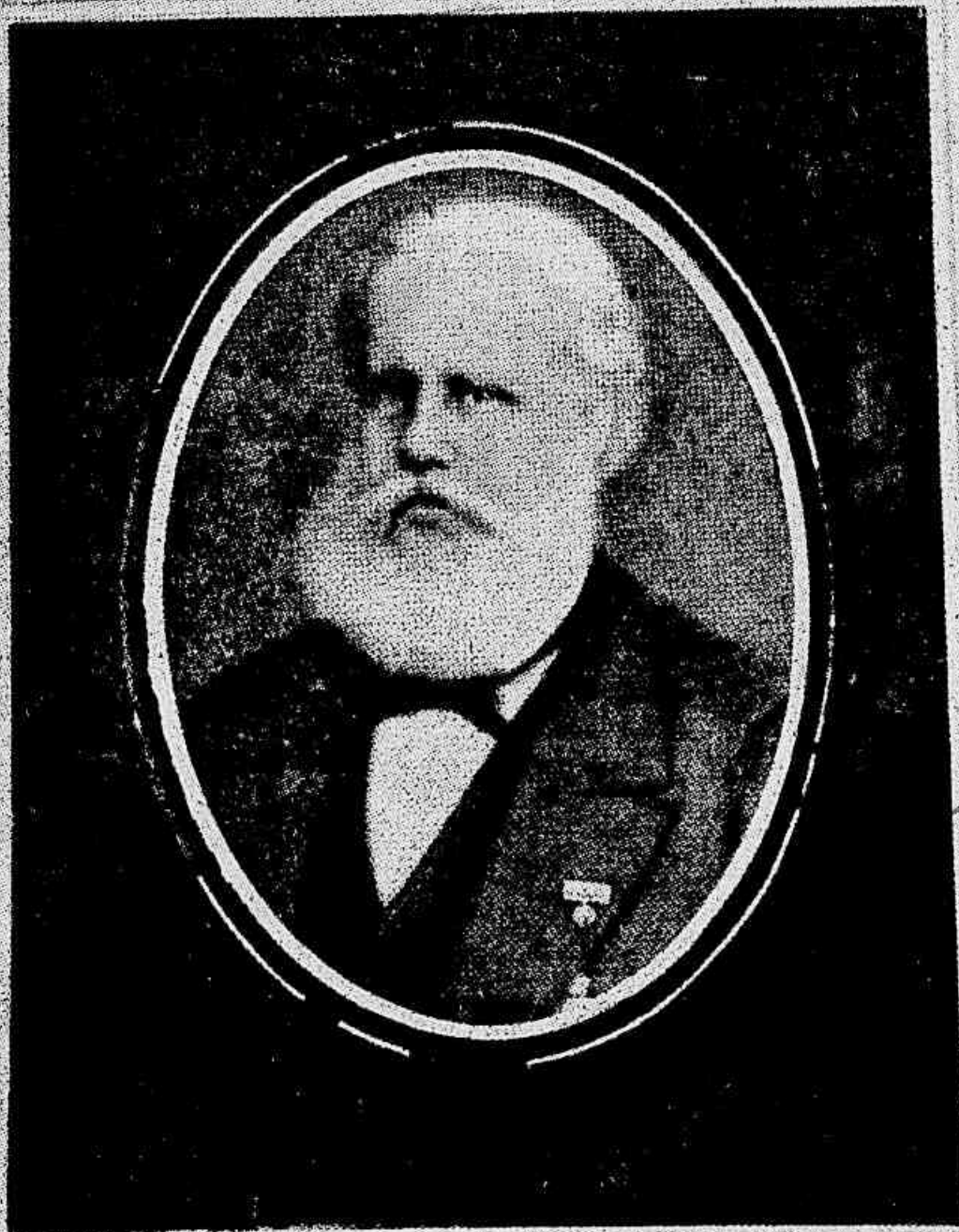
Novak expôs seis quadros, dois dêles — "Vista de Botafogo" e "Vista da Lagoa Rodrigo de Freitas" — mostrando o contacto do pintor com a natureza tropical da cidade, sem medido esforço, povoada de chácaras e jardins exuberantes de vegetação.

Na Exposição da Academia em 1884 as telas de Novak justificaram-lhe presença entre expositores de marca, apresentando trabalhos conhecidos ou de recente data.

Um de tais expositores era Almeida Junior. Expunha "A Fuga da Sagrada Família para o Egito" o futuro autor de quadros só de imagem brasileira.

D. Pedro II comprando "A Fuga para o Egito" doou-a à Academia, onde o quadro entrou para não sair.

Na Exposição de 1884 figuravam, irmanados pelo sangue e pela arte, Henrique e Rodolfo Bernardelli. Expunha êste estátua em gesso, "A Lapidação de S. Estêvão". Por disposição testamentária, "A Lapidação", passada a mármore, recobre hoje o túmulo de Henrique e Rodolfo na alameda principal do cemitério de S. João Batista da Lagoa.



Retrato de D. Pedro II por Novak. Figurou no Salão Nobre da Alfândega do Rio de Janeiro até 1889.

A Exposição de 1884 foi espécie de carta de recomendação por Novak apresentada ao Rio de Janeiro, onde o pintor instalou primeiro **atelier** na rua Conde d'Eu, ora Frei Caneca. Não devia o **atelier** distar muito do Chafariz do Lagarto, de águas sempre correntes e agora sem elas o popular sáurio, por de bronze nada trépido.

Como os artistas da época, Novak não podia contar só com exposições oficiais, qual a de Julho de 1884. Tinha de viver, de fazer-se lembrado ao público e sobretudo a compradores de objetos de arte.

Tendo de subsistir à custa de palheta, de cores e pincéis, os artistas eram obrigados a trabalhar às pressas ou a ceder trabalhos por um nada.

Que o dissesse Castagnette, o morador da praia de Santa Luzia, o enlevado pelo mar. Que o dissesse Estêvão Silva, o reproduzidor de nossas fontes.

Para algum bem de artistas, mais afortunados uns que outros, o Rio de Janeiro de 1884 possuía galerias de arte, a "Placa Elegante", a "Moncada", a "De Wilde", nas quais os pintores podiam expor quadros esperando aquisições.

Nos próprios **ateliers**, de vez em quando, abriam-se exposições, uma dessas em 1884, mesmo, a de Aurelio de Figueiredo, com **atelier** no Campo da Aclamação, atual Praça da República.

Outra exposição, de **gonaches** de Arsenio Silva, atraía concorrência ao **atelier** fotográfico de Insley Pacheco.

Até particulares patrocinavam exposições. Em 1884 organizou uma o conselheiro Caminha, professor da Faculdade de Medicina e do Imperial Colégio de Pedro Segundo. Onde a Exposição? Onde não era de esperar: na igreja de S. Joaquim, contígua ao Imperial Colégio, desde muito o templo desafiteio ao culto. Nele teriam princípio as aulas noturnas do Liceu de Artes e Ofícios, creado em 1856 por Bethencourt da Silva, o propagador do ensino popular gratuito, com a coadjuvação de seletos corpo docente que assiduamente, anos e anos, lecionava de graça, não pareça isto incrível.

Da Exposição na igreja de S. Joaquim foi Novak expositor maior. Na premência de viver apresentou, ao lado de quadros, trabalhos de arte industrializada, retratos coloridos por incumbência da Fotografia Hoffman e Renonleaux. Esta por mão de Novak expunha uma grande vista colorida da cidade de Santos.

Para mostra de trabalhos preferia Novak a "Galeria De Wilde", bem iluminada, bem mobilada, sobre suas mesas espalhadas catálogos das mais recentes exposições artísticas européias.

Foi a "De Wilde" a precursora de negócio de antiguidades no Rio, tal gênero de negócio obrigando o comprador a ser atilado, em tôda parte do mundo, pelas metamorfoses do novo dado por antigo.

Novak deve ter pintado assás no Rio de Janeiro, não relacionada ainda a sua produção artística. Em vindoura lista figura um quadro de Novak a significar história.

No Império, maiormente no Segundo Reinado, em estabelecimentos públicos na Corte, em palácios de presidências de província, em câmaras municipais, existiam retratos do imperador, em tamanho natural ou em busto.

Em 1889, mudada forma de governo, vários retratos de D. Pedro II foram objeto de depredação. Como dilapidação de dinheiros públicos, verberou-se acremente o gasto com retratos oficiais, sem reparar ao menos que ajudavam pintores a viver, não sendo as telas de encomenda todos os dias.

No mundo policiado o retrato do Chefe de Estado é de rigor na vida oficial, exibido onde convem e com medida.

Os retratos oficiais do tempo do Império, alguns vistosos, jamais valeram o preço de meia pincelada de pintor célebre.

Um de tais retratos, para a Secretaria do Império, em 1848 custou cem mil réis. Um retrato de D. Pedro II para a Biblioteca da Marinha ficou por cento e quarenta mil réis, o quadro oficial maior não ultrapassando o custo de dois contos de réis.

Novak foi chamado a pintar retrato de D. Pedro II. Destinou-se-o à Alfândega do Rio de Janeiro, onde a arte valorizada no interior por belo trabalho arquitetônico de Grandjean de Montigny.

Pintou Novak um retrato do imperador envergando o seu habitual traje civil, a sobrecasaca, sobre cuja negrura destacada pequena comenda.

Conseguiu Novak dar ao retratado a sua natural expressão fisionômica, nos olhos azuis do imperador o leve toque do desconfiado, que ao fitar homens sempre espera por alguma das dêles.

Diziam que, nas províncias, o olhar do monarca era outro, possivelmente por se sentir D. Pedro II rodeado de gente mais despresticiosa, mais respeitadora, em meio ambiente mais desfalado de hipocrisias.

Abolido o Império de uma tarde de Setembro por uma manhã de Novembro, os retratos oficiais foram logo condenados. O retrato da Alfândega saiu do seu lugar no salão nobre da mesma, da repartição última inspetor no regime decaído o barão de Sampaio Viana, de tanta alma na organização do resplandecente baile da Ilha Fiscal.

Em 1919 a diretoria do Arquivo Nacional, devidamente autorizada, entrou a recolher em estabelecimentos públicos quanto interessasse o Museu Histórico da repartição zelada com amor ao Brasil e seus dormidos fastos.

Lembrou-se quem recolhia então do retrato oficial da Alfândega. Pesquisar é telmar. Pergunta daqui, indaga dali, houve vaga notícia do paradeiro do desejado retrato. Encontrou-se-o em depósito de móveis de Alfândega e bem encaixado. Qual o benemérito preservador? Abençoado foi. Quais os curiosos que o tinham deixado em paz? Abençoados foram.

Por oferta do Ministério da Fazenda, pela boa vontade do Inspetor da Alfândega, Vossio Brígido, o Arquivo Nacional recebeu o descoberto caixote.

Restava saber se o conteúdo corresponderia ao trabalho e à satisfação de achar sem decepção.

Desprega-se o caixote, uma camada de palha seca sobre papéis recobre um quadro. Desvenda-se-o com cuidado, aurifolge moldura enquadrando um retrato, o do salão nobre da Alfândega em 1889, corre-se à assinatura da tela; ei-la: "Novak".

Dá-se à obra condigno arranjo em sala superior do Arquivo, onde é parte de seu Museu Histórico.

Recebe êste registro das visitas, franqueado ao público, êle indicado por placa na porta principal do edificio.

Recebeu o Arquivo Nacional, a 14 de Fevereiro de 1921, uma visita incomum. Foi a do Conde d'Eu tornado entre nós pela revogação do banimento da Família Imperial e pela trasladação dos restos mortais do segundo imperador e da terceira imperatriz do Brasil.

O ilustre visitante, em companhia da baronesa de Loreto e do sr. Otavio da Silva Costa, percorreu a repartição, detendo-se na Sala D. Pedro II, onde se achava o retrato do pincel de Novak retirado da Alfândega.

O Conde d'Eu ante a tela ficou quieto. Ao romper silêncio, voltando-se para circunstâncias, conseguiu a tela dizendo: "Só falta falar".

Nos BASTIDORES FEMININOS



LUBOV ROUDENKO (Columbia)

A graça é um atributo que consiste, além de um encanto indefinido, numa silhueta impecável, na harmonia dos gestos, na maneira de trajar e, principalmente, na elegância de atitudes. A graça pode ser natural, mas deve também ser cultivada por aquelas que a não possuem. Evitar, por exemplo, as atitudes viciadas, as posturas incorretas, os gestos desarmônicos, a mimica deselegante, a gesticulação exagerada e vulgar. Quanto mais leves os movimentos maior graça assumirão. O hábito da dança influi de maneira bastante benéfica para a graciosidade do corpo. A ginástica sueca é um outro fator. E você tem

o dever de praticá-la. Procurar sempre, ao sentar-se, manter uma atitude correta, para não curvar a espinha dorsal. De pé, firmar-se bem sobre as pernas que deverão manter-se tensas e não dobradas. Ao andar conservar o busto erguido, os pés firmes, o passo seguro. Caminhar como que ao som de uma marcha triunfal. Ter graça é ter uma espécie de ritmo no gesto, na fala, no andar.

A graça é uma espécie de música. O gesto gracioso

é uma sincronização da música interior a cujo compasso a graciosidade se agita. Exercite-se na educação do gesto, das atitudes, dos movimentos; preste bem atenção, exercendo uma vigilância severa sobre você mesma, corrigindo, de cada vez, o gesto, a atitude, o movimento que lhe possa parecer menos harmonioso. E assim, pouco a pouco, dentro desse regime, você se habituará à leveza e harmonia necessárias para ser uma mulher essencialmente encantadora.

A CURA DA DESILUSÃO

Ela inventou um plano complicado...

O médico era bem moço. Entretanto um ar grave e austero fazia-o parecer mais velho.

— Continue.

Marlene cruzou as pernas e prosseguiu:

— Pois é assim, doutor. Desde que o meu marido morreu eu tenho feito o possível, mas é inútil. Só ele sabia lidar com Lucie. Imagine o senhor que ela agora deu para inventar romances. Eu já a proibi de ler, mas logo verifiquei que era pior. Ela imagina amores, paixões entre pessoas que nada sentem uma pela outra. E não há meio de convencê-la de que é tolice. Quanto mais se argumenta que não há provas, mais ela se firma na certeza de que a pessoa traz escondido no fundo do coração a paixão que ela imagina. E' impossível...

— Mas, Mme. Verrier, isso é muito natural. Na idade dela...

— Perdão, doutor. Mas o caso dessa menina é mórbido.

— Talvez não seja tanto assim.

— Bem, é exatamente por isso que eu queria que o senhor me ajudasse...

— Posso examiná-la mas não creio que isso esteja bem na minha especialidade. Sou médico de crianças, mas no seu caso talvez um psiquiatra pudesse ajudá-la.

— Mas doutor, eu pedi seu auxílio porque eu tenho um plano.

— Nesse caso...

— E' o seguinte. Como o senhor era o melhor amigo de meu marido, eu pensei que podia recorrer ao senhor, sem medo. Porque o plano que imaginei requer o auxílio de um homem moço, mas em quem, ao mesmo tempo, eu possa confiar, e cujo caráter eu conheça perfeitamente...

— Não compreendo...

— Trata-se do seguinte: eu pensei que, talvez se conseguíssemos provar, de uma vez por todas, a Lucie que ela se engana nos casos que imagina, ela se convencerá de que está dando rédeas soltas à imaginação.

— E como pretende lograr convencê-la?

— Desde que ela esteja certa de que eu também tenho um caso amoroso, e que eu prove que ela está enganada, creio que conseguirei bons resultados.

— De fato...

— Por isso lembrei-me do senhor. Perdoe-me se sou forçada a falar com certa franqueza. Mas trata-se do seguinte: ela o conhece bem, lá de casa, e sabe que o senhor sempre viveu lá. Ora, se o senhor conseguisse sugerir um amor desesperado por mim, sem dizer nada, e depois nós provássemos a ela que era tolice...

— Minha senhora, eu não sei se o seu plano...

— Creio que dará bons resultados. Fazendo, levarei a menina a um psiquiatra, como o senhor me aconselhou.

— Não sei por que me escolheu entre tantos...

— Já lhe disse. Meu marido tinha confiança ilimitada no senhor, e por isso,

como é preciso que eu tenha confiança no homem com quem vou tentar essa comédia... Além do mais, o senhor está numa situação privilegiada, como já fiz notar, porque ela o conhece...

— Se a senhora pensa que posso ser útil nesse caso...

— Estamos combinados, portanto?

— Sim. Quando começaremos?

— Podemos começar agora mesmo...

— Estou às suas ordens. Não tenho mais clientes hoje...

— Nesse caso venha jantar comigo.

Ele deixou um recado com a enfermeira para que avisasse em casa que não iria jantar, e dentro de poucos minutos estava a caminho da casa de Madame Verrier, no carro desta.

— Lucie!

A menina se aproximou:

— Senhora, mamãe?

— Trouxe um convidado hoje. O dr. Breal, que veio jantar conosco. Você se lembra dêle, não lembra, minha filha? Ele costumava vir aqui quando seu pai era vivo...

A menina encarou Michel fixamente e disse, lentamente:

— Lembro-me, sim senhora.

Quando êle fez o pedido ela pediu tempo para refletir. Não podia responder assim, estava tão surpresa com tudo aquilo, precisava de tempo para pensar, para refletir...

Ele disse que esperaria. E não foi em vão. Germaine acabou por aceitar, e o casamento foi marcado.

No dia em que ficaram noivos deram uma festa magnífica. Michel estava muito esquivo aquela noite. Somente muito tarde, quando todos se tinham retirado, êle disse que precisava falar com Germaine.

— Eu também queria falar com você.

— Vamos para a biblioteca.

— Lá, sentados no sofá, perto da lareira, êles conversaram.

— Michel, há uma coisa que eu queria dizer a você, há muito tempo, e não tive coragem. Mas agora eu acho que é necessário contar tudo. Não quero casar com você sem que você saiba que...

— ...que Lucie nunca teve nada. Que você inventou tudo aquilo para que eu viesse aqui.

— Michel!

— Você pensa que eu sou cego, Germaine?

Ela corou:

— Mas então...

— Mas então eu sabia que você gostava de mim.

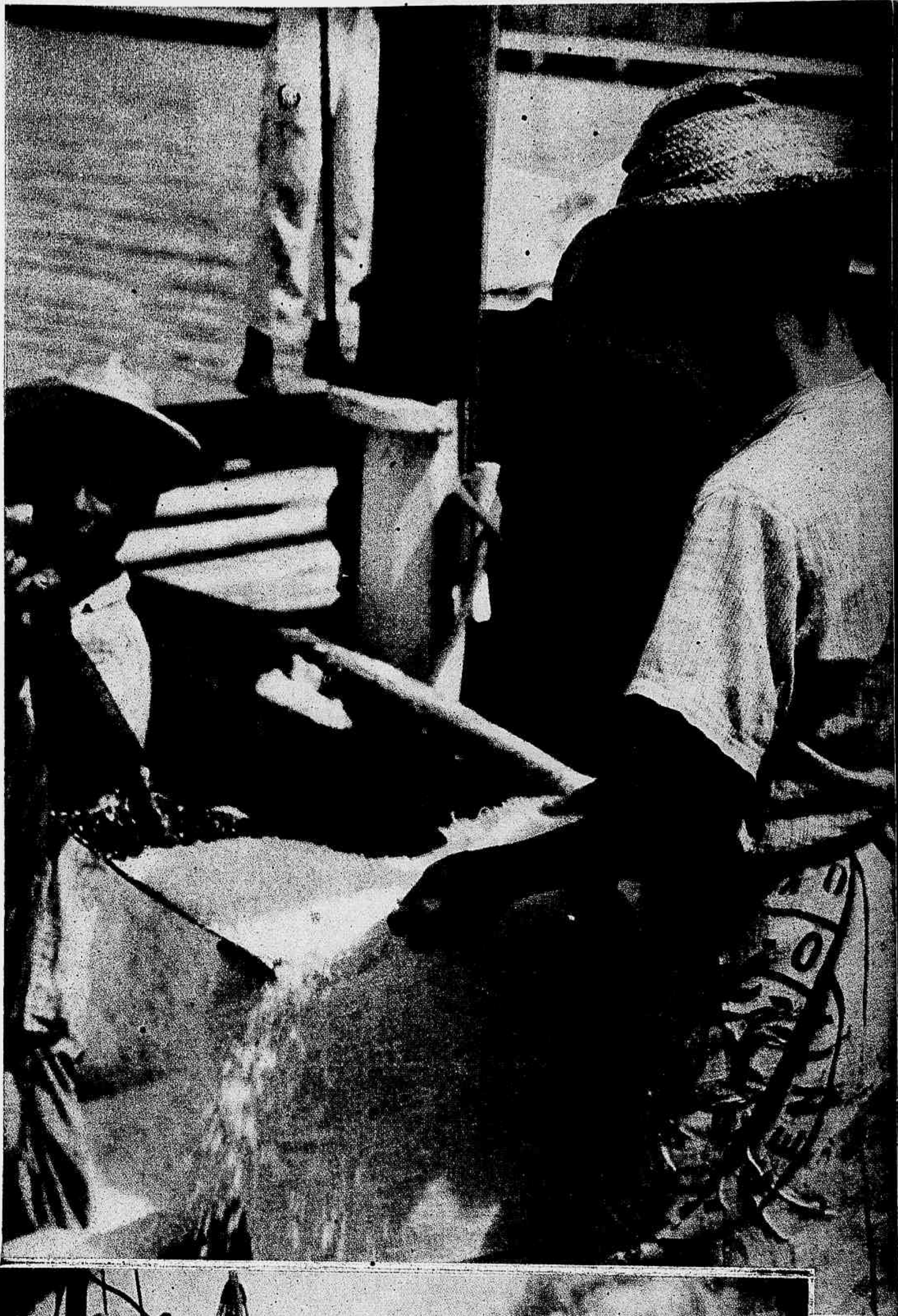
— E brincou comigo assim?

Continua na pág. 41

Conto de MARCEL CHARDONNE

COISAS DO BRASIL

Êstes dois flagrantes foram tomados em Araruama, na vizinha localidade fluminense, onde a indústria do sal tem um de seus grandes esteios. As salinas de Araruama são famosas, mesmo não atingindo o grau de desenvolvimento das de Cabo Frio, situadas mais para além, rumo ao Norte, naquele mesmo roteiro marítimo. Mas as salinas de Araruama, lugar florescente e de reais encantos, servem para emprestar um colorido maior àquele recanto bonito do vizinho Estado. O ensacamento do produto e sua remoção das barcaças para os transportes de terra, feito por dezenas de trabalhadores, ao ritmo de uma cantochão que se prolonga por horas e horas, é de um pitoresco incomparável. Homens rústicos e de fortes músculos, rapazolas fortes e destemidos, que levantam sacos de sal pesando centenas de quilos como se fossem os mais leves volumes, trabalham de manhã à noite, nos dias ensolarados, pois quando chegam as chuvas todos os serviços estacionam. O sal é o ganha-pão daquele gente humilde; o sal é a roupa que eles vestem quando conseguem ganhar para êsses "luxos"; é o cigarro, o fósforo, o café — o sal é tudo, enfim. As salinas de Araruama vivem dêsse estôrcio individual e coletivo. E os turistas da poética cidade fluminense, debruçada no rio cujas águas são também salgadas ao ponto máximo, formando flocos espessos do produto da região, vão encontrar um espetáculo novo e magnífico, inédito e incomparável. Um espetáculo que se enquadra na série dêstes exuberantes aspectos de gente e coisas do Brasil, que vão desfilando nestas páginas...



Sachem

Conto de

H. SIENKIEWICZ

Ilustração de Armando Moura

NINGUÉM teria podido supor, ao ver naquela noite a multidão aglomerar-se nas vizinhanças do grande circo levantado na praça principal de Antílope, que havia menos de quinze anos não existia nada daquela cidade, hoje tão florescente.

Nenhum branco teria então se arriscado a atravessar a confluência dos dois rios, onde tinham depois edificado uma cidade, tão temíveis pareciam aos colonos alemães da redondeza as poucas cabanas indígenas que existiam por lá. Os índios do Texas, os "Serpentes Negras" que nelas moravam, sabiam defender o seu território, e mais de uma cabeça européia imprudente conhecera o privilégio de ser escalpada.

Um estado de coisas que não podia continuar!

Uma noite de plenilúnio, várias centenas de brancos se precipitaram sobre a aldeia adormecida. E o triunfo da boa causa estava definitivamente assegurado na manhã seguinte.

A pequena aldeia indígena fôra queimada e os seus habitantes decapitados sem distinção de sexo e de idade. Somente alguns guerreiros que durante aquela estação tinham ido às caçadas, na planície, haviam escapado ao massacre.

Destruída a aldeia, os seus demolidores compreenderam que o lugar era bom, e dentro de pouco tempo, graças ao auxílio da imi-

gração européia, das cinzas da velha tabacaria uma Antílope civilizada.

Em menos de cinco anos, mais mil habitantes a povoavam, e esse número triplicou rapidamente, devido à exploração das minas de mercúrio existentes nas vizinhanças.

Em virtude da lei de dez mil guerreiros — os últimos da tribo dos "Serpentes Negras" que foram capturados, sete anos depois do triunfo das mãos, enforcados na praça principal daquela noite, a banda do circo

A banda do circo tocava e parecia picaz aquêle que apontasse o povo estava à espera do espetáculo da piedade — negociantes e lavradores — que se espalhavam o fogo e a morte naquela agora em festa.

Os curiosos se ajuntavam aos milhares em torno das grades. Que causa de tanto sucesso? Talvez o desejo de reair alguma diversão depois do rude trabalho do dia, talvez o orgulho de ter sido honrado pela companhia do célebre empresário cuja chegada atestava evidentemente a importância da cidade. Por essas razões, dúvida, mas também por outra, e sobretudo por esta.

O número dois do programa dizia:



"O célebre acrobata
"Marfim Vermelho", Sachem,
chefe dos Serpentes Negras,
o último verdadeiro descendente da raça,
o único sobrevivente da tribo,
caminhará sobre o fio de arame estendido
a quinze metros acima do chão, com
acompanhamento de música."

O ilustre senhor Dean contara nos bares
que, passando por Santa Fé, havia cerca de
quinze anos, encontrara, acompanhado de um
menino, um velho índio moribundo. E o velho
morrera, não sem contar que o menino, filho
de Sachem dos "Serpentes Negras", era o her-
deiro de seu pai assassinado, o único chefe in-
contestado, de então em diante, da sua tribo
destruída ou dispersa. E o menino, recolhido
pela companhia do empresário, tinha, com o
tempo, se tornado o primeiro dos seus acroba-
tas. E o senhor Dean, que jamais conhecera
a velha aldeia incendiada, ficou sabendo, ao
chegar a Antílope, que nessa cidade o seu dan-
çarino de corda ia dançar sobre o túmulo de
seu pai.

A história se espalhara e Sachem tornou-
se a mais bela atração. Os burgueses de An-
tílope tinham ido ao circo para ver o único so-
brevivente de uma raça que eles haviam des-
truído, para mostrá-lo às suas mulheres, aos
seus filhos, aos seus conterrâneos recente-
mente chegados da Europa e que ainda não
tinham visto índios.

Que orgulho poder dizer:

— Vejam só, vejam o último dos "Ser-
pentes Negras" que nós massacrámos!

— Ah! Hen! Yeh!

Que doce satisfação para o amor-próprio!
As exclamações admiradas se cruzavam ao se
contarem as proezas passadas, ouvindo-se re-
petidamente de uma ponta a outra da cidade
esta palavra:

Sachem... Sachem...

Desde cedo, os meninos mais audazes va-
gabundeavam em volta do circo, dominando
o seu espanto, esforçando-se por ver através
das frestas, através das tábuas mal pregadas...
E o mais idoso dos moleques, animado naque-
le dia por um espírito belicoso, caminhava de
peito erguido, ameaçadoramente.

Enfim, chegaram as oito horas da noite.

O tempo estava maravilhoso, o céu estre-
lado. A brisa trazia do campo o perfume das
laranjeiras que impregnava o ar da cidade.

E no circo, grandes focos de luz produzida
por enormes tochas de breu, flamejantes com
seus altos penachos de fumaça preta, ao mes-
mo tempo que um imenso lampadário domi-
nava o picadeiro.

Diante da porta, do lado de fora, compri-
mia-se a multidão dos que não tinham conse-
guído encontrar lugar e que assistiam ao des-
file dos carros da companhia e contempla-
vam, fazendo comentários, a grande tela pin-
tada que representava um combate entre
brancos e peles-vermelhas. Atrás do circo, os
copos de cerveja se empilhavam sobre as me-
sas do bar, de onde vinham vozes que diziam:

— Água fresca! Cerveja!

Mas uma campanha soa, impondo si-
lêncio.

Seis palafreiros calçando altas botas
aparecem e se dispõem em duas filas, na en-
trada da arena, perto das cavalariças.

Por entre as duas filas precipita-se um
cavalo veloz, sem bridão e sem sela, trazendo
na garupa uma nuvem de cassia, de fitas e
de véus.

E' a amazona Lina que faz a sua entrada.

Começa a representação com acompanha-
mento de orquestra. Lina é tão bela que a
jovem Matilde, filha de um cervejeiro, in-
quieta-se subitamente e murmura ao ouvido
do jovem Floss, sentado ao seu lado:

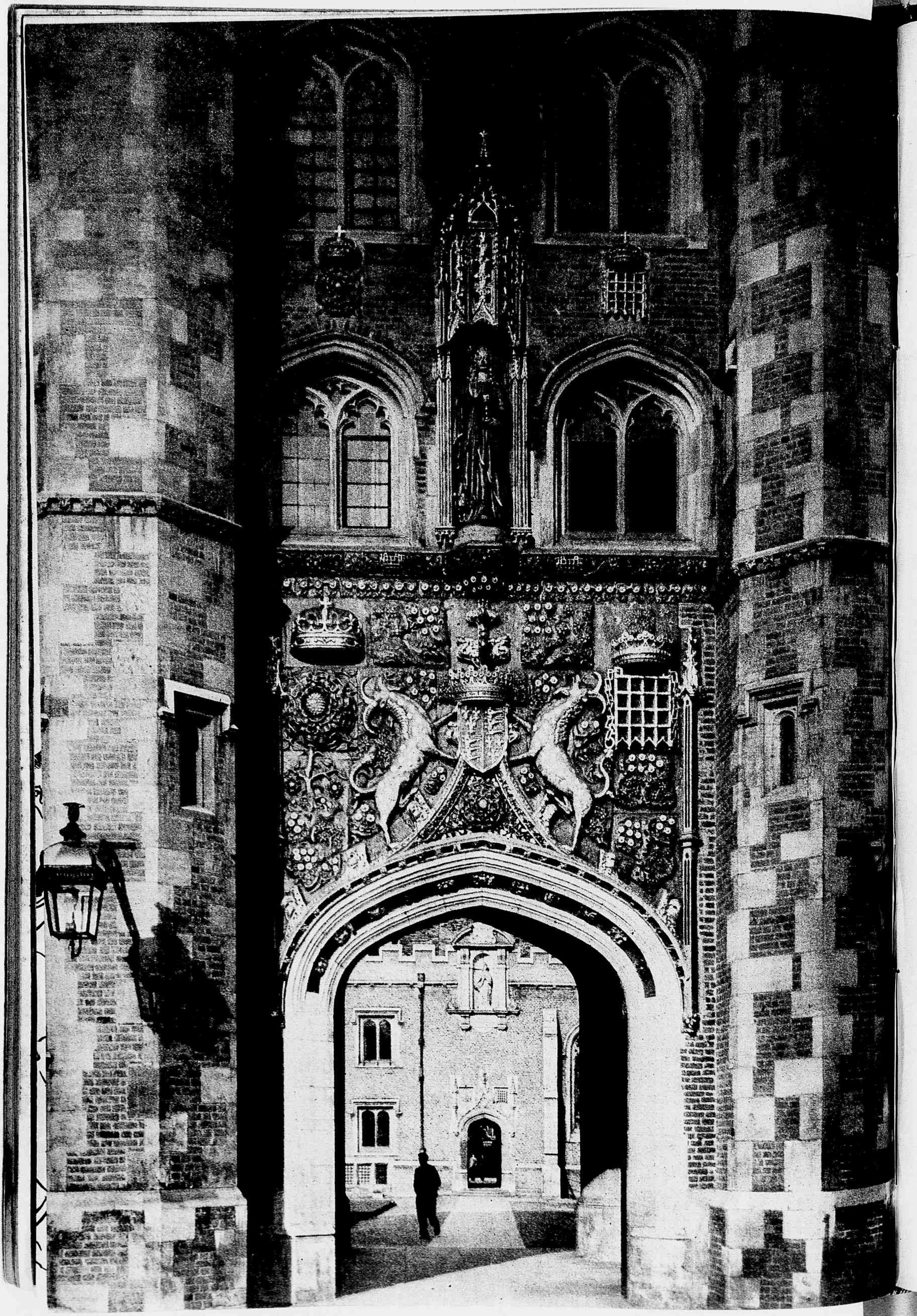
— Você me amará sempre?

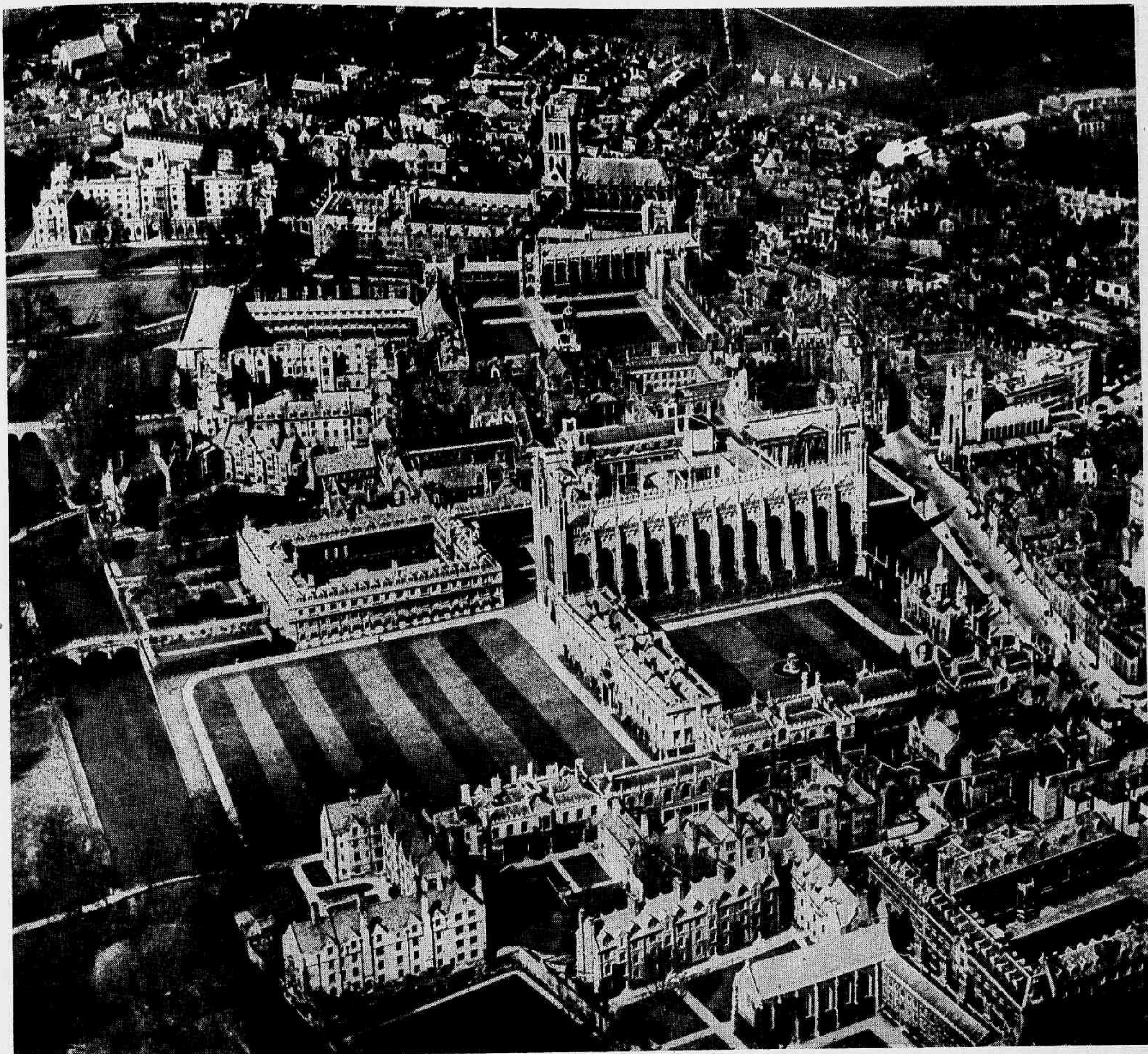
O cavalo galopa bufando como uma loco-
motiva, enquanto os guizos tilintam.

Os palhaços, alguns dos quais aparece-

(Continua na pág. 37)







VISTA, EM CONJUNTO, DE CAMBRIDGE — Tomada aérea, de avião, aqui se pode observar, em conjunto, o que é Cambridge. A esquerda, um pedaço do rio Cam. Esse aglomerado de imponentes construções, resultando, em conjunto, num magnífico efeito visual, traduz com fidelidade o que seja Cambridge, justo motivo de orgulho dos britânicos, e cuja história está vinculada às páginas mais gloriosas do passado da Inglaterra.

CAMBRIDGE E OXFORD

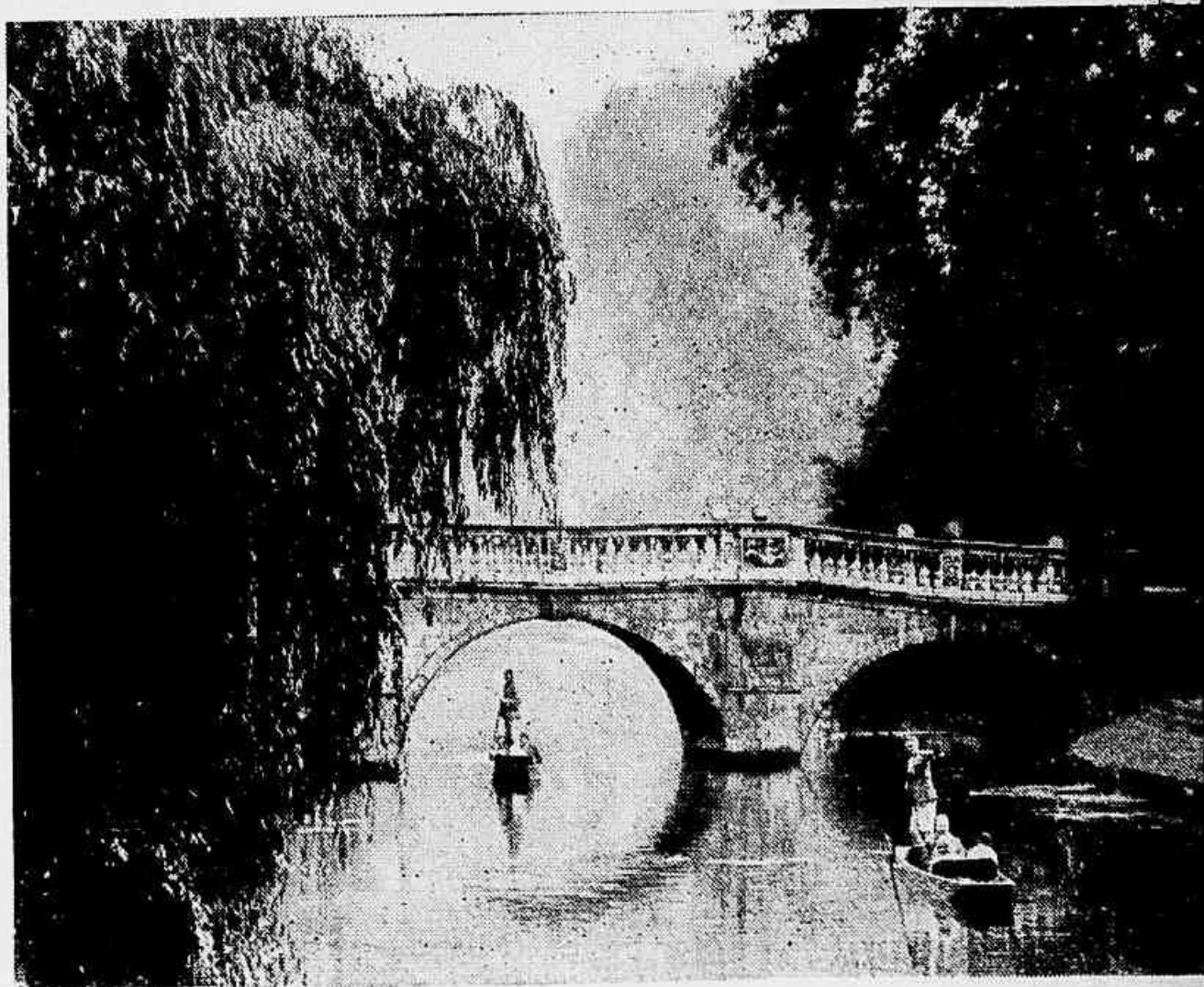
Pelo Prof. D. W. BROGAN, do B. N. S.
especial para a REVISTA DA SEMANA

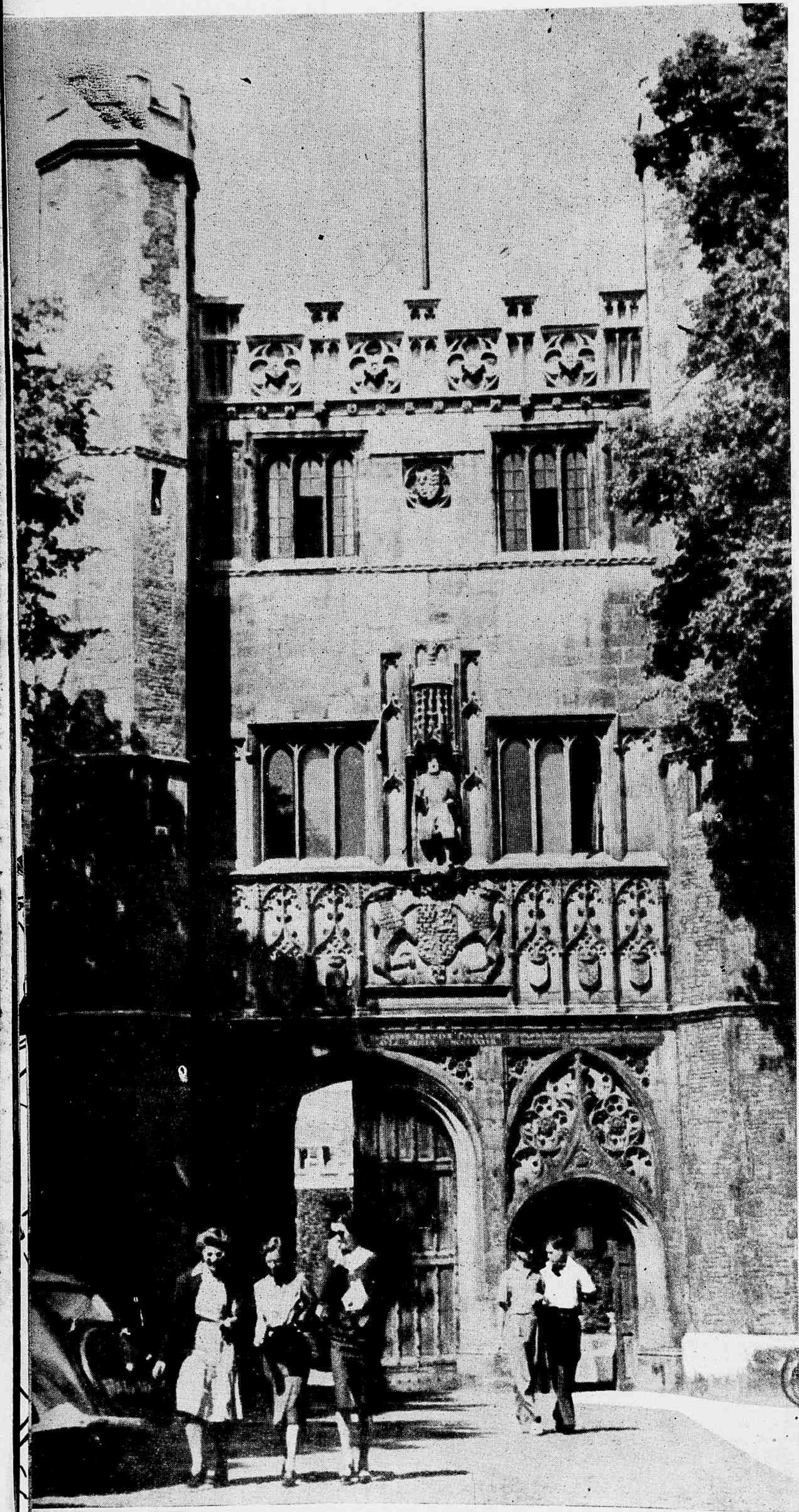
Londres — Aquêles que visitam Oxford ou Cambridge atualmente recolhem as mais diversas impressões. As ruas estão cheias de soldados, marinheiros e aviadores; em Oxford, particularmente, vêem-se caminhões por toda parte, "jeeps" e grandes veículos construídos para transportar asas de aviões, e fragmentos de aviões acidentados passam a todo instante em demanda dos trabalhos de recuperação. Entretanto, em certos momentos as duas antigas cidades universitárias conservam o mesmo aspecto. É bastante atravessar o pátio de uma das antigas

escolas que ainda não foram transformadas em um hospital ou escritório; a grama cortada rente, os velhos serventes, os professores envergando suas becas, tudo, enfim, guarda a mesma cor local. As escolas mantêm os velhos rituais dos jantares, aparentemente inalterados. Aparentemente é o termo, pois não só os uniformes, como os visitantes de todos os recantos do mundo, curiosos por saber se o tradicional lugar ainda existe, emprestam um aspecto diferente a estas reuniões.

Nas livrarias nota-se a mesma mistura de velho e novo. A maior coleção de livros é provavelmente a que trata de assuntos de navegação aérea, da conservação de instrumentos de guerra e da aplicação da matemática e da física para finalidades de guerra. A coleção que se segue em importância trata de assuntos políticos, do passado, do presente e do futuro de todas as instituições do mundo, ou do Império Britânico. Abundam os livros sobre planejamento econômico e so-

ST. JOHNS GATEWAY, CAMBRIDGE — Um monumento que vale por uma tradição da Grã-Bretanha. Obra de arte requintada, algumas vezes secular, vale por uma afirmação do traço característico e tradicional da gente inglesa. Por esse portal tem cruzado gerações seguidas de homens ilustres cujos nomes, mais tarde, são fixados na História.





cial, e o soldado americano ao comprar um guia dos arredores esbarra em um oficial da marinha ou da RAF absorvido na leitura de um guia para o futuro da humanidade.

Os amantes da boa leitura notam imediatamente uma mudança dos tempos de paz. Como são raros e dispendiosos os livros franceses! Que mudança dos tempos de paz, quando as grandes livrarias de Oxford e Cambridge, assim como as de Londres, se orgulhavam de possuir coleções de livros franceses tão completas como se estivessem estabelecidas no Quartier Latin ou na praça do Palais Royal, em vez de Oxford Street.

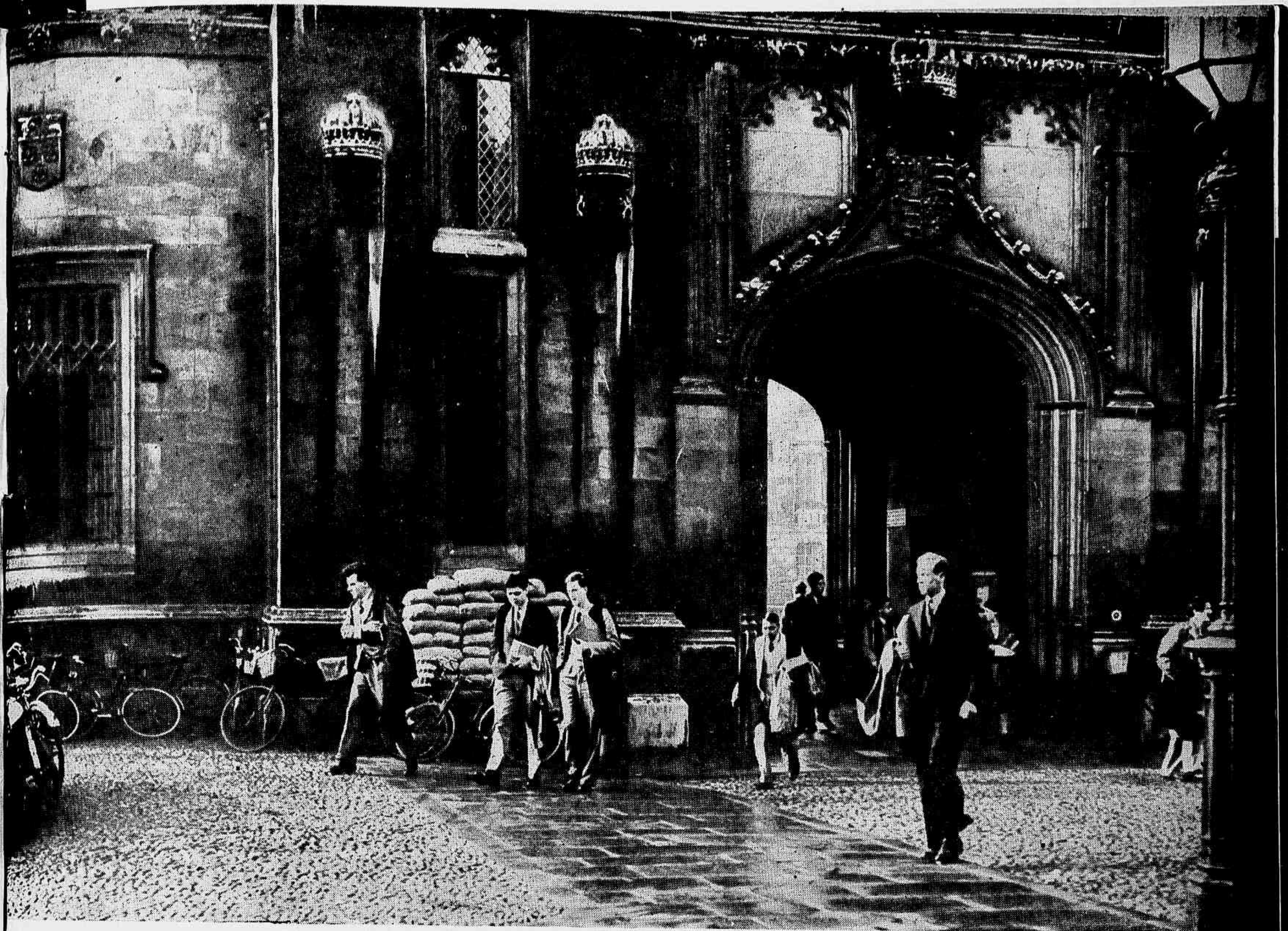
Pela primeira vez em sua longa história Oxford e Cambridge separaram-se de Paris, e esta separação revelou quão profundos eram os laços que uniam estes centros da cultura mundial. Tudo o que era dramaticamente verdadeiro sobre a cultura e a vida intelectual francesa também era verdadeiro sobre a cultura ocidental; a Inglaterra foi isolada num esplendor involuntário; o fato de Londres ter se tornado a capital intelectual do mundo livre era um motivo de orgulho, mas não de júbilo; o fato das universidades britânicas terem se tornado praticamente o único centro de estudos da Europa era igualmente um motivo de orgulho e razão para que se desenvolvesse nova noção de responsabilidade. Sem dúvida era uma grande honra, mas, por outro lado, gigantesca era a tarefa de restaurar a Sorbonne então agrilhoada.

Em outras palavras: as universidades da Grã-Bretanha tiveram que arcar com o peso da guerra. A Universidade de Londres por muito tempo permaneceu na linha de fogo e foi particularmente sem sorte. Muito sofreu com os danos causados às bibliotecas, institutos, laboratórios e escolas. No princípio da guerra, de acordo com um plano estabelecido previamente, diversas peças foram transferidas para Oxford, Cambridge, Glasgow e Edinburgh. Era realmente difícil manter uma universidade unida espiritualmente quando a Escola de Medicina estava localizada em Glasgow, a Escola de Artes em Bristol, a Faculdade de Ciências em Birmingham e os seus escritórios em um subúrbio de Londres. Algumas das universidades provinciais muito sofreram com as incursões aéreas e com a evacuação compulsória, e todas sofreram com um resultado da guerra inevitável: o decréscimo do número de matrículas.

De fato, a vida estudantil na Grã-Bretanha foi profundamente abalada. Jovens estudantes não tendo ainda atingido a idade de convocação, estudantes cujos defeitos físicos os incapacitavam para o serviço ativo, feridos de volta das forças armadas, e alguns estudantes técnicos e de medicina, constituíam o corpo discente. Mas a eles se juntou uma nova classe, os cadeles. Eles foram enviados para as universidades para se submeterem a vigoroso treinamento técnico mas — e aqui está a novidade — podiam e eram mesmo animados a continuar o seu curso de educação geral. A teoria desta dupla instrução era muito simples. Estes futuros oficiais não deviam ser unicamente técnicos, mas choles de homens; dar-lhes uma instrução puramente técnica era limitar arbitrariamente as suas possibilidades.

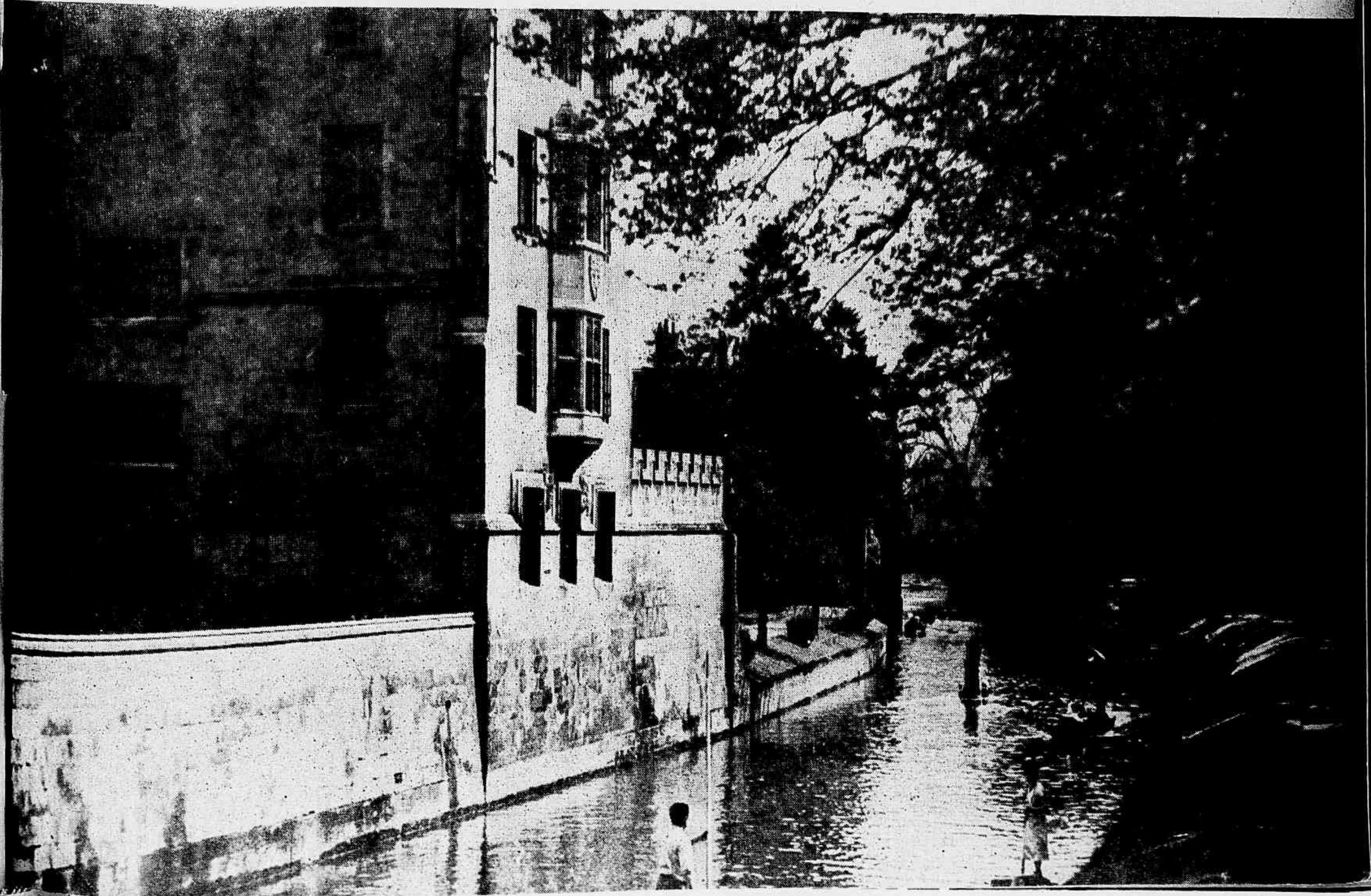
Continua na pag. 39

Outro aspecto da Universidade de Cambridge, tomado ao terminar uma aula. Vêm-se alunos e alunas de volta para casa, depois de uma proveitosa manhã de estudos. Os avós e os bisavós desses jovens repetiram centenas de vezes aquele mesmo percurso.



ESTUDANTES DE VOLTA PARA CASA — Os rapazes de Cambridge nem sempre estão com o pensamento voltado para as famosas competições de regatas com Oxford. Ei-los, aqui, saindo da Universidade, preocupados com os estudos da manhã seguinte, muitos deles transportando-se de bicicleta. Ficam as bicicletas guardadas ali perto. E cada qual procura a que lhe pertence, na hora de regresso. O colégio real é a aspiração máxima de todo jovem estudioso britânico.

O RIO E A POESIA DE CAMBRIDGE — O regulamento das Universidades proíbe que seus alunos façam passeios de barco, ao longo do rio Cam, mas ainda menos em companhia de jovens do outro sexo. Mas os barqueiros conhecem certos "truc" e, em horas apropriadas, rapazes e moças passeiam longe das vistas dos mestres... Cambridge nem sempre é estudo e prática de esportes. Alguns pares de namorados costumam sair das bancas de suas universidades. E os filhos, mais tarde, tomam o lugar dos pais...



Pela 1ª vez Hollywood produz um filme 100% passado em nosso país!

BRASIL

UMA PRODUÇÃO DA
REPUBLIC

Um grande elenco:

VIRGINIA BRUCE
TITO GUIZAR

EDWARD EVERETT HORTON
FORTUNIO BONANOVA
AURORA MIRANDA

com

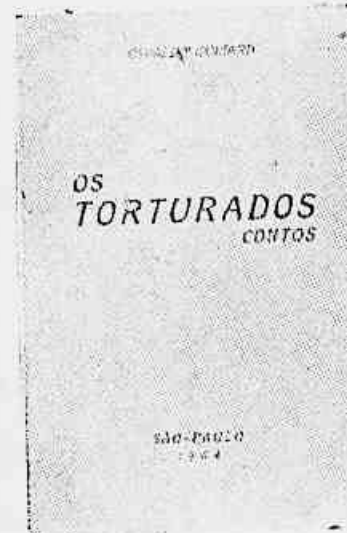
ROY ROGERS
(O Rei dos Cowboys)

Transbordante de
COMÉDIA! ROMANCE! RITMO!

música de **ARI BARROSO**

Livros

OS TORTURADOS, contos de Osvaldo Guisard — São Paulo, 1944.



Situam-se estas histórias em pequenas cidades ou localidades ainda mais obscuras, no interior do Estado de São Paulo. O autor conhece aquelas terras e aquela gente como a casa mesma e as pessoas suas familiares; e está a par de costumes, tradições, crenças, fanatismos como de coisas que se relacionassem intimamente com a sua própria vida. Assim as novelas presentes o Sr. Osvaldo Guisard nos faz a desenhatura, a espécie de facilidade com que apresenta as paisagens, os tipos, os episódios, toda a vida local.

Por estas páginas, como por certos romances do Norte do Nordeste, se tem a impressão dum estado ainda meio arbaro, a muitas léguas, literariamente falando, da positiva vilização. Proprietários, agricultores, industriais se consideram, e dalgum modo são, outros tantos potentados, aos quais nada impede de fazerem o que lhes venha à cabeça. O aprego do capangismo supera os recursos da lei. O chefe litico exerce uma tirania sem possível apelação. Certo delegado de polícia é um "tenente" de seu natural furioso e frequentemente super-excitado pelo álcool, que resolveu não deixar ninguém divertir-se, invade qualquer estabelecimento ou residência, leva tudo a safação, cacetada, tiro; os homens do destacamento são denominados os "bato-paus". E por qualquer coisa se mata, quer o valentão recalcitante quer o preso inofensivo. Haverá pessimismo ou caricatura em tais exposições e tal maneira de apreciar? A verdade é que o autor dos *Torturados* nos inspira não simplesmente o desejo de que tal estado de coisas acabe o mais breve possível mas também vivo interesse pelo que em tudo aquilo exista de pitoresco, espectacular e para nós, da cidade, mais ou menos original.

Um dos contos, *O cão e o suicida*, impressiona fortemente, com o caso dum desgraçado de amor e do nobre animal que lhe faz sentinela aos despojos como lhe protege os bens e a vida — enquanto ele que já viver. Nas outras páginas o que domina são os traços flagrantes de observação, fotográficos às vezes mas outras vezes bem curiosamente interpretativos, que nos dão a conhecer as figuras características: o "sitante" português; o negociante, metido a politicote, italiano; o mascate chamado turco; e os indivíduos acentuadamente regionais quase primitivos, que olham com sentimento hostil todas as ingratidões, todas as intrusões e sobretudo querem ficar sempre os mesmos.

APAIXONADAMENTE, sonetos e outras poesias de Virgínia Victorino — Edições Dois Mundos — Rio de Janeiro, 1945.

O segundo livro de versos da Sra. Virgínia Victorino, cujo êxito, não inferior ao do primeiro, vai já na sexta edição, abre com o soneto, que lhe dá o título e logo o define na sua rara beleza e na sua impetuosa origem sentimental:

*Fui compondo êstes versos, absorvida
no ritmo da minha alma, sempre ansiosa,
para neles ficar, triste ou gloriosa,
uma existência inteira resumida.*

*Assim os fiz, pela paixão vencida,
— e, porque fui vencida, vitoriosa... —
nesta febre constante de ambicções,
mêgoa e prazer de toda a minha vida!*

*Cada verso é uma pedra mais que eu ponho
na catedral imensa do meu sonho,
...ria embora do Sonho toda a gente!*

*A vida humana, seja ou não tranquila,
pr funda eu não, — só poderá senti-la
quem a sentir "apaixonadamente".*

Os versos de Virgínia Victorino são em tudo sentidos, sinceros, pessoais e, tanto quanto possível originais. Diversas condições os tornam "diferentes" e, em muitos casos, logo à primeira linha reconhecíveis. Uma dessas virtudes está na relação íntima e imediatamente estabelecida entre o que a poetisa quer significar e o que as suas palavras nos dão de dizer. A idéia ou a emoção e os elementos de expressão se casam integralmente como se tudo viesse já organizado, concluído do momento mesmo da inspiração. Não se descobre facilmente — nem talvez a custo — por estas páginas além alguma passagem forçada, alguma espécie de artifício. Os decassílabos da mais que declarada predileção da artista se sucedem como por si mesmos, comparáveis ao desfiar dos rosários em mãos devotas ou às pérolas dum colar que se desprende lentamente, cadenciadamente, tilintando e tremeluzindo. Passam por diante dos nossos olhos como outras tantas gemas que, iguais no tamanho e equivalentes na preciosidade, nem por isso deixa cada qual de nos transmitir, em efeito separado, o seu veemente impulso de alma, a visão da sua graça, o som do da sua música...

Na singeleza verbal reside um dos prestígios que tão famosas tornaram as criações desta poetisa portuguesa. Muitos poetas, cá e lá, teem dedicado ao duplo princípio técnico: construção sempre direta e supressão das chamadas licenças ou liberdades que Banville do modo mais sumário condenou — infelizmente não para sempre. Em Portugal, Fernandes Costa, o admirado autor das "Soledades", fez de tais preceitos um ideal ardente, um caso de paixão; outros rimadores se aplicaram com o mesmo extremo empenho a evitar as transposições, as sínopses aféreses, ou, p. cópias, os acréscimos, todos os recursos arbitrariamente consagrados ao respeito da métrica com desrespeito das palavras ou das frases; o que, porém, geralmente sucedia nessas tentativas de corrigir um senão era sacrificar-se a espontaneidade da obra incorrendo — e em defeito pior. Ora a Sra. Virgínia Victorino consegue atingir a impressionante naturalidade que é a essência da sua poesia, cuidando e apurando a forma diante dos quais, parece-nos, a crítica mais exigente se daria satisfeita. Assim o atesta o primeiro soneto, *Apixonadamente*; e, voltando a foliar, encontramos nova joia modelar, *Fuiz*, entre os esmeros da qual se faz notar a harmonia dos graves e agudos mantida por João de Deus e Antonio Nobre, mas que poucos outros poetas portugueses, em nossos dias, terão observado.

Novos

Gina, romance da Sra. Leandro Dupré — Editora Brasiliense Limitada — São Paulo, 1945



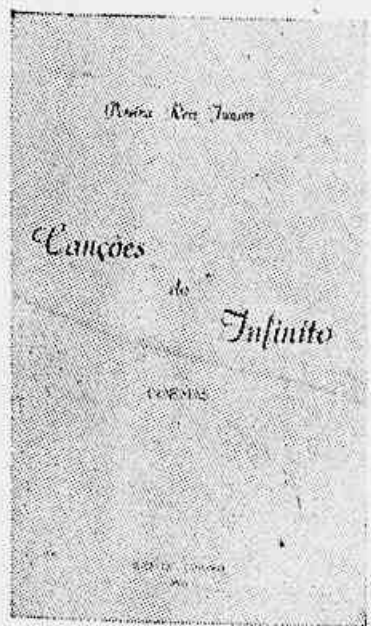
A autora do *Romance de Teresa Bernard* e de *Eramos seis* mantém nesta nova produção os seus processos essenciais de arradora. E, dizendo que os mantém, poderíamos afirmar que lhes dá mais livre curso e uma aplicação mais desenvolvida.

A sua tendência para apresentar a figura ou o episódio, ficando naquela todas as feições e movimentos e neste todos os pormenores ou possíveis particularidades, é no presente romance levada ao extremo. A história poderia, sem prejuízo, nitidez da forma nem do interesse da fabulação, ser contada em muito menos páginas. O volume compreende quase trezentas; talvez metade bastasse para expressão e exatidão de tudo aquilo. Mas a maneira da romancista não edece, evidentemente, ao propósito de encher papel, muito menos à preocupação de fazer admirar a superabundância crítica. A Sra. Dupré escreve assim naturalmente, simplesmente, ou, pela regra que um amigo nosso aplicou a todos os manejadores da pena, "como não pode deixar escrever", em verdade ninguém tem o direito de a censurar porque adota aquela forma em vez de mais condensado, mais sucinto.

seu sistema de exprimir os resultados da sua observação, as vibrações da sua emotividade. Por que? Já o grande mestre de estética e de estilo Ramalho Ortigão disse, numa página das *Farpas*, que não se devia perguntar a um artista *porque* e sim *como*.

A autora de *Gina* não pertence à categoria de artistas que deixam ao público o trabalho e o gozo de imaginar por si mesmo alguma coisa e assim "completar" a obra. Quer que tudo fique feito e acabado. Mas o que se pode discutir é o efeito de tal processo na nossa mentalidade como na nossa sensibilidade. A Sra. Dupré faz a fotografia dos personagens, da sua vida, do seu ambiente. Fotografia exata e acentuada a ponto de ir além do necessário ou do convenientemente razoável. O seu espírito de observação entrega-se à análise e ao através dum microscópio. Assemelha-se à objetiva de certas máquinas — as melhores, sem dúvida — que apanha, surpreende coisas insuscetíveis de se mostrarem aos nossos olhos. Quer dizer: vê mais do que nós. E a escritora, em vez de seguir o método de Flaubert, reduzindo e desbastando a "chapa", poupando só o aspecto e a expressão essenciais, não só conserva tudo como safu, mas ainda de certo aviva, realça, salienta, procura valorizar o detalhe. Mas está no seu direito. E é de boa justiça declarar que esta "biografia" de Gina desperta o nosso interesse e sem artifício ou arbitrariedade perceptível o mantém. Confirme já se publicou, as coisas que a Sra. Leandro Dupré nos conta nos seus livros foram colhidas da pura realidade. Aconteceram. Está claro que tal circunstância não engrandece nem diminui o valor do trabalho. O que neste se faz apreciar, verdadeiramente se impõe, é o prestígio — damos o nosso depoimento pessoal — de prender a atenção e não deixar que esmoreça o empenho de acompanhar, de saber, até ao fim. E há uma emotiva condição de real importância: a simpatia que a protagonista nos inspira, nos faz desejar-lhe, depois de tantas tribulações, tanta injustiça do destino, a compensação dum epílogo de serenidade e doçura. Ora, para felicidade dela, e nossa também, é isso que acontece.

CANÇÕES DO INFINITO, versos de Pereira Reis Júnior, 2.ª edição aumentada — Rio de Janeiro, 1945.



Não se julgue por esse título que o poeta se queira atribuir uma inspiração e um gênio universais. Em primeiro lugar, o título o seduziria musicalmente, pela "canonicidade". Os dois substantivos se conjugam como se formassem uma frase de hino triunfal. Se os proferirmos, sobretudo se os epetirmos em voz bem alta, teremos a impressão — o que também, está claro, depende do temperamento — um cântico livre, arrebatado, em pleno campo, sob o céu esplendoroso. Essas vozes são companheiras do poeta. Vão resperadamente com ele, ensinando-lhe a beleza de todas as coisas, a perene sublimidade da vida. Sugerem-lhe os temas a ver-se, chegam a ditar-lhe as cadências e as rimas. É o canto de sempre. É o canto do infinito.

Também se pode depreender que o Sr. Pereira Reis Júnior defina por semelhantes termos, não a sua obra realizada mas a sua aspiração. É o que ele sonha, é onde quer chegar. E realmente, nos momentos mesmos de relativa serenidade, ele se poderá considerar orientado para aquela transcendência absoluta e de fato a caminho dela. Nas páginas dadas em apêndice ao volume, nobres espíritos o levam excepcionalmente. O Sr. Arânio Peixoto, depois de citar dois versos, declara: "Por esse dêdo, identifiquei-o gigante; por ele reconheci-o parente de Castro Alves, sem deixar de ser Pereira Reis. Excelsior!". Ao Sr. Eloy Pontes, recorda ele, *excusez du peu*, Antonio Nobre e o Junqueiro dos Simples. E João Ribeiro diz simplesmente mas tão eloquentemente: "Pereira Reis Júnior é poeta".

Esta segunda edição das *Canções* aparece em papel caro, com os caracteres "principais" a vermelho e azul, em fino desenho. E entre as poesias, salvo erro, inéditas, se inclui a seguinte, em versos alexandrinos e decassílabos, à excepção duma linha a que o poeta não quis dar cadência alguma:

Beijando a terra vagarosamente,
clara e sem jaça como um diamante,
corre tranquila e pura a água contante
pela mata a vagar indolentemente...

De mãos em concha bebe a linfa a gente
que Deus lhe deu eterna e soberana...
e olha a paisagem, delirantemente,
e a água que a rolar em seus pés espadana...

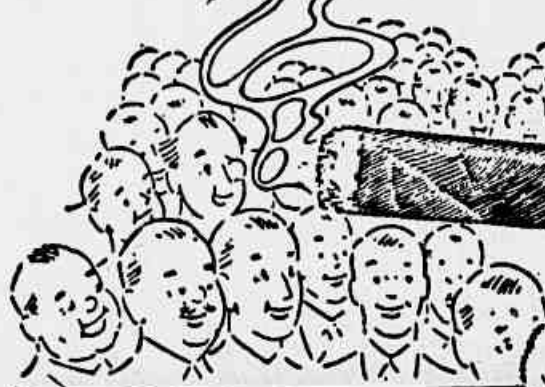
Anda em tudo o silêncio. As retinas debruça
num derradeiro olhar às coisas fugidias:
o fero galopar de fogo das coivetes
e o lento caminhar de tantas ventanias...

O vento desanela os seus cabelos...
E o bronzeo deus põe nos rebolhos perdidos
tange da fruta rude os cuícos comovidos
que os pastores ferais jamais hão de esquecer-les...

E quando na selva bruta os olhos ponho
e a dança do teu corpo tanto filo,
sinto na ziva imensa do teu sonho
uma sede profunda de infinito!

J. L.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



PRINCIPE DE GALES
UM PRODUTO COSTA PENNA



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 41 - 5.º. Mo.

Nome

Rua

Cidade

GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIAS /



DÔRES /
de CABAÇA

TRANSPIROL



A escritora Violeta de Alcantara Carreira, que se fez ouvir, recentemente, numa palestra sobre "Proust, os humildes e a paisagem", e que brevemente irá falar sobre "Os desertores do após-guerra", na Associação Brasileira de Imprensa.



Realizou-se no dia 13 de maio, em Belo Horizonte, o enlace matrimonial da sta. Augusta Patron, filha do sr. Henrique Patron e d. Ida Patron, com o sr. Fernando Levisky, diretor da Publicidade Para Todos. A foto que acima estampamos foi colhida após a cerimônia religiosa.

FIGURAS E FATOS

DE SÃO PAULO. Grupo feito por ocasião da inauguração do posto N.º 3 do S. A. P. S., vendo-se o representante do ministro do Trabalho, sr. Reginaldo Alceu; o sr. Almir Silva, delegado do S. A. P. S. em S. Paulo; o sr. Nelson Fernandes, presidente do Instituto dos Comerciantes; o sr. Nebridio Negreiros, presidente do Conselho de Justiça do Trabalho; o representante do sr. Interventor Federal; e, discursando, o sr. Vilhena Soares, representante do diretor do S. A. P. S.



Sr. Alberto Quatrini Bianchi, figura de destaque da sociedade carioca e na indústria hoteleira do País, cujo aniversário natalício transcorreu no dia 27 de maio. Em virtude do apoio que ele tem prestado à indústria e ao comércio nacionais, e das suas notáveis iniciativas estimulando o desenvolvimento de grandes empresas, conseguiu um vasto e seletivo círculo de amigos que lhe prestaram, no dia do seu natalício, expressivas homenagens, provando assim o quanto é admirado e estimado no seio da sociedade brasileira. Enviamos ao sr. Alberto Bianchi as nossas sinceras felicitações.





— Doutor, depressa... Um sedativo, doutor!



— Sargento... O senhor precisa esquecer a sua experiência de teatro...

— Acabo de ter uma briga com mamãe! Voltei para casa!

DE BOM HUMOR



Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



À busca da felicidade

Que é todo o esforço da vida humana senão uma permanente busca da felicidade? Por que se agitam homens e mulheres, em todas as idades, senão para conseguir os elementos que os fazem felizes? Mas a primeira condição da ventura individual é o bem estar físico, resultante da boa saúde. Não há felicidade possível quando o sistema nervoso não funciona normalmente e ninguém ignora que é pelos nervos que o homem goza ou sofre. A alegria e a tristeza estão intimamente vinculadas aos nervos. Mantê-los sólidos, preservando-os dos choques e abalos da agitação moderna, é, pois, o esforço lógico para alcançar a felicidade. A ciência possui um grande recurso para isso. O Benal, fórmula do prof. Austregesilo, assegura o funcionamento normal do sistema nervoso, garante o sono reparador, dá o domínio do indivíduo sobre si mesmo. É uma barreira às inquietações que perturbam a vida e tiram ao homem o mais precioso dos bens, que é o seu ego do espírito. Benal encontra-se em todas Drograrias e farmácias.

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA

De M^{me}. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE

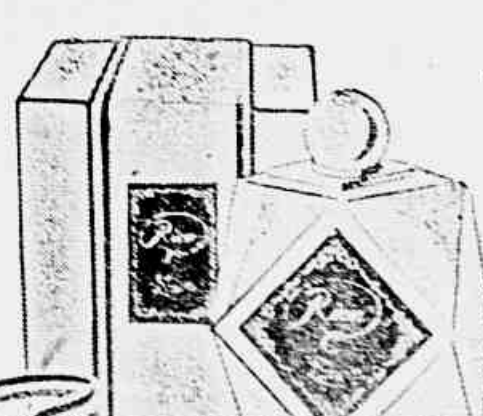
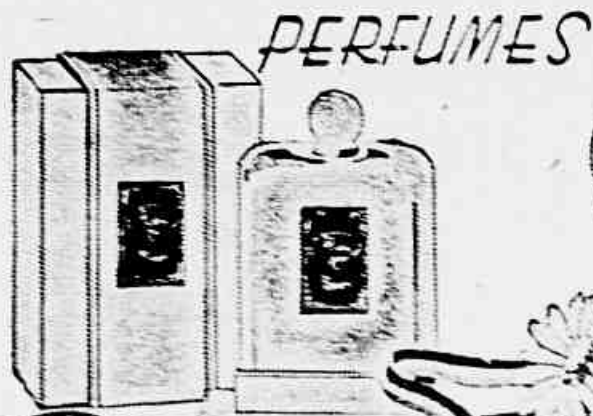
CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

VOLTAM AS MANTILHAS

A mantilha está de novo em moda. As vitrines dos nossos grandes "magasins" expõem algumas cujo rendado são um legítimo poema de sutileza e de harmonia. Aqui temos uma bela figurinha cujo rosto se emoldura esplendidamente nos rendados da mantilha.



UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



PERFUMES
BELLES FLEURES
MUSGO CHINE
05

Instituto Roentgen

Radioterapia Superficial e Profunda
DRS. ÁLVARO FORTES — FERNANDO AZZI
 RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 139
 Salas 10, 11, 12 e 14 - Fone: 4-0394 - São Paulo

SACHEM

(Continuação da página 27)

ram bruscamente depois da dançarina, gritam e ouvem-se barulhos de bofetadas. E a amazona continua a dar voltas no seu cavalo. Quando ela desaparece, os aplausos se multiplicam. O espetáculo está magnífico.

Mas o nome de Sachem circula de boca em boca entre os espectadores. E enquanto, entre a indiferença geral, os palhaços fazem suas macaquices, alguns palafreiros trazem os suportes de madeira e os colocam nos dois lados da arena.

A música deixa de tocar o "Yankee Doodle" para entoar a ária lúgubre do "Commandeur" de Don Juan.

Estende-se o fio de arame de um suporte a outro.

E, repentinamente, um feixe de fogo de Bengala vermelho surge na entrada e inunda a arena com o seu brilho.

Todos esperam angustiadamente o terrível Sachem, o último dos "Serpentes Negras".

Mas o que é agora?

Não é o índio que aparece, mas o diretor da companhia em pessoa, o ilustre sr. Dean.

Cumprimenta o público e começa a falar.

Ele tem "a honra de pedir aos egrégios e bondosos senhores, bem como às belas e não menos gentis senhoras, que fiquem perfeitamente tranquilos, que não aplaudam e que se conservem no mais completo silêncio, pois o chefe indígena está irritadíssimo e mais selvagem do que nunca".

Essas palavras causam uma grande impressão e — coisa estranha — aquelas mesmas personalidades de Antílope, que quinze anos antes haviam destruído a aldeia dos índios, experimentam naquele instante uma sensação desagradável.

Foi só no momento em que a bela Lina fazia piruetas sobre o seu cavalo que eles se sentiram satisfeitos por estar sentados perto da pista, naquele lugar baixo de onde se podia ver tudo tão bem. Eles lançavam agora olhares tristes sobre o alto das arquibancadas, sentindo o efeito das leis físicas: quanto mais em baixo a gente está, mais se sente sufocada.

Porventura esse Sachem se lembrará? Não cresceu ele na companhia do sr. Dean, constituída de alemães?

Seria possível que ele não tivesse esquecido?

Isso parece incrível.

O ambiente, os quinze anos daquela função de artista de circo, a embriaguez do sucesso, deviam ter a sua influência.

— A aldeia, a aldeia!

Eles mesmos, bons europeus, não se encontravam num país que não era o deles, longe de sua pátria, e não pensavam nela senão quando os seus afazeres o permitiam? Antes de mais nada, é preciso comer e beber.

Com esta verdade deve conformar-se, como os burgueses, o último dos "Serpentes Negras".

Mas um assobio selvagem vindo das cavalariças interrompe de repente as reflexões dos espectadores. Sachem, esperado com in-

quietação, aparece enfim sobre o picadeiro. Percebem-se, no murmúrio da multidão, estas palavras:

— E' êle! E' êle!

E logo depois silêncio.

O fogo de Bengala apenas crepita do lado da entrada.

Todos os olhares convergem sobre a figura do chefe que surge no circo, sobre o tumulto dos seus antepassados.

Tem um andar altivo... a altivez de um rei.

O manto forrado de arminho branco, insígnia dos chefes da tribo, cobre-lhe o corpo arrogante, tão ágil e tão selvagem que evoca o temível jaguar.

O seu rosto, como que esculpido no couro, lembra a cabeça de uma águia e nesse rosto brilham dois olhos frios, dois verdadeiros

olhos de índio, calmo, que parecem indiferentes.

Fixa com o olhar toda a assistência, como se quisesse escolher uma vítima.

Sobre sua testa balançam as penas de um cocar. Presos à cintura, traz um machado e uma faca.

Na sua mão, porém, em vez de um arco, tem uma bengala comprida com a qual se equilibra o dançarino da corda.

Eis que, depois de ter parado no centro da arena, emite um grito de guerra.

E' o grito dos "Serpentes Negras".

Aquêles que massacraram a população da velha aldeia lembram-se bem dele, desse berro sinistro — e quem o explicará? Aquêles mesmos senhores que, havia quinze anos, não

((Continua na página 48))

Esta Gordura 100% de Côco



A DOTE, portanto, em sua cozinha, a Gordura de Côco Brasil. Com essa medida a Sra. poderá fazer sempre pratos saudáveis e nutritivos, gastando menos, porque só precisará de 2 porções de Gordura de Côco Brasil em vez de 3 das gorduras comuns. Lembre-se de que a Gordura de Côco Brasil — a pioneira, desde 1913 — é adotada pela maioria das donas de casa. Compre hoje mesmo uma lata da Gordura de Côco Brasil.

3 fortes razões para a Sra. preferir a Gordura de Côco "Brasil"

- 1 - Melhor para o seu paladar — Note o excelente sabor que ela empresta aos alimentos.
- 2 - Melhor para a sua saúde — Não fermenta e não causa distúrbios ao aparelho digestivo.
- 3 - Melhor para a sua bolsa — Sendo pura gordura de côco, basta empregar um terço menos do que as congêneres.

Gordura de Côco Brasil

PRODUTO DA REFINADORA DE ÓLEOS BRASIL S. A.

Agentes Distribuidores da REFINADORA DE ÓLEOS BRASIL S. A. no Rio de Janeiro:
 * JACINTO AGUIAR & CIA. Av. Rio Branco, 120 - 11.º And. - s. 1108 - 1110 - Tel. 42-5394 *

PETITINATI

SOFRE DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

PUBERTODON

Os homens não esquecem...

UM ROSTINHO SIMPÁTICO COM UMA CUTIS MACIA E SAUDÁVEL! SEJA UMA "LEMBRANÇA INESQUECÍVEL" NO SEU AMBIENTE, CORRIGINDO OS DEFEITOS DA SUA CUTIS COM O



TÔNICO PODEROSO, QUE DÁ À PELE AS VITAMINAS NECESSÁRIAS À SUA BELEZA.
CATALOGO GRATIS PELO CORREIO

OLEO de VIOLETAS

de MME. GRAÇA

DISTRIBUIDORES: ESPANHA PARANÁS & IRMÃO, RUA DA ALFÂNDEGA, 111

Cabelos Brancos???
Escurecedor Discreto

Informações:
Rua Flack, 163-Plo. T. 29-2840
OLEO — LOÇÃO



Modelos da Estação

Aplicações de veludo embelezam o primeiro "manteau" à esquerda, que deve ser confeccionado em casemira. Logo após temos o outro modelo adornado de "rouleaux", enquanto que a gola e os botões são montados em veludo. O terceiro modelo está esplendidamente enfeitado de "astrakan". Segue-se o elegantíssimo casaco, originalmente ornamentado com os laços da cintura. E, finalmente, o último com os seus bolsos redondos e os belos botões de fantasia que o adornam.

O DIVORCIO

De tempos a tempos debate-se no Brasil a questão do divórcio. O assunto é complexo, e muitos aspectos precisam ser encarados: religiosos, morais, sociológicos. Qual a melhor solução? A que legaliza a separação definitiva dos esposos, permitindo que cada um decida livremente sobre a formação de um novo lar, ou a que os mantém ligados em compromissos recíprocos, impondo-lhes deveres altruísticos e recalculando muitas vezes sentimentos fortes?

Deixemos aos juristas, médicos e sociólogos a resposta adequada. Só queremos lembrar que as decepções sexuais da vida em comum têm importância primordial nos motivos que os casais mais frequentemente alegam para o divórcio: a incompatibilidade de gênios, a indiferença ou a infidelidade conjugal. Na maioria dos casos são as anormalidades do organismo da mulher as responsáveis pelas horas amargas e pelas desavenças que envenenam o lar.

A mulher forte, alegre, sadia é a segurança de uma vida matrimonial feliz. Oforeno, um remédio cuidadosamente estudado pelo professor Fernando Magalhães, e feito com hormônios que exercem importantíssimas funções no sexo feminino, é, por isso, a garantia da felicidade do lar; porque torna a mulher fascinante, alegre e sadia, proporcionando-lhe a formosura da pele, o rosado das faces e a perfeição de todos os órgãos. Se todas as mulheres fizessem uso do Oforeno, seriam bem mais raros os motivos alegados para o divórcio no Brasil.

DIABETE — OBESIDADE — MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE

Aparêlho digestivo e Nutrição (regimes). Glândulas da secreção interna - METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL

CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Góes — R. Álvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 — Cinelândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 — Consultas: Das 13 às 16 horas.



Alencaralli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO

RIO

Cambridge e Oxford

Conclusão da pag. 30

Por certo, o serviço militar já é uma modalidade de instrução, mas não é a mesma instrução que oferecem as universidades. Em tempos de guerra os elos entre as gerações são mais facilmente estabelecidos, muitas das experiências dos jovens não têm precedentes, mas não é tanto como eles naturalmente pensam. Talvez por esta razão nunca houve tanto interesse pela leitura, mas a guerra acarretou a escassez dos livros. Uma incursão aérea sobre Londres destruiu quatro milhões de livros, razão porque é difícil conseguir-se um exemplar dos clássicos mais comuns ou mesmo de um livro didático. Os leitores têm que se contentar com livros inferiores, o que é um prejuízo mais

para os jovens que para os velhos, que já leram ou tiveram oportunidade de ler os melhores livros.

Contudo a sede de aprender é um testemunho da eficiência do novo sistema educacional inglês.

Isto não quer dizer, no entanto, que ele seja perfeito. Apesar da aplicação do princípio "la carrière ouverte aux talents", a instrução inglesa ainda se ressent da divisão de classes. Não se pense que o rapaz de valor pelo fato de ser pobre não terá uma oportunidade. Mas esta oportunidade consiste em ingressar em uma classe altamente unida, unida pelos hábitos de linguagem e vida criados no colégio e mais tarde nas duas "antigas universidades" de Oxford e Cambridge. As marcas desta educação não desaparecem, quaisquer que sejam os princípios sociais e políticos adotados, e os grandes

colégios e universidades inglesas sempre produziram um certo número de reformadores e revolucionários.

Em suma, as queixas giram em torno do fato de Oxford e Cambridge que, apesar de seus méritos como universidades, não preparam muito bem para a vida prática e para os problemas de uma grande cidade industrial ou para a compreensão das necessidades das grandes massas industriais.

O Governo Britânico está disposto a invertir mais dinheiro na instrução e atrair um maior número de pessoas para a sua órbita, mas persiste o grande problema da unidade social.

Não se tenham ilusões quanto ao futuro; a tarefa que a Grã-Bretanha tem diante de si é das mais difíceis; os ingleses necessitarão de toda a estabilidade e tenacidade de que muito se orgulham; neces-

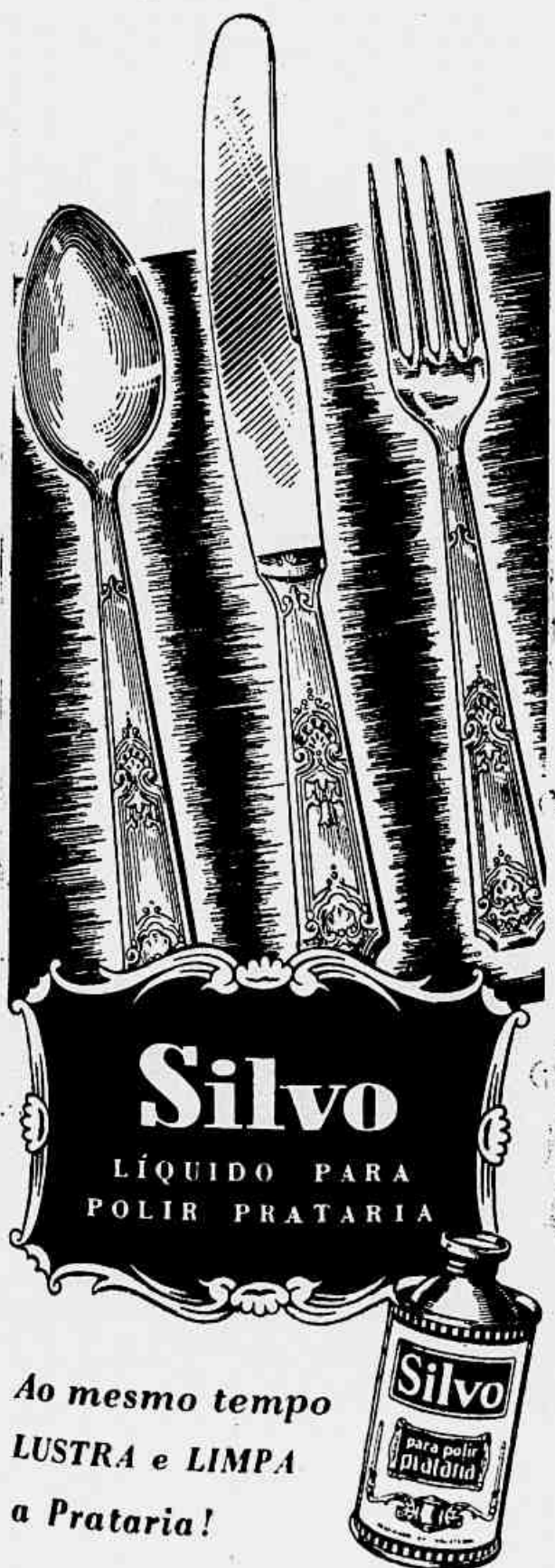
Desperte a Bilis do seu Fígado!

• saltará da cama disposto para tudo
Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pímulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3.00

sitarão, outrossim, de toda a energia intelectual. O fato de já admitirem a importância da instrução é, talvez, um dos pontos mais interessante da época.

Silvo
limpa e lustra
sem "riscar"
a prataria!



Nas cores:

- Branco
- Rosa
- Raquel
- Ocre-claro
- Ocre-escuro
- Ocre-rosée
- Gitane
- Péche

O Pó de Arroz
ORYGAM de GALLY

A VENDA EM TODO O BRASIL

J. Ferraz

A caixinha de musica

(Continuação da pág. 19)

constrangida diante do idolo. Você não sabe que ela adora você?

— Freda!

— E' isso mesmo. Negue se tem coragem.

— Eu nunca lhe perderei isso, Freda. Você não tinha o direito de...

— Ora, é melhor que você explique o que tinha ido fazer lá...

— Não seria mais interessante que você explicasse, já que sua visita foi antes da minha? Você foi ver Martin, não é verdade? Diga, confesse logo que amava Martin, e que só casou com Roberto por despeito. Diga logo que você foi visitar Martin, mas não era a primeira vez que você ia sozinha à casa deles...

— Pois bem, é verdade! E agora?

— Freda!

Foi dos lábios de Roberto que partiu essa exclamação.

— É, Roberto. Eu muitas vezes estive para dizer tudo a você, para acabar com tudo de uma vez. Mas Martin não me amava. Ele sabia que eu o adorava e por isso me dava atenção... brincava comigo. Ele gostava muito de brincar com os sentimentos das pessoas. No fundo era um sádico.

— Mas você amou-o sempre...?

— Sim, desde antes do nosso casamento.

Roberto ficou calado um instante. O golpe fora duro, apesar de tudo. Ele e Freda tinham se afastado um do outro depois de uma tentativa de felicidade. Moravam na mesma casa mas não eram na verdade marido e mulher. Entretanto, saber que Freda e seu irmão... Com um esforço voltou-se para Olwen:

— Por que foi ver Martin?

— Porque queria falar com ele sobre o dinheiro...

— O dinheiro que ele roubou?

— Não. Ele não roubou aquele dinheiro.

— Como? Mas se todos acreditamos que ele se suicidou porque roubara o dinheiro da firma e não podia restituí-lo...

— Não roubou. Estou certa disso...

— Mas, então, quem...?

Olwen ficou calada um instante:

— Roberto — disse com voz pausada e baixa, eu sempre pensei que *tinha sido você*...

— Eu?

— Sim, assim me disse Martin...

— Martin? Mas como foi ele capaz de uma coisa dessas?

— Stanton dissera a ele que *tinha sido você*.

— Mas não é possível. Stanton disse a mim que Martin era responsável...

— Sem confirmação... Sem provas...

— Mas todos nós sabíamos que Martin vivia cheio de dívidas e que...

— Stanton também disse a ele que você tinha roubado o dinheiro. Foi sobre isso que fui falar com ele. Arranjar um meio de restituir o dinheiro, proteger você. Ele não me deu importância. Parecia divertí-lo muito o fato do irmão, que ele considerava honestíssimo, ter provado que, afinal de contas, não era melhor do que ele. Foram as suas palavras...

— Ele disse isso?

— Não afirmei que foram as suas palavras?

— Mas, nesse caso, se Stanton fez toda aquela intriga... Se não foi Martin, nem eu. Ele era o único que poderia ter acesso ao dinheiro, sem ser eu ou Martin... Gordon ainda estava no colégio

naquele tempo, era uma criança; apesar de filho do chefe da firma, ainda não estava no escritório...

— Portanto foi Stanton...

Roberto foi ao telefone. Stanton estava ainda em casa de Gordon, despedindo-se. Roberto pediu que voltassem todos.

Não foi difícil conseguir uma confissão.

— Sim, de fato, roubei o dinheiro. Mas tudo por causa de uma mulher. Uma mulher que me explorou, que fingiu que me amava mas que queria somente uma aventura vulgar e... dinheiro...

— Não adianta tentar conquistar a nossa simpatia com essa história.

— Conte-a porque essa mulher é... Betty!

Roberto olhou para Gordon:

— Não me surpreende isso. Eu sabia que ela ia à casa dele. Sabia de tudo.

— Mas...

— Todos pensam que nós somos felizes. Essa é boa! Vivemos num inferno!

— E que é que vocês queriam? — perguntou, revoltada, Betty. — Casada com esse homem... esse homem afeminado, sem fibra, sem coragem, sem força para lutar... A culpa do nosso fracasso não foi minha. Eu tentei tudo.

Houve uma pausa. Num espaço de tempo curtíssimo todos tinham tirado as máscaras. Roberto estava estupefocado. Para ele Betty sempre fora sinônimo de pureza, de bondade... Freda amava Martin... Olwen estava apaixonada por ele... Gordon... nem era bom falar. Aceitara a situação com uma passividade característica do seu temperamento... Stanton um ladrão... Seu irmão um homem perverso.

Tudo, tudo...

(Continua na página 41)



*Para convidar ao beijo
daquele a quem se ama
e para que o beijo seja eternamente
recordado...*

Sois Noivos?



*Quereis a
felicidade?*

COMPRAE AS VOSSAS

ALIANÇAS E ANEIS DE NOIVADO

Na **CASA MASETTI**
A Casa dos bons relógios

SEMINARIO, 131-135 • MARCONI, 44

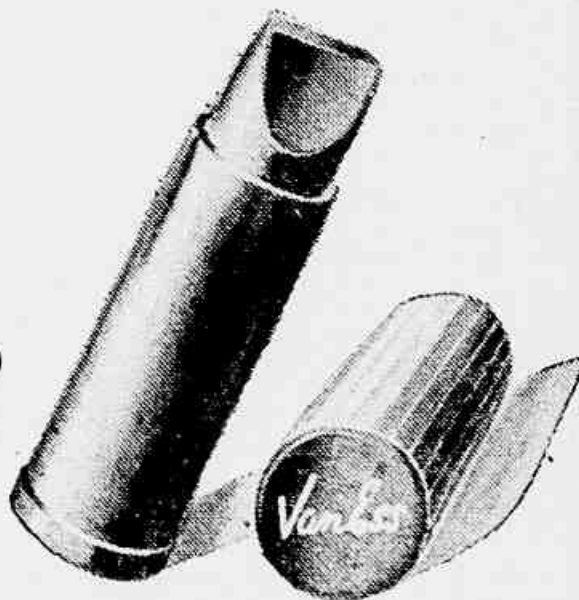
SÃO PAULO

N. B. — Aos residentes no Interior que queiram obter as Alianças da Felicidade, enviaremos Catálogo ilustrado com calibrador para medidas. Queiram servir-se do Reembolso Postal.

Tonalidades de última moda em uma base exclusiva de "creme veludo" que suaviza, protege e embeleza os lábios.

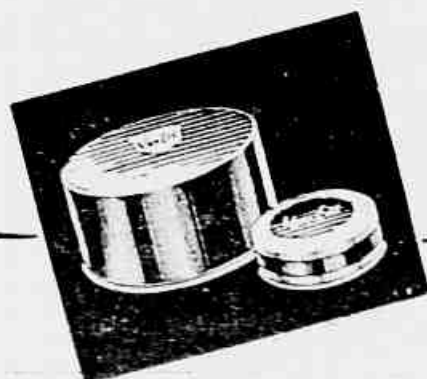
Baton para os lábios

Van Ess



a famosa marca americana!

criação ao mesmo tempo da arte e da ciência!



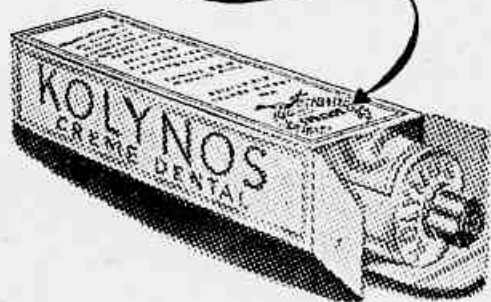
★ Use também o pó e "rouge" aveludado e atomizado VAN ESS, que tornarão irresistível a sua cutis.

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE

KOLYNOS ACERTA
NO ALVO...



PORQUE
TORNA OS DENTES
ALVOS



ACERTE NO ALVO
usando sempre
O CREME DENTAL
QUE ALVEJA OS DENTES!

Limpa mais... agrada mais... rende mais...



ZIMOLACTOL
Granado

FERMENTOS LÁCTICOS
INTOXICAÇÕES INTESTINAIS
URTICÁRIA = COLITES
GASTRO-ENTERITES

T. TARGUINO

DR. A. MENDES MONTEIRO
OBESIDADE, MAGREZA E
ENXAQUECAS — REGIMES
ALIMENTARES
2.as, 4.as, 6.as, das 14 às 19 horas
Rua Senador Dantas, 20 —
salas 1.306/9 — Fone: 22-1776

A CURA DE DESILUSÃO

(Continuação da pág. 4)

— Talvez tenha feito isso a princípio. Depois comecei a gostar de você.

— Depois...

— Por que será que as mulheres querem sempre que sejam os homens os primeiros a apaixonar-se?

Ela começou a rir.

— Mas como descobriu?

— Ora, Germaine. Você planejou muito bem, mas o plano era absurdo. Foi bem executado somente. Então como é que você poderia convencer a menina? Ela simplesmente não acreditaria que eu não

gostava de você. O caso nada tinha de diferente das outras tentativas que você descreveu.

— Mas eu...

— Não adiantou nada. Depois houve uma coisa que a traiu.

— Qual?

— Eu comecei a exagerar a "sugestão" de namôro... E você, em vez de achar ruim, parecia gostar. Ora, isso ia de encontro aos nossos objetivos. Mas esse não foi ainda o maior dos erros...

— Meu Deus!

— Você acabou de confirmar tudo quando aceitou o meu pedido, que era ir de encontro ao que tínhamos combinado e perder as esperanças de "curar" a menina.

— Meu Deus!

— Da próxima vez que você escolher



Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL

REGULA!

um noivo, Germaine, use outro plano; esse não serve.

— Permite um protesto?

— Pois não.

— O plano não era mau.

— Mas eu não descobri tudo?

— E eu não obtive o que queria?

Foi a vez dêle rir.

— Diabinhol

— Psiul Talvez a menina ainda não esteja dormindo...



Regina

A RAINHA DAS ÁGUAS DE COLÔNIA!

À VENDA EM TODO O BRASIL

P.F.



CARLOS RAMIREZ

EM HOLLYWOOD

Hollywood, maio (Via aérea). Por Luiz Serrano, correspondente especial da REVISTA DA SEMANA — Carlos Ramirez recebe-me para esta entrevista em vésperas de seu embarque para o Brasil, onde vai apresentar-se pela segunda vez, pois já aí esteve há seis anos passados. E' hoje, porém, um vitorioso "crooner" cinematográfico, depois de sua "performance" em nada menos de cinco filmes da Metro, o primeiro dos quais já exibido no Brasil, "Duas garotas e um marujo". Posso assegurar, porém, que nos outros Ramirez tem melhor trabalho, pois, além de cantar, tam-



têm representa e revela-se um comediante mais que apreciável. Ele me diz que pretende fazer um giro de oito semanas pelo continente sul-americano e, de volta, posar mais dois filmes no mesmo estúdio. Fala-me do início de sua carreira, quando o "astro", nascido na Colômbia, era apenas um cantor principiante mas já dotado de grande voz. Sobre ser intérprete da tela, Carlos Ramirez conta magníficos sucessos na cena lírica. Ele é um cantor aplaudido em "Barbeiro de Sevilha", e seu nome tem figurado com êxito nos programas do Metropolitan, como também na Ópera de Chicago, onde cantou há bem poucos meses. — "Antes de ser "astro" da tela fui cantor lírico, e como tal me prezo" — diz o visitante do Brasil. Sua voz é uma voz máscula, de excelentes harmonias, poderosa, vibrante e reproduzindo tôda a simpatia de que vem dotado o seu dono. Já o denominaram "o menino da voz de ouro", mas Carlos Ramirez não é mais um menino, se bem que esteja ainda longe de completar trinta anos. Ele sabe cativar a simpatia do público, onde quer que apareça, e dos seus companheiros de trabalho. Seus discos têm uma difusão extraordinária em todos os países, destacando-



se as gravações de "Granada", com que tanto agradou em "Duas garotas e um marujo". "Frenesi" é outra página bonita de melodias populares, que Carlos Ramirez gravou com muita felicidade. Seus trabalhos líricos também se encontram fixados na cera e todos o recomendam. É, como tal, uma figura queridíssima, consagrada no "écran" e de linha irrepreensível na vida comum, que o quero recomendar aos meus patricios. Carlos Ramirez falou-me com saudades do Brasil, do Rio principalmente, e deseja, segundo me disse, estudar a possibilidade de comprar um terreno e construir uma casa em Paquetá, em Teresópolis ou em outro pedaço bonito bem perto da Cidade Maravilhosa.

À esquerda, ao alto: Carlos Ramirez improvisa uma serenata no estúdio da Metro com o diretor George Sidney e James Melton. Em baixo: o ator colombiano em vista com José Iturbi e com Frank Sinatra, seus bons amigos. Nesta página, ao alto: uma foto de estúdio com gentil dedicatória para os nossos leitores, e, em baixo, palestrando com Van Johnson e Gloria De Haven.

COMO ENTENDER OS SAKHAROFF

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 18)

Confessei timidamente que, dentro de certos limites, eu dera razão à dama que dissera "Mas eles não dançam". E continuei dizendo que procurei explicar a dança deles como expressão, antes de tudo, aparecendo a dança propriamente dita como um elemento acessório, ou melhor, não a dança propriamente dita, mas o "passo", como ele prefere. Acrescentei que concluíra que eles eram impressionistas da dança e que sua arte era uma tentativa de fixar, em gestos e movimentos, a música, uma concretização daquela linguagem simbólica e intraduzível do som.

Quando falei em impressionismo Clotilde agarrou-me no braço e exclamou:

— E' isso! Você compreendeu!

Alexandre confirma, esclarecendo:

— Minha primeira inclinação, como lhe disse, foi para a pintura. E a pintura im-

pressionista é a que considero como a origem de toda a verdadeira pintura. Ou, para ser mais claro, acho que em todos os grandes mestres anteriores há impressionismo. Há impressionismo em Rembrandt, por exemplo.

Prosseguindo, ele explica:

— Quanto à frase "eles não dançam", está certo se se fala no "passo", porque ele não é a dança: é um acessório, um elemento formal e, como tal, sujeito a desenvolvimento ou, mesmo, ao desaparecimento. Porque eu me bato por uma arte nova, ou melhor, por uma concepção mais precisa de dança, não quer dizer porém que eu reneque a dança do passado ou, que eu reneque a dança do passado ou, rece-me, somente, que elas todas se encontram naquilo que há de mais essencial, que é a expressão de alguma coisa profundamente humana e por isso imutável. E é essa essência que eu tento exprimir com minha arte.

Talvez pudéssemos aproximar a arte dos Sakharoff da poesia moderna, para tornar mais clara a sua posição. Faço essa sugestão e Alexandre aprova. Concorde que o que eles realizaram com a dança foi justamente despi-la e mostrá-la nua, reduzida ao essencial e carregada de intensidade, procurando evitar a confusão entre o que havia de forma e de expressão na sua arte. Ele está convencido, aliás, da identidade fundamental de todas as artes, ou melhor, do fundo comum a todas elas, radicado na expressão. Lembra, mesmo, um fato curioso que lhe sucedeu:

— No meu estúdio, em Paris, há uma. Pois bem, logo pela primeira vez que é um quadro que me toca profundamente. reprodução da "Primavera", de Botticelli; olhei para esse quadro, não consegui distinguir se o que me comovia era uma pintura, uma peça teatral ou um poema. Na "Primavera" há poesia, há, mesmo, mú-

sica, e no entanto é uma pintura.

Desconfio muito daqueles que afirmam compreender muito uma arte e não têm sensibilidade para outra...

A arte, em suma, para Alexandre e Clotilde, é um meio, um meio de exprimir alguma coisa de profundamente humano. O passo, na dança, todos os expedientes de que lança mão o "ballet" estão no seu lugar, desde que sejam meios para chegar a um fim e esse fim deve sempre ser a expressão.

OS QUE ENTENDEM E OS QUE FINGEM

Alexandre e Clotilde lembram o passado, as primeiras lutas, todo o esforço que tiveram que fazer. Mas, diz ele:

— Uma coisa nos era indispensável para prosseguirmos, e isso sempre tivemos: o público *senti*. Não é preciso ter cultura para *senti*: a cultura, quando não é acompanhada pela sensibilidade, serve para fingir que se entende, quando, na realidade, não se entendeu nada. Isso me lembra o caso daquela senhora que acreditava conhecer música e que depreciava De Falla, dizendo:

— "Para mim só Bach!"

Como se um anulasse o outro.

Que tristeza! Um verniz de cultura sobre uma camada espessa de insensibilidade!

CLOTILDE SAKHAROFF E A MORAL

A propósito de incompreensão lembro a Clotilde as injúrias que uma dama lhe dirigiu por causa de sua interpretação

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.



MERLE OBERON, o papel de George Sand, na película "À NOITE SONHAMOS" produção Columbia.

MERLE OBERON

candidata-se a um Novo Rádio G. E. *Tom Natural*

Esta novidade sensacional em rádio lhe proporcionará também satisfação integral, porque o modelo G. E. *Tom Natural* reproduz os sons com admirável fidelidade. A voz dos cantores e declamadores, assim como os instrumentos musicais serão ouvidos com naturalidade perfeita, como se a execução fosse feita em sua própria presença. E V. S. ficará fascinado com os delicados matizes da voz, da canção e da música, em toda sua pureza original.

É natural que tenha sido a General Electric a criadora deste rádio novo e diferente. Porque em toda a história do rádio, G. E. tem sido a pioneira das pesquisas acústicas. De fato, o seu atual rádio, seja qual for, é dotado de melhoramentos criados pelos cientistas da G. E. como, por exemplo, o alto-falante dinâmico. É verdade que os últimos inventos eletrônicos da General Electric estão sendo usados exclusivamente para fins militares. Mas lembre-se de

que, chegada a ocasião, será iniciado o fabrico do Rádio G. E. *Tom Natural* — com aperfeiçoamentos tais como o "altofalante coordenado", o "equilíbrio acústico" e muitos outros — uma nova sensação em divertimento radiofônico.

Faça como a estrela Merle Oberon: candidate-se também a um novo Rádio G. E. *Tom Natural* — pelo qual vale a pena esperar.

Ouçá os "FESTIVAIS G. E.", às 5as. feiras, na Rádio Nacional, às 22.05, em ondas médias (280 kcs.) e curtas (30,86 metros). Um programa musical com atrações para todos os gostos.

ADIANTAMENTOS COMPROVADOS NA FRENTE DE BATALHA

A General Electric está fabricando mais aparelhos de rádio para uso bélico do que qualquer outro fabricante. Depois da Vitória, os adiantamentos obtidos pela G-E farão com que o seu novo rádio G-E seja o melhor que V. S. jamais teve.



RADIO
GENERAL ELECTRIC

Na vanguarda em Rádio - FM, AM - Televisão - Eletrônica



Construção à prova do CLIMA TROPICAL

A investigação científica traz constantes melhoras ao rádio General Electric. Os receptores G-E e suas partes componentes são submetidos, na Câmara Higroscópica G-E, a uma atmosfera artificial mais rigorosa que a dos climas tropicais.

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

no "Après Midi d'un Faune", e que se resumiam numa palavra: positivamente indecente. Ao que um cavalheiro espiro- tuoso respondeu: "Se ela foi indecente no "Après Midi d'un Faune", mostrou que compreendeu bem a obra. É um elogio". Depois de rir gostosamente, Clotilde diz que certa vez uma senhora excessivamen- te pudica se retirou do teatro, numa pe- quena cidade da Espanha, porque no bai-

A caixinha de musica

(Continuação da página 40)

— Mas, nesse caso, por que Martin suicidou-se?
— E se ele não se tivesse matado?
— Se alguém o tivesse assassinado?
— Sim, se alguém o tivesse assassi- nado?
— Quem?
— Stanton, é lógico. Para que ele passasse pelo ladrão...
As sugestões vinham ao cérebro de Roberto... Não. Não era possível. En- tretanto...
— Stanton — disse, por fim, em voz alta. — Você matou Martin! Sim, matou-o porque ele era a pessoa mais lógica para passar pelo ladrão. Todos sabiam que ele estava cheio de dívidas e...
— Não matei seu irmão!
— Nesse caso, quem o matou?
— Ninguém: ele se suicidou.
Olwen protestou:
— Não. Ele foi assassinado.
Stanton voltou-se:
— Como sabe?
— Por que foi eu quem o matou. Na- quele noite, quando fui falar a respeito de Roberto. Ele me torturou. Depois disse que ia mandar prender Roberto para que todos soubessem que seu precioso irmão, o santo, o honesto, não passava de um ladrão...
— Não é possível!

Roberto mal podia acreditar no que es- tava vendo... Saiu lentamente da sala. O revólver que comprara naquele dia es- tava em cima da mesa do hall. Ainda havia um cartucho. Uma força estranha o empelia. Tomou a arma e levou-a à frente. Puxou, lentamente, o gatilho.

Freda tomou a caixinha de música e, tirando os cigarros de dentro dela, guar- dou-a numa gaveta da mesa. No dia se- guinte havia de se desfazer dela. Notou que Olwen a estava observando, mas fin- giu que nada via. Levou os cigarros numa outra caixa que havia perto.

Quando se aproximou, Miss Mockbridge estava dizendo:

— Pois chama-se "A Verdade Insuspei- tada", não é?

— E' isso.

— Mas sobre o que é o romance?

— E' sobre um homem que insiste em saber toda a verdade.

Miss Mockbridge encarou-a, interessada:

— E que sucede?

— Acaba se suicidando...

— Que coisa horrível!

— E' um livro muito realista!

— Estou ansiosa por lê-lo!

— O escritor sustenta uma tese: que é melhor não querer nunca saber toda a verdade... E' mais prudente contentar-se com os fragmentos que chegam ao nosso conhecimento.

— Tólice! — disse Roberto.

— Talvez não seja assim tão tola a tese — protestou Olwen.

"Preciso desfazer-me daquela caixinha amanhã mesmo", pensou Freda, assus- tada com o rumo que tomava a conversa.

Miss Mockbridge, entretanto, dizia, de si para si:

— Que grupo unido! Como são amigos!

Francamente, sinto-me reconfortada vendo que ainda existe amizade assim no mun- do...

E, afinal de contas, essa não era toda a verdade.

lado ela mostrara as pernas. Prova de mau gosto...

— Lembro-me bem do que me disse, certa vez, o famoso padre Gillet, a quem eu visitava frequentemente. Ele sempre manifestou a mais viva curiosidade pelas minhas criações, e se interessava em estar ao par da criação dos movimentos que exprimissem perfeitamente a música. De- pois de dois anos de estudo consegui, afa- nal, aperfeiçoar o meu "Après Midi d'un Faune" e dispus-me a interpretá-lo.

— Tinha muita vontade de assisti-la, disse o padre. Infelizmente, um espetá- culo dessa natureza... Eu sendo um padre...

— Talvez o senhor pudesse assistir a um ensaio, padre.

— Com muito prazer, minha filha, por- que naturalmente ao espetáculo público, sendo padre, eu não o poderia assistir.

— Bem, dançarei no ensaio para o se- nhor; mas previno-o que, apesar de sa- bê-lo admirador de Malariné, não incluirei

nesse recital particular o "Après Midi d'un Faune".

— Por que, minha filha?

— E' uma dança pagã, padre.

— Não é arte?

— Sim. Claro.

— E então?

A essa dama que a achou indecente, Clotilde envia os seus cumprimentos e re- pete, com o padre: "E então?".

"ÉSTES" COMPREENDERAM

Alexandre conta, a seguir, dois episó- dos interessantes, para ilustrar a verda- deira compreensão e o simples fingimento.

— Certa vez, um grande violinista, mui- to admirado nos Estados Unidos, disfar- çou-se e foi tocar, na rua, as peças mais aplaudidas do seu repertório. Não mere- ceu um olhar sequer... Entretanto, nós, tendo incluído no programa de um recital em Florença, uma peça com o simples título "Dança", e que era baseada na

"Primavera" de Botticelli, ficamos sur- preendidos quando, baseados somente na nossa interpretação, o público reconheceu a fonte e mudou o nome para "Homena- gem a Botticelli"...

DESPEDIDA

Os Sakharoff se despedem, instemente, do Brasil, mas prometem voltar:

— Só vivendo algum tempo num país poderíamos conseguir exprimir, numa dan- ça, numa síntese que não fôsse imitação, a alma dum povo. Levei onze anos para criar o "Martírio de S. Sebastião", para o qual fiz estudos especiais de teologia. Por isso ainda não tenho no meu repertó- rio música brasileira. Mas vamos fazer o possível para demorar aqui mais tempo, da próxima vez, para poder dançar peças de modernos compositores brasileiros. Queríamos fazer isso porque admiramos muito essa música e, ao mesmo tempo, porque devemos aos cariocas alguma coisa em troca da acolhida generosa que nos dispensaram.



Essências dos Quatro Cantos do Mundo...
combinam-se no suave "bouquet" de Gessy...
o sabonete que vale por

Um Tratamento
de Beleza!



O ardor da Espanha...
o romantismo das Ilhas do Pacífico...
o mistério lendário da China...
essências dos quatro cantos do
mundo foram reunidos para criar
o suave e delicado perfume do
sabonete Gessy. Experimente esta
fina criação da indústria brasileira.
Sua espuma sedosa e perfumada limpa e
amacia a cutis, dando à sua epiderme
novo viço, nova mocidade, novo frescor.
Gessy vale por um tratamento de
beleza. Use sempre Gessy.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

SACHEM

(Continuação da página 37)

tremiam ao apêlo dos guerreiros indígenas, agora sentem a frente inundada de suor.

— Psiu!...

O diretor aproxima-se do chefe, falando-lhe como se quisesse acalmá-lo.

A fera talvez se tenha refreado.

Sem dúvida, porque, calmissimo agora, Sachem balança sobre o fio de arame.

Com os olhos fixos no lampadário, avança.

O fio se dobra fortemente, torna-se invisível por um instante: parece que o índio fica suspenso no ar.

Ele abaixa, caminha para a frente, para trás, avança de novo, mantendo-se em equilíbrio.

Os seus braços estendidos, cobertos pelo manto de arminho, parecem enormes asas.

Cambaleia... vai cair! — Não: endireita-se de novo!

Prorrompe algum aplauso incontido, mas logo se cala.

Eis que a fisionomia do chefe se torna ameaçadora.

No seu olhar fixado sobre as lâmpadas brilha uma luz terrível, e subitamente um canto de guerra irrompe-lhe do peito.

Coisa singular: o chefe canta em alemão! E todos sentem-se confortados ao pensar:

— O chefe não conhece mais a língua dos "Serpentes Negras"!

Aliás, ninguém demora nesse pensamento. Todos ouvem o canto, que se torna sempre mais e mais violento.

E' um canto nostálgico, um apêlo selvagem, cheio de aceptos ferozes.

Ouvem-se as seguintes palavras:

"Depois das grandes chuvas, todos os anos, quinhentos guerreiros saíam da aldeia para os campos da luta.

"E quando voltavam traziam carne e peles.

"E os seus companheiros os cumprimentavam com alegria e dançavam em louvor do Grande Espírito.

"A aldeia era feliz! As mulheres trabalhavam nas suas cabanas, as meninas se tornavam belas moças, os meninos guerreiros corajosos.

"Os guerreiros morriam no campo de glória e iam caçar com seus pais nas Montanhas de Prata.

"Os seus machados nunca se manchavam do sangue das mulheres e das crianças, porque os guerreiros da aldeia eram homens generosos.

"A aldeia era poderosa quando os brancos chegaram das terras de além-mar para incendiá-la.

"Infiltraram-se furtivamente nas cabanas, no coração da noite, e as suas facas se enterraram nos peitos dos homens, das mulheres e das crianças.

"A aldeia não existe mais! Em seu lugar os brancos edificaram as suas casas de pedra.

"A tribo massacrada não existe mais e a aldeia destruída clama por vingança!"



Será esta a nossa Rosinha?

ACABARAM-SE os pitos — acabaram-se as manhas! Agora, Rosinha escova os dentes após tôdas as refeições, porque gosta! E isso porque usa o Creme Dental Squibb. Seu sabor é delicioso — e no momento em que lhe toca a língua, uma admirável sensação de frescor lhe inunda a bôca! Mas a segurança e a confiança que o Creme Dental Squibb infunde são mais importantes ainda. Este excelente dentifrício não contém adstringentes nem substâncias ásperas — e não pode de modo algum estragar o esmalte ou irritar as gengivas.

Faça com que a dieta de sua filha contenha as necessárias vitaminas e minerais e o alimento sólido que força os dentes e as gengivas a se exercitarem. Leve-a duas vezes ao ano ao dentista, para exame. Faça-a escovar os dentes pelo menos duas vezes por dia e sempre antes de deitar-se, com o puríssimo Creme Dental Squibb. Siga estas instruções tão simples e não há de errar.



PROCURE O SÊLO DA CASA SQUIBB... PORQUE SQUIBB É UM NOME EM QUE SE PODE CONFIAR

A voz do cacique tornou-se rouca.

O seu balançar sobre o fio de ferro parece o de um arcanjo vermelho da vingança equilibrando-se por cima da multidão humana.

O próprio diretor está visivelmente inquieto.

No circo reina um silêncio de morte sobre o qual se estende a ameaça do chefe.

"Um único menino ficou de toda a tribu!

"Era pequeno e fraco, mas jurou ao Espírito da terra que ele vingará os seus!

"Que ele verá os cadáveres dos brancos, homens, mulheres e crianças, no incêndio e no sangue!"...

Estas últimas palavras, apenas proferidas, parecem antes um rugido que um canto.

Da escadaria do circo levanta-se um rumor, como um sopro de vento.

Mil perguntas sem respostas afluem à cabeça de todos.

— Que fará esse tigre enfurecido? O que é que ele anuncia? Vingá-lo, ele, sozinho? Ficar aqui ou fugir? Defender-se? Como?...

— O que é isso? O que é? — murmuram espantadas as mulheres.

E eis que um grito que nada tem de humano irrompe do peito do cacique.

Balança mais fortemente, salta sobre o suporte de madeira que se encontra debaixo do candelabro e levanta a sua bengala.

Um pensamento terrível atravessa como um relâmpago as cabeças dos espectadores.

— Com certeza ele vai arrebentar o lampadário e inundar o circo de petróleo inflamado.

De todos os peitos dos espectadores explode um grito de terror.

— Mas o que é?

Uma voz ordena:

— Calma! Conservem-se nos seus lugares!

O cacique não está mais lá.

— Não incendiou o circo? Para onde fugiu então?

— Onde se escondeu?

— Ei-lo, ei-lo que volta.

Está ofegante, cansado, abatido... Tem na mão um copo de ferro polido, que estende aos espectadores, mendigando com voz suplicante:

— Sejam generosos, senhoras e senhores...

A assistência suspira aliviada e pensa:

— Mas então... tudo isso fazia parte do programa — tudo isso não era mais do que um truque engenhoso do diretor?

E os dólares e os meios dólares caem no copo de ferro.

Como opor uma recusa ao último dos "Serpentes Negras"? Não estamos em Antílope, sobre as cinzas da aldeia dos seus antepassados?

Esses homens têm bom coração!

Depois do espetáculo Sachem toma cerveja irmanado com os assassinos dos seus pais.

E' visível a influência do ambiente sobre ele.



prolongue o seu romance de amor
preservando a sua

Cutis Juvenil!

Os olhos, o sorriso, a voz, a ternura... Os romances de amor vão buscar, às vezes em pequeninos detalhes, o seu ponto de partida. Começar é fácil... Mas é preciso conservar.

E isso é uma arte! Mantenha sempre vivo o seu romance!

E a suavidade da sua cutis, a sua frescura juvenil, há-de ajudá-la a manter a chama sagrada! Preserve esse tesouro. Para isso, faça o que milhares de juventudes permanentes sempre fazem: preserve a sua cutis juvenil com Leite de Colônia, que protege a pele contra o sol, o vento, as intempéries, e remove manchas, cravos, sardas e espinhas! E não esconda, corrija os possíveis defeitos de sua pele com Leite de Colônia! Aplique-o duas vezes ao dia: pela manhã e à noite.



Leite de Colônia

Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

A Debilidade SEXUAL e o seu Tratamento moderno

Brown Sequard, já em 1891, agitou o mundo médico entusiasmado com o seu exemplo pessoal, afirmando sentir nova mocidade, resultante da ingestão de substâncias hormonais masculinas. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma fórmula de grande alcance médico social, cujo nome é PANSEXOL.

Um tônico estimulante, indicado em todos os casos onde se faz sentir a diminuição parcial ou geral das reservas do organismo, com especial referência aos órgãos da sexualidade, aos quais reanima, dando-lhes nova vida e vigor. PANSEXOL existe numa fórmula para cada sexo: Masculino e Feminino.

Encontra-se à venda em todas as Drogeries e Farmácias.

Fórmula do Prof. AUSTREGESILIO

Remeteremos pelo reembolso postal — Cr\$ 20,00 o vidro

Produtos PANVITAL — Rua da Estrêla n.º 6 — RIO DE JANEIRO

De Camões a Elizabeth Barrett e Manoel Bandeira

(Continuação da página 4)

Não ficarei mais só. Nem nunca mais
Dona de mim, a mão, quando a levante,
Deixará de sentir o toque amante
Da tua, ao que fugi. Parte: não saís!

Como o vinho, que às uvas donde flui
Deve saber, é quanto faço e quanto
Sonho, que assim também todo te inclui,

A ti, amor! minha outra vida, pois
Quando oro a Deus, teu nome éle ouve e o pranto
Em meus olhos são lágrimas de dois."

Essa é, sem dúvida, uma das mais belas traduções de obras poéticas que conhecemos, pela fidelidade à idéia original, assim como pela própria disposição dos versos. A não ser nos tercetos, que Elizabeth Barrett resolveu com duas rimas — two, do, sue, e wine, thine e mine — e o tradutor com três, Manuel Bandeira seguiu de muito perto a obra da poetisa inglesa. O soneto XVIII apresenta idênticas características, nos tercetos, no original e na tradução. Nos quartetos, Manuel Bandeira em vez de rimar o primeiro com o quarto verso e o segundo com o terceiro, rima-os saltadamente, mas nem por isso deixa de ser também inspirada e exatíssima a sua tradução. Vejamos, em confronto, os versos de Elizabeth Barrett e de Manuel Bandeira. Aqui está o original:

"My letters! all dead paper... mute and white
And yet they seem alive and quivering
Against my tremulous hands which loose the string
And let them drop down on my knee to-night.

This said... he wished to have me in his sight
Once, as a friend; this fixed a day in spring

Srs. comerciantes, industriais e banqueiros,
utilizai um dos mais eficientes veículos de publicidade da Capital da República, anunciando nos:

— Altofalantes localizados na Estação D. Pedro II, por onde passam, diariamente, 360.000 pessoas, e na Estação do Meier, e Restaurantes dos Servidores da Estrada de Ferro Central do Brasil (7.º andar da Estação D. Pedro II, Francisco Bicalho e Oficinas do Engenho de Dentro em irradiação feita simultaneamente.

Informações: — Serviço de Turismo e Publicidade da Estrada de Ferro Central do Brasil — 7.º andar do Edifício da Estação D. Pedro II, salas 700 a 710 — Fones 43-9331 e 43-9562.



To come and touch my hand... a simple thing,
Yet we wept for it! — this... the paper's light.

Said, Dear, I love thee; and I sank and quailed
As if God's future thundered on my past.
This said, I am thine — and so its ink has paled

With lying at my heart that beat too fast,
And this... O Love, thy words have ill availed,
If, what this said, I dared repeat at last!"

O poeta brasileiro assim deu forma ao soneto "from the Portuguese" da famosa escritora inglesa:

"As minhas cartas! Todas elas fria,
Mudo e morto papel! No entanto, agora
Lendo-as, entre as mãos trêmulas o fio
Da vida eis que retomo hora por hora.

Nesta queria ver-me — era no estio —
Como amiga a seu lado. Nesta implora
Vir e as mãos me tomar... Tão simples! Lio
E chorei. Nesta diz quanto me adora.

Nesta confiou: sou teu, e empalidece
A tinta no papel, tanto o apertara
Ao meu peito que todo inda estremece!

Mas uma... O meu amor, o que me disse
Não digo. Que bem mal me aproveitara,
Se o que então me dissesse eu repetisse..."

O soneto XLIII não é menos belo, nem menos difícil de traduzir. Aqui o original:

"How do I love thee? Let me count the ways.
I love thee to the depth and breadth and height
My soul can reach, when feeling out of sight
For the ends of Being and ideal Grace.

I love thee to the level of everyday's
Most quiet need, by sun and candlelight.
I love thee freely, as men strive for Right;
I love thee purely, as they turn from Praise.

I love thee with the passion put to use
In my old griefs, and with my childhood's faith.
I love thee with a love I seemed to lose

With my lost saints — I love thee with the breath,
Smiles, tears, of all my life! — and, if God choose,
I shall but love thee better after death."

E o tradutor, apenas alternando as rimas dos quartetos e incluindo uma rima a mais nos tercetos, diz:

"Amo-te quanto em largo, alto e profundo
Minh'alma alcança, quando transportada
Sente, alongando os olhos deste mundo,
Os fins do Ser, a Graça entressenhada.

Amo-te em cada dia, hora e segundo:
À luz do sol, na noite sossegada.
E é tão pura a paixão de que me inundo
Quanto o pudor dos que não pedem nada.

Amo-te com o doer das velhas penas;
Com sorrisos, com lágrimas de prece,
E a fé da minha infância, ingênua e forte.

Amo-te até nas coisas mais pequenas.
Por toda a vida. E, assim Deus o quisesse,
Ainda mais te amarei depois da morte.

Nunca sonhara Lord Strangford que suas traduções de Camões suscitaram em tão grande poetisa o desejo de imitar o grande poeta luso. Muito menos sonhara Elizabeth Barrett que esses sonetos viessem a ter realmente curso neste idioma, em tão belas versões. E tudo isso começou singularmente, num dia em que a inválida de Wimpole Street — convertida em heroína de teatro e de cinema, através do talento de Rudolph Besler — pediu à irmã que lhe apanhasse na estante um livro de versos que não lembrava de Byron nem de Burns...

Agora muitos usam DENTADURA POSTIÇA com mais comodidade

FIXODENT, um pó alcalino (não ácido), de agradável sabor, mancha as dentaduras por peças firmes na boca. Para comer e falar com mais comodidade, experimente um pouco de FIXODENT sobre sua dentadura postiça. Não fica na boca nenhuma sensação pegajosa. Combate o "cheiro característico de dentadura" — perfuma o hálito.

Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

87-B

Numeros atrasados

desta revista no

Para

PEDIR A

Albano H. Martins & Cia

rua Campos Sales, 26 - Botafogo

estou bem contente d'isso, mas ter aparecido por aqui. Aquilo é que é mesmo para Luizinha.

JOSEFA — Eu ainda não vi esse tal rapaz. É possível que deu um bom passeio com ele, não foi?

ALZIRA — Ah, sim... no dia que ele me veio chamar p'ra ir à casa do Zé Poveiro, não é? É verdade que a gente ia andando muito depressa p'ra socorrer a Teresa. Mas, mesmo assim, ele foi conversando comigo e ia seguindo no meu braço. É um moço muito educado. E que bonito que ele é! E a dona Heloisa? Que é que ela acha de tudo isso? Ela está aí, está?

JOSEFA — Não. Heloisa foi a Santos com o Zé Pedro.

ALZIRA — Mas, como eu ia perguntando, que é que ela acha do namôro da Luizinha?

JOSEFA — Heloisa não está levando a sério essa história. Isto é um namôro passageiro. Qualquer dia o rapaz vai embora e a Luizinha fica por aqui.

ALZIRA — Qual nada, Josefa. Nem diga uma coisa dessas! Onde é que ele ia achar uma joia igual à nossa menina?

JOSEFA — E onde é que ele mora, tia Alzira?

ALZIRA — Ele está parado naquela casinha lá longe, muito depois da casa do Zé Poveiro.

JOSEFA — Aquela casinha de pedra que foi feita há pouco tempo?

ALZIRA — Mas a Luizinha ainda não contou nada a vocês?

JOSEFA — Não. A Luizinha ainda não nos disse nada.

ALZIRA — Mas que menina esquisita!

JOSEFA — E desde criança que é assim: sempre metida consigo mesma, sempre calada...

ALZIRA — Mas isso não é bom, Josefa. Eu já disse que pensamento guardado é conserva que não presta. As pessoas precisam dizer o que sentem. Coração trancafiado é como casa fechada: cria bicho e dá bolor. Quem não diz o que sente é como quem não respira direito. A gente precisa desabafar.

JOSEFA — É isto mesmo, tia Alzira! Mas que é que vamos fazer? Luizinha sempre foi assim.

(Música)

JOSEFA — O Zé Pedro está demorando. Eu quero ver a que horas ele vai jantar.

REGINA — Com certeza daqui a pouco ele está aí. Você sabe que ele agora vai mais vezes a São Paulo. Naturalmente tem que chegar mais tarde aqui. Hoje, por exemplo, eu o mandei a São Paulo. Logo, ele não pode chegar muito cedo.

JOSEFA — Mas mesmo assim ele já podia estar aqui.

REGINA — Você, às vezes, é bem rabugenta com seu marido, Josefa. E ele é tão condescendente com você! Zé Pedro está me prestando um grande serviço. Talvez o maior de todos. Deus queira que ele me traga notícias. Eu agora tenho uma grande pressa, meu Deus.

(Batem na porta)

JOSEFA — Deve ser o Zé Pedro. Com certeza é ele.

(Passos; porta que abre)

ZÉ PEDRO (entrando afobado) — Onde está dona Heloisa? Onde está dona Heloisa?

REGINA — Estou aqui, Zé Pedro. O que há?

ZÉ PEDRO — Uma grande notícia.

REGINA — Conte de uma vez, Zé Pedro.

ZÉ PEDRO — Imagine, dona Heloisa. Imagine quem eu vi?

(Encerramento)

CAPÍTULO XVII

LOCUTOR — Walter e Levy, depois de alguns anos, voltam ao Brasil, agora com planos mais perigosos. É urgente encontrar Suzete. Walter tem receio de que ela possa prejudicá-los na execução de sua espionagem. Levy sabe que ela está no Rio. Por outro lado, em S. Vicente o tempo começa a desenvolver o seu efeito. Regina manda Josefa sondar a vida de Luizinha, que de uns tempos para cá tem-se modificado sensivelmente. A boa Josefa procura por todos os meios arrancar uma confissão de Luizinha; ela porém mantém-se num silêncio absoluto. É grande o seu amor pelo rapaz que lhe apareceu um dia. Ela ainda o conhece apenas por Netuno. Ele diz que precisa viajar, mas Luizinha pede-lhe que não se vá num dia de sol. E combinam que ele só iria no dia em que chovesse. Tia Alzira, fazendo a sua costumeira visita, conta a Regina que o rapaz que está namorando Luizinha, além de bonito, é de uma gentileza sem par. E o capítulo terminou quando Josefa dizia a Regina:

JOSEFA — O Zé Pedro está demorando. Eu quero ver a que horas ele vai jantar.

REGINA — Com certeza daqui a pouco ele estará aí. Você sabe que ele agora vai chegar mais tarde aqui. Hoje, por exemplo, eu o mandei a S. Paulo. Logo, ele não pode chegar muito cedo.

JOSEFA — Mas mesmo assim ele já podia estar aqui.

REGINA — Você, às vezes, é bem rabugenta com seu marido, Josefa. E ele é tão condescendente com você! Zé Pedro está me prestando um grande serviço. Talvez o maior de todos. Deus queira que ele me traga notícias. Eu agora tenho uma grande pressa, meu Deus.

(Batem na porta)

JOSEFA — Deve ser o Zé Pedro. Com certeza é ele.

(Passos; porta que abre)

ZÉ PEDRO (entrando afobado) — Onde está dona Heloisa? Onde está dona Heloisa?

REGINA — Estou aqui, Zé Pedro. O que há?

ZÉ PEDRO — Uma grande notícia.

REGINA — Conte de uma vez, Zé Pedro.

ZÉ PEDRO — Imagine, dona Heloisa. Imagine quem eu vi?

REGINA — Quem foi? Diga, quem foi?

ZÉ PEDRO — O dr. Luiz... eu vi o dr. Luiz em S. Paulo. Eu o vi hoje em S. Paulo.

REGINA — Ah, então... ele está em S. Paulo ou estará apenas de passagem, Zé Pedro?

JOSEFA — Desculpe. Mas eu estava ansiosa por falar a você.

LUIZINHA — Há alguma novidade, Josefa?

JOSEFA — Não, Luizinha. Mas você é que deve ter alguma para me contar.

LUIZINHA — Que novidade queria você? A não ser o nascimento do filho da Teresa eu não tenho mais nada para contar.

JOSEFA — Mais nada? Está bem...

(Música)

JOSEFA — Não consegui nada, Heloisa. Levei no seu quarto quase meia hora. Eu lhe falei com todo o jeitinho e não houve meios de lhe arrancar uma palavra sobre o assunto. Ela é bem sua filha! Quando resolve uma coisa, está acabado: ninguém a consegue demover.

REGINA — Mas a tia Alzira não conhece mesmo o tal rapaz?

JOSEFA — Não. Ela disse que ele é um estranho. Que nunca o viu por aqui.

REGINA — E ela não disse que impressão teve desse homem?

JOSEFA — Ah, foi uma ótima impressão. A tia Alzira está entusiasmada! Disse que é um homem muito bonito, que já não é muito criança e de uma grande simpatia!

REGINA — Mas onde estará hospedado esse homem? E será esse o mesmo que a Maria das Rendas tem visto com Luizinha?

JOSEFA — Só pode ser o mesmo. Você bem sabe que a variedade aqui não é grande.

REGINA — Mas onde se hospedaria ele, que ninguém o vê por aqui?

JOSEFA — Naturalmente é alguém que veio tomar banhos de mar. Talvez esteja numa daquelas casinhas isoladas lá no princípio da estrada.

REGINA — Isto me preocupa tanto, Josefa!

JOSEFA — Eu não vejo razão para isto.

REGINA — Eu não sei quem é esse homem. E Luizinha é tão ingênua...

JOSEFA — A ingenuidade de Luizinha não é assim tão grande, Heloisa. Luizinha é inteligente e esperta como ninguém. E eu tenho pena é do pobre homem.

REGINA — Pena de quem, Josefa?

JOSEFA — Do pobre turista, que a essas horas já deve estar estupidamente apaixonado. **Você não conhece a sua filha.**

REGINA — Bem. Eu sei que ela sempre foi de uma preciosidade espantosa.

JOSEFA — Luizinha tem coisas de uma mulher madura, Heloisa.

REGINA — Realmente. A personalidade de minha filha é a mais completa possível.

JOSEFA — Então não se preocupe. Luizinha sabe o que está fazendo. Eu tenho absoluta confiança na inteligência de Luizinha.

(Música)

LUIZINHA — Não me atormente com perguntas, meu querido. Eu não lhe posso responder.

ANDRÉ — Mas Sereia, eu tenho pressa. Eu preciso tomar uma resolução. Eu não quero ir embora sem uma resposta sua. Então que se portar. Eu não posso mais viver sem você.

LUIZINHA — Vá embora, Netuno. E eu ficarei aqui à espera de sua volta. O Rio de Janeiro não é assim tão longe. Um dia você voltará.

ANDRÉ — Para não encontrar mais você?

LUIZINHA (amargurada) — Não há perigo. Eu não sairei daqui.

ANDRÉ — E' estranho. Você fala com a amargura de uma prisioneira.

LUIZINHA — E eu sou quase isto, meu amor.

ANDRÉ — Deixe-me então levá-la comigo. Oh, Sereia, será horrível viver sem você.

LUIZINHA — Já lhe disse que vá embora. Eu esperarei o seu regresso. Eu não sairei daqui.

ANDRÉ — Você promete que me espera?

LUIZINHA — Prometo, meu querido. Vá tranquilo que eu o esperarei.

ANDRÉ — Infelizmente, minha adorada, eu tenho mesmo que partir. Serão talvez três ou quatro meses de ausência... e serão séculos para mim...

LUIZINHA — E eu espero que na sua volta já me seja possível lhe dizer quem sou.

ANDRÉ — E eu, antes de ir embora, quero lhe contar minha vida, quero também lhe fazer a minha revelação.

LUIZINHA — Amanhã ou depois, não é?

ANDRÉ — E por que não pode ser hoje?

LUIZINHA — Você me disse que o que tem para contar é uma coisa muito triste?

ANDRÉ — E' uma história bem triste. E eu só a contarei na hora da despedida.

LUIZINHA — Eu acho que a gente deve sempre adiar as coisas tristes. Olhe como a natureza está festiva. Veja a dança da luz sobre o mar. Repare como a espuma espreguiça feliz! As velas dos barquinhos. Parece que estão acenando para essa alegria que anda no ar. E você vai partir (chora). Oh, Netuno... não parta num dia assim! Eu não quero acabar odiando este mar que é tão meu amigo, esta natureza que sempre me confortou. Eu vou lhe fazer um pedido.

ANDRÉ — Peça, meu bem.

LUIZINHA — Espere que chova. Espere que faça uns dias bem feios. Aí então você partirá. Você me promete? Eu não o quero ver partir num dia de sol como o de hoje. Promete, Netuno? Você me fará esta vontade, meu bem?

ANDRÉ — Você é irresistível. Você é bem uma sereia! Eu lhe prometo, meu amor.

(Música)

ANDRÉ — Senhor telegrafista. Tenha a bondade. Veja se pode seguir ainda hoje este telegrama.

TELEGRAFISTA — E' para o Rio de Janeiro, não é? Mas a sua letra é muito complicada ou talvez o senhor tenha escrito muito às pressas. O que é isto, aqui?

ANDRÉ — Escreva. Vou lhe ditar o telegrama.

TELEGRAFISTA — É, eu acho melhor.

ANDRÉ — Mande suspender encomenda de quarto no hotel. Não sei ainda quando estarei aí.

(Música)

LUIZINHA — *Resolada*

JOSEFA — O que há, Luizinha?

LUIZINHA — Você, que entende dessas coisas como um marinho, sabe quando vai chover? Que é que diz aquele tal almanaque que você acha tão infalível?

JOSEFA — Se é infalível, hein? Aquilo é de uma certeza absoluta.

LUIZINHA — E então, Josefa? Quando é que vai chover? Outro dia, folheando o tal almanaque, me pareceu que agora é a época das secas, não é?

JOSEFA — É, sim; tão cedo não choverá. Mas por que esse interesse, Luizinha? Você estará fazendo alguma planificação?

LUIZINHA — Estou, sim, Josefa. Eu estou cultivando a flôr mais rara que o mundo já conheceu!

(Intervalo)

WALTER — Então, sr. Levy? Não há notícias da Suzete?

LEVY — Não. Sei apenas que foi para o Rio que ela fugiu. Mas não consegui saber onde está.

WALTER — Isto é uma grande massada. O senhor não compreende que aquela criatura pode nos trair?

LEVY — Mas que quer que eu faça?

WALTER — O senhor foi muito relaxado. Não devia ter deixado Suzete escapulir.

LEVY — Mas escapuliu. E agora? Que é que eu posso fazer?

WALTER — Mas é preciso encontrá-la, sr. Levy. O senhor tem a obrigação de nos devolver aquela mulher. Ela pode nos denunciar. Pode estragar os nossos planos. Além disso ela é uma mulher inteligente, bonita, uma mulher elegante e muito nos poderia ajudar...

LEVY — Quanto a denúncias ela não pode fazer grande coisa, porque eu nunca lhe contei nada de meus negócios. Ela ignora tudo, sr. Walter.

WALTER — As mulheres são perigosas! A gente pensa que elas não sabem de nada, e quando menos se espera elas sabem de tudo ainda melhor do que nós. Não se fie nisso, não.

LEVY — Mas eu conheço bem a Suzete! Mesmo que soubesse de alguma coisa ela não teria coragem de me trair.

WALTER — As mulheres são perigosas! A gente pensa fôsse capaz de fugir. E o que se viu foi isto — que ela o deixou com uma cara de bôbo, hein?

LEVY — Ela fugiu por causa da mãe. Era sempre aquela mania de querer ver a mãe, de escrever para a mãe. Garanto que foi só por isso que ela fugiu.

WALTER — Mas é preciso fazê-la voltar.

LEVY — Mas que posso fazer? Apenas esperar que ela tenha saudades minhas e volte para mim.

WALTER (rindo) — Saudades suas... Mas que esperança louca, sr. Levy! A Suzete com saudades suas! Tem muita graça! A Suzete voltar pelo amor que lhe tem! (ri).

LEVY — E por que não? Que sabe o senhor? Por que essa caçoada? Acaso será com saudades suas que ela há de voltar?

WALTER — Bem. Eu não quero saber de discussões.

Mas o fato é que essa mulher precisa voltar para aqui. O senhor sabe que a Suzete está no Rio de Janeiro. Não precisa esperar a mãe, não. É um pedido de ajuda. Ela deve ter observado muitas coisas e pode contar muitas coisas por aí.

LEVY — Mas que posso fazer? Mais uma vez eu lhe pergunto. (Ironicamente) Porventura quer que eu me queixe à polícia?

WALTER — Polícia? O senhor endoideceu?

LEVY — Seria o meio mais fácil, não é? (ri).

WALTER — Vamos deixar de brincadeiras. O senhor conhece bem o rigor da nossa organização. Vá buscar a tal Suzete. Descubra-a de qualquer maneira. Do contrário nós o castigaremos, sr. Levy. E o senhor não ignora o quanto é duro o nosso castigo. A Suzete precisa voltar para aqui.

LEVY — Eu sei por que esta sua ordem sobre a Suzete. Eu já compreendi, há muito tempo, sr. Walter. O seu interesse é outro. E eu sei bem qual é...

WALTER — Que quer dizer com isto?

LEVY — Quero dizer o que o senhor bem sabe. Pensa que eu não vi o seu vôo p'ra cima da Suzete?

WALTER — Mas... mas que desafio é este? Eu não sei onde estou que não lhe faço engulir esse atrevimento.

LEVY — Mas é uma verdade, ou não é?

WALTER — Verdade ou não, eu não quero discutir. Lembre-se de que aqui no Brasil o seu chefe sou eu, hein? E não me repita esse atrevimento. Agora eu lhe ordeno, como chefe, que vá ao Rio de Janeiro e nos traga de volta a Suzete, ouviu?

LEVY — Mas eu não sei onde achar a Suzete.

WALTER — Eu estou vendo que o senhor deseja ser denunciado aos nossos superiores como traidor, hein? E é o que farei se a volta de Suzete não se realizar.

LEVY — Está bem. Eu irei ao Rio procurá-la.

WALTER — Vá. E não me apareça aqui sem ela.

(Música)

(Batidas numa porta)

LUIZINHA (despertando) — Han... quem é?

(Batem de novo)

LUIZINHA (mais alto) — Quem é?

JOSEFA — Sou eu, Luizinha. Você não pediu que a acordasse bem cedo? São cinco horas, Luizinha.

LUIZINHA — Ah, sim... obrigada, Josefa. Eu já vou me levantar. (Chamando) Josefa!

JOSEFA — Que é, Luizinha?

LUIZINHA — Como está o tempo hoje?

JOSEFA — A esta hora ainda não se sabe. O sol ainda não apareceu. Mas levante-se. Venha tomar café.

LUIZINHA — Já vou, Zefinha. Já vou. Deixe primeiro eu abrir a janela.

(Pausa; passos no quarto e janela que abre)

LUIZINHA — É. O dia ainda está meio escuro! Mas eu tenho esperanças em ti, ó sol. Meu camarada, meu grande amigo! Vamos prender ainda uns dias nos teus raios aquele ingrato que já quer fugir.

(Música)

LUIZINHA — Bom dia, Helene. Então, você foi a uma dragada? Despertou com facilidade?

ANDRÉ — Eu não durmo mais, meu amor. Quando me deito, apenas me entrego aos braços do sonho. E é você que enche as minhas horas de vigília. Você me preocupa, você me absorve, você me domina!

LUIZINHA — Obrigada, Netuno. Como é bom ouvir estas coisas! Você é tão gentil.

ANDRÉ — Isto não é gentileza. É o meu sentimento que está falando, Sereia. Você me absorve, você me domina!

LUIZINHA — Então, vamos à nossa excursão? Eu trouxe umas coisas bem gostosas para comermos no caminho. Vamos caminhar bastante, acordámos muito cedo e, com certeza, o apetite vai ser grande, não é?

ANDRÉ — Escute aqui, Sereia, você já reparou como não choveu mais depois da promessa que eu lhe fiz?

LUIZINHA — Que promessa, Netuno?

ANDRÉ — Não se lembra mais, meu amor? Eu não lhe prometi que só iria embora quando chovesse?

LUIZINHA — Ah, é mesmo! E você está contrariado por causa disso?

ANDRÉ — Não, minha querida. Eu gosto até de me poder dar essa desculpa. As cartas chegam me chamando todos os dias, mas eu digo para mim mesmo: "eu não tenho culpa; enquanto não chove não posso ir."

LUIZINHA — Pois é. Você é um homem de palavra. Assumiu um compromisso e agora é preciso cumprir. Mau grado o sacrifício, não é?

ANDRÉ — Sacrifício? Felicidade, isto sim. Sentir esta mãozinha assim dentro da minha mão, este bracinho roliço apoiado no meu braço, estes cabelos negros roçando na minha face, estes olhos tão verdes assim dentro dos meus! Isto é a suprema felicidade, meu amor (pausa). Você sabe a vontade que às vezes me dá?

LUIZINHA — Não. Qual é?

ANDRÉ — Comprar uma rede, um barco de pesca e ficar aqui. Esquecer o resto da vida ao seu lado, Sereia. E numa dessas casinhas viver com você, minha querida, alheio ao resto do mundo.

(Música)

REGINA — Então, Josefa? Luizinha ainda não lhe disse nada?

JOSEFA — Não. Até agora não me disse nada. Mas eu percebo que ela vive preocupada. Inda outro dia eu a encontrei aqui na varanda com a cabeça entre as mãos, como quem estava pensando numa coisa muito séria. Chamei-a. E quando ela me olhou eu vi que estava chorando.

REGINA — E você não lhe perguntou o que tinha?

JOSEFA — Perguntei. E ela me respondeu:

(Música)

(Cena retrospectiva)

LUIZINHA — Estava pensando na minha vida, Josefa.

JOSEFA — E por isso você estava chorando?

LUIZINHA — E havia razão para rir?

JOSEFA — Mas também me pareceu que não há razão para chorar.

LUIZINHA — Olhe, Josefa, a melhor é a gente não discutir este assunto. Eu prometi nunca mais tocar nestas coisas e quero cumprir minha promessa. Até o dia em que me for possível levantar a cabeça e gritar bem alto o nome de meu pai.

JOSEFA — E eu estou certa de que muito breve chegará esse dia para você.

LUIZINHA — Deus queira que não chegue tarde, Josefa.

(Música)

(Volta à cena anterior)

REGINA — Como isto me preocupa, meu Deus! E eu não posso chegar junto de minha filha e lhe pedir que me abra o seu coração. Você compreende, não é? Ela poderia me fazer outras tantas perguntas. E é isso que eu quero evitar. Por enquanto prefiro não ter um entendimento com ela, até...

JOSEFA — Até o que?

REGINA — Até que me venham notícias do Luiz. O Zé Pedro tem ido sempre a São Paulo. Tem procurado saber, tem feito indagações. Eu, por minha vez, tenho lido sempre os jornais. E por isso espero, mais dia menos dia, poder tomar alguma resolução.

JOSEFA — Deus queira que tudo se resolva bem.

REGINA — Mas o que será que está preocupando a Luizinha?

JOSEFA — Então você acha que ela pode estar satisfeita? Com certeza ela se sente humilhada diante do rapaz. É natural que ele queira saber alguma coisa da sua família. E ela? Que lhe vai dizer?

REGINA — Deve ser isso mesmo. Coitada de minha filha! Eu preciso colocá-la no lugar que lhe compete. Mas será que esse homem que a gente não sabe quem é, está à altura de Luizinha?

JOSEFA — Luizinha não escolheria um homem que não fôsse digno dela. Além disso, como já lhe disse, pelos livros que ele tem emprestado a ela e que eu tenho visto lá no seu quarto, ele deve ser um homem de grande instrução. E a Maria das Rendas me disse que, outro dia, eles passaram por ela conversando numa língua estrangeira.

REGINA — Que Deus proteja a minha filha, já que eu, criminosa como me sinto diante dela, não posso ter a força moral necessária para guiá-la.

JOSEFA — Não se preocupe, Heloisa. Sua filha é bastante inteligente para se conduzir. Luizinha é uma grande mulher!

(Música)

(Batem à porta)

ALZIRA (Tia) — Dá licença, Josefa?

JOSEFA (longe) — Pode entrar, tia Alzira. A porta está encostada. Eu estou aqui no quarto de Luizinha.

ALZIRA — Bom dia, Josefa. A Luizinha já saiu?

JOSEFA — A senhora já não sabe? Mal amanheceu ela vai correndo para o mar.

ALZIRA — Então agora que ela já tem um companheiro, hein? Agora mesmo que a praia está boa para ela. Eu



Confortavel Dependencia

Nada é mais agradável que um belo lar ornamentado com simplicidade e bom gosto. Justamente por esta razão é que apresentamos hoje aos nossos leitores esta interessante sala de estar, própria para uma residência no campo. Poucos móveis são suficientes para embelezar o ambiente: uma pequena mesa ao fundo, o divã, poltronas acolchoadas e uma estante completam o pequeno mobiliário, que torna este compartimento elegante e confortável.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

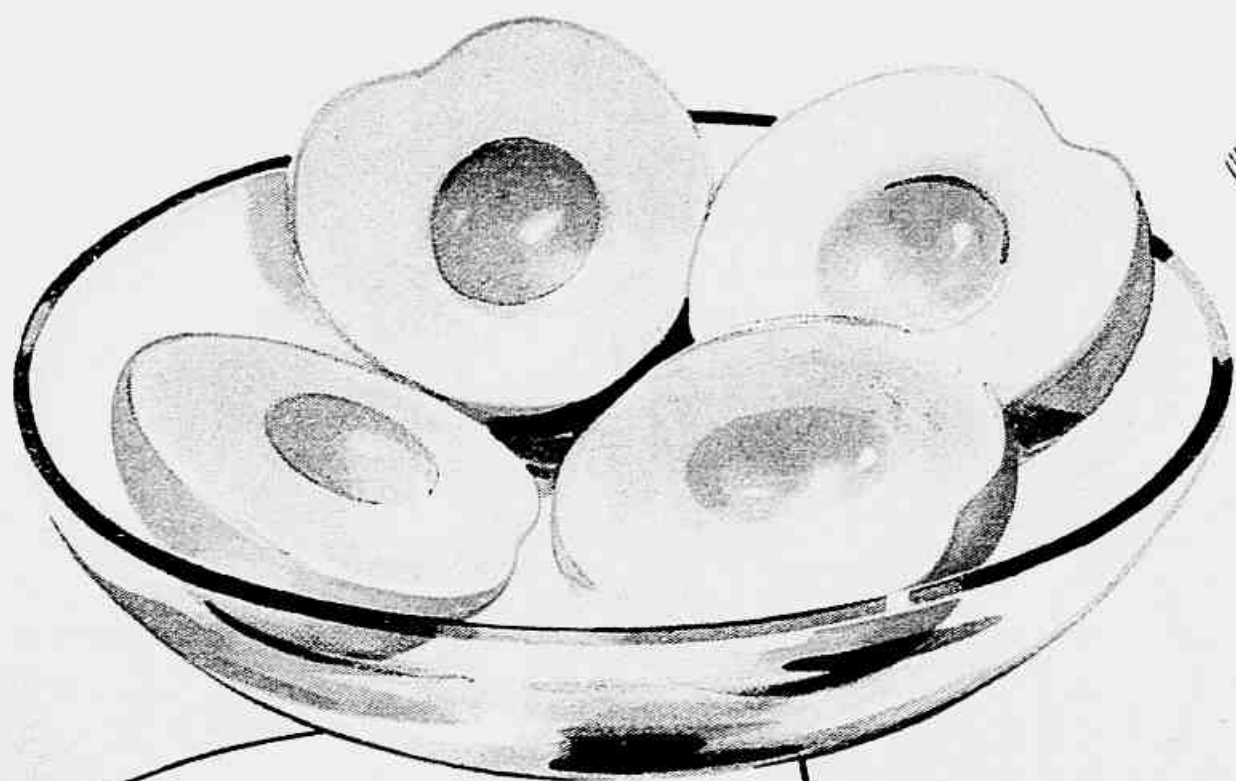
65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Com um... com outro... ou com os dois...

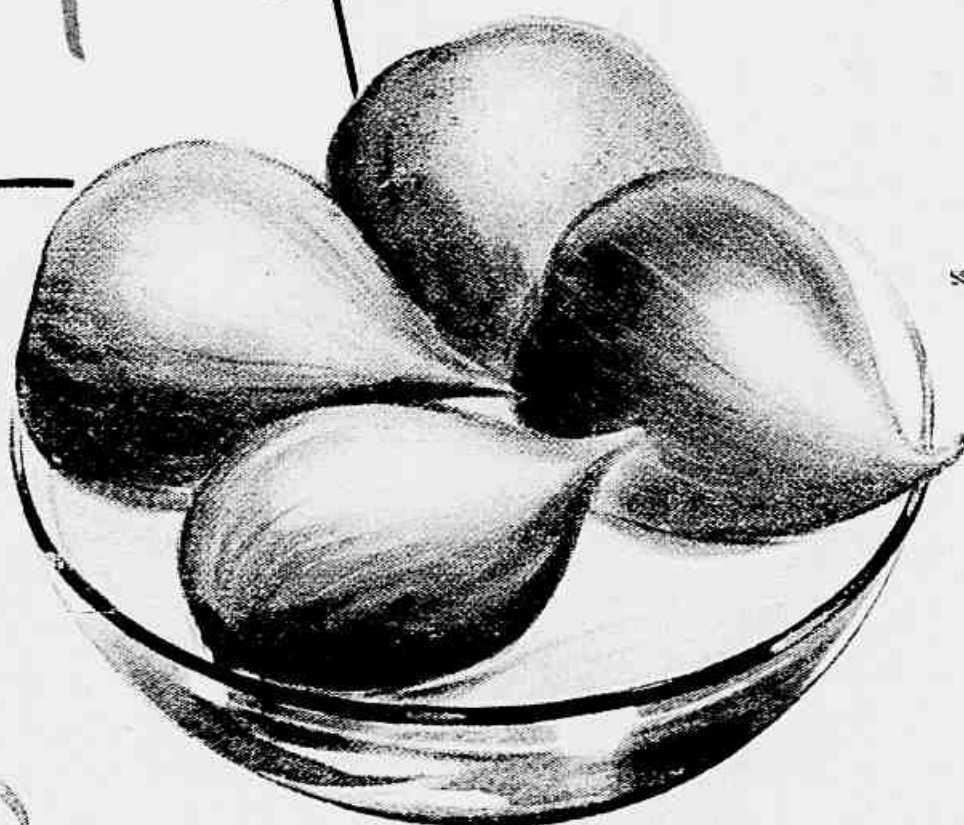
faça da sobremesa uma doce

surpresa!



Damascos ou
Figos em compota

Sirva Damascos Delrio e veja com que alegria a família e os convidados aplaudem esta sua excelente escolha! Delicioso tipo de pêssego, esta fruta encanta porque é gostosa, delicada, diferente. E Delrio, com seu processo exclusivo, conserva na Compota de Damascos todo o seu sabor natural. Sirva-a sempre em taças, aproveitando também a calda.



Ouçá este programa oferecido por DELRIO: "Papel Carbono". No Rádio Club do Brasil (860 kcs.) todas as 3as-feiras às 21.35. Um antigo favorito. O mais interessante programa de amadores, revelador de novos talentos.

Quando preferir Figos, exija a Compota Delrio — uma qualidade padrão, o paladar legítimo da fruta amadurecida na própria árvore. Sirva Figos... ou Damascos... ou os dois... e deixe que as preferências se manifestem. Seja qual for a decisão, tenha a certeza dos parabéns pelo seu bom gosto. Para garantir-se, peça sempre pelo nome Delrio — marca das melhores conservas que se fabricam no Brasil.

Delrio

COMPANHIA INDUSTRIAL DE CONSERVAS DELRIO - RIO DE JANEIRO

GRANT